

A romantic couple is shown in a close embrace, kissing. The woman has long brown hair and is wearing a red coat. The man is wearing a dark jacket and a brown scarf. They are surrounded by falling yellow and orange autumn leaves. The background is a soft-focus outdoor setting with trees and foliage.

Mossa História

L . S Y M O N E

Autora de "Encontrando um Bilionário"



Nossa História
L. S Y M O N E

Direitos autorais © 2016 L. SYMONE

Revisão: Raquel Escobar

Capa: Dri K. K. - Capista

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer

meios existentes sem autorização por
escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção qualquer
semelhança, com nomes, pessoas, locais
ou fatos, será mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova
Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a
reprodução de qualquer parte dessa obra
através de quaisquer meios – tangível ou
intangível – sem o consentimento por
escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido pela lei nº. 9.610/98 e
punido conforme artigo 184 do Código
Penal Brasileiro.

Agradecimento

Preciso agradecer muito a Deus por ter me dado o prazer de finalizar mais um trabalho. Escrever esse livro foi apaixonante e surpreendente. Os personagens me fizeram sorrir e chorar e simplesmente amo quando isso acontece.

Também quero agradecer as minhas betas e amigas Jéssica Driely e Danny Costa que sempre embarcam comigo nesses romances e amaram a história tanto quanto eu, não me deixando nem dormir pedindo por mais capítulos, é um prazer concluir mais um trabalho junto com vocês.

A todos os leitores que me

acompanham e esperaram paciente por
esse trabalho, minha eterna gratidão.

Vocês são demais!

Ao meu marido por toda
paciência enquanto me tranco no quarto
para escrever e por todo apoio que dá
ao meu sonho.

Obrigada pelo carinho de
sempre, amo vocês.

Prólogo

Chego à faculdade e praticamente corro pelos corredores largos que levam até as salas de aula. Estou animada para encontrar com o Felipe. Hoje estamos completando quatro anos de namoro. Conhecemo-nos no ensino médio e estamos juntos desde então. Bom, no último ano estamos tendo algumas crises, mas sei que isso é só para fortalecer nossa união.

E hoje o dia é muito mais do que especial; ontem descobri algo que vai mudar nossas vidas e estou ansiosa para

contar ao Felipe.

No entanto, quando chego à sala de aula, toda minha felicidade se esvai. Felipe está conversando animadamente com uma garota, que ousadamente está sentada em meu lugar. Caminho até eles, furiosa e, quando chego, jogo meus livros em cima da mesa, assustando-os.

— O que está acontecendo aqui?

— Indago, ríspida.

Felipe me olha de forma mortal e simplesmente o ignoro.

— Estamos conversando, Isis — ele responde.

— De uma forma bem íntima pelo que estou vendo — ataco.

— Isis, por favor...

A garota, que não tenho a mínima ideia de quem seja, sai, deixando-nos a sós. Sento-me em meu lugar, fuzilando Felipe com o olhar, mas ele não diz nada.

A professora entra na sala e logo a aula começa. Cursamos medicina e esse é um dos muitos sonhos que temos em comum. Olho de soslaio para Felipe e vejo que ele está morrendo de raiva. Ele não dirige a palavra a mim em nenhum

momento. Quando finalmente a aula termina, decido me manifestar.

— Por que está chateado comigo? — pergunto quando estamos chegando perto do estacionamento.

Ele para de andar, olhando-me pacientemente.

— Você realmente acha que essas suas cenas de ciúmes são normais? — indaga, mas responde por mim. — Não são, Isis — fico em silêncio. — Você não percebe como isso tem nos afetado? — entoa em um tom mais firme.

— Podemos não falar sobre isso aqui? — peço.

— E quando vamos falar, Isis?

— Qualquer hora, só não aqui, por favor.

— Você tem algum compromisso agora? — ele abre a porta do carro para mim e entro. Espero ele dar a volta e se sentar para responder.

— Meu pai quer me ver no hospital — ele suspira.

— Eu deixo você lá e te vejo mais tarde, na minha casa.

— Tudo bem — respondo com o

coração na mão.

Alguns minutos depois, Felipe me deixa em frente ao hospital do meu pai e vai embora sem me dar nem mesmo um beijo de despedida.

Quando eu disse que no último ano estávamos enfrentando problemas, eu deveria ter dito que a culpa é toda minha. Eu não sei como aconteceu, mas de uma hora para outra, comecei a sentir um ciúme desenfreado de Felipe. Nossa relação sempre foi muito saudável e, como eu não consigo refrear meus ciúmes, isso tem sido um inferno para

nós. Depois que cometo a ação impensada, sinto-me péssima. É sempre assim; ajo por impulso e depois me arrependo.

Felipe é um ótimo rapaz; ele me ama e cuida muito bem de mim. Namoramos desde o ensino médio e estar com ele é mágico, mas meu ciúme tem transformado nossos últimos encontros em brigas.

Respiro fundo antes de entrar no hospital. Eu sei o que meu pai quer. Tentei evitá-lo o máximo que pude, mas em algum momento temos que encarar os

nossos problemas e o meu momento chegou.

O Sr. Lorenzo Chez é meu pai e fundador do hospital Helena Chez, nome da minha falecida mãe. Este hospital é seu maior orgulho e, quando me formar, pretendo trabalhar aqui, prosseguindo com o nome da família.

Entro na área administrativa e cumprimento as meninas que conheço, logo depois sigo para a sala do meu pai. Eu nunca deveria ter feito aquele exame aqui, ele com certeza seria avisado. Bato na porta e entro sem esperar uma

resposta.

— Você está grávida?! — ele indaga assim que entro em seu campo de visão.

— Pai, por favor, fica calmo — caminho em sua direção.

— Não acredito nisso... — ele diz, afrouxando a gravata, e sento no seu colo, aninhando-me em seus braços; sempre fiz isso desde criança. — Você só tem dezenove anos, Isis — ele diz, choroso.

— Eu sei, pai, mas vai dar tudo certo. Pensa pelo lado positivo, você

vai ser avô — digo, sorrindo com lágrimas nos olhos.

Ele sorri, emocionado.

— O que o Felipe disse? — ele indaga, como o pai responsável que é.

— Eu vou contar para ele hoje.

— Isis, esse não é o futuro que imaginei para você, mas creio na sua capacidade de fazer tudo isso dar certo, então só posso dizer que você pode contar comigo — ele me abraça e acabamos chorando. Minha mãe faleceu quando eu era criança e sabemos que ela adoraria estar conosco nesse momento.

Depois de ficar um tempo com meu pai, despeço-me e sigo para a casa do Felipe. Nós não temos a mesma classe social. Quando nos conhecemos no ensino médio, ele era bolsista. Meu pai nunca se importou com isso, muito pelo contrário; quando não passamos no vestibular da faculdade pública, meu pai insistiu em pagar pela mensalidade do Felipe. Ele rejeitou e até chegamos a brigar por isso, mas no fim ele aceitou com a condição de pagar tudo ao meu pai depois de formado. Sua família ficou muito feliz por meu pai ter realizado o

sonho que eles não poderiam dar a Felipe. Ainda estamos no primeiro período da faculdade, mas o tempo passa muito rápido e logo vamos estar trabalhando juntos.

Felipe mora na Baixada Fluminense e toda vez que vou lá, pego um táxi, mas como queria tomar um banho e entregar a ele os sapatinhos que comprei para o nosso bebê, passei em casa, peguei meu carro e cheguei meia hora depois em sua casa.

— Felipe! — chamei pela fresta do portão e logo ele apareceu.

Lindo como sempre.

Felipe tem uma beleza que nunca vai deixar de me impressionar; amo seus cabelos desgrenhados e sua barba por fazer, suas sobrancelhas grossas e seus olhos pequenos e puxados... Como é lindo.

Mais lindo ainda só de boxer, como ele apareceu para abrir o portão para mim.

— Assim eu fico vermelha, amor
— beijo seus lábios e ele sorri.

Isso é bom, é sinal de que não está tão chateado como antes.

— Entra, amor — ele abre a porta para mim, mas meu sorriso some quando vejo sua prima, Lua, saindo do quarto dele somente de lingerie.

Lua nunca gostou de mim, por isso sei o quanto este flagra significa para ela, mas isso não vai ficar assim. Olho para trás, encarando Felipe, e antes que ele possa dizer qualquer coisa, já estou em cima dela.

Ela grita como a vadia que é, enquanto está caída no chão. Esbofeteio seu rosto com toda a força que tenho. Felipe tenta me tirar de cima dela, mas

arranho seu braço e continuo deixando o rosto da vadia vermelho. Fernando, seu irmão, aparece e ajuda Felipe a me segurar.

— O que essa louca pensa que está fazendo?! — ela grita quando fica em pé.

— Isso é para você aprender a não transar com o namorado de outra! — grito, nervosa.

— E você por acaso namora o Fernando agora?! — ela diz, sarcástica.

Se eu tivesse pensando duas vezes antes de ter feito o que fiz, talvez

meu mundo não tivesse ruído da forma que se sucedeu depois deste trágico acontecimento.

— Isis, a Lua e eu estamos namorando — Fernando esclarece e só agora percebo que ele está de cueca.

Olho para o Felipe, tentando entender o que está acontecendo, e ele me pega pelo pulso, levando-me para o quarto dos seus pais.

— Não acredito no que você acabou de fazer!

— O que você queria que eu fizesse? Ela estava saindo do seu

quarto! — acuso.

— O quarto que, por sinal, divido com o Fernando! Eu estava no banho quando você chegou, Isis, não quis deixar você lá fora sozinha, esperando, enquanto me vestia — ele suspira, sentando-se na cama.

Meu Deus, o que fiz...

— Felipe, me desculpa, eu...

— Você achou que eu tinha acabado de dormir com minha prima e tinha ido abrir a porta para você — ele sorri, triste. — Que tipo de homem você acha que sou?

— O melhor de todos, me perdoa — peço com lágrimas descendo por meu rosto.

— Isso só prova o que eu estava tentando dizer antes, Isis — ele diz com os olhos cheios de lágrimas.

— Não faz isso, Felipe — minha voz não passa de um sussurro.

— Não está da dando certo, Isis, não sei como chegamos nessa situação. Você perdeu completamente o controle. Esse último ano tem sido difícil. Brigas e mais brigas.

— Estou grávida — sei que é

ridículo eu tentar segurar um homem por causa de uma gravidez, mas mesmo assim, digo a única coisa que pode fazê-lo mudar de ideia.

— O quê? — ele indaga, surpreso.

— Descobri ontem que estou grávida — pego o envelope na minha bolsa e entrego-o a ele.

Felipe pega o envelope, abrindo-o. Ele lê por alguns segundos e me encara. Seu olhar me diz que ele não está acreditando e decido deixar ele pensar sozinho.

Saio de sua casa o mais rápido que posso, entro no carro e sigo para minha casa.

Como sou estúpida! Por que não deixei ele explicar o que estava acontecendo antes de agir como louca e estragar tudo? As lágrimas atrapalham minha visão, por isso decido reduzir a velocidade, indo mais devagar. No entanto, o carro que estava saindo para pegar a rodovia não prestou atenção à sua frente, pois ele não reduziu a velocidade. Olhando pelo retrovisor, tento tirar meu carro da sua frente, mas é

tarde demais.

Ouçó e sinto o impacto. É apenas neste momento que percebo que estou sem cinto de segurança. Minha garganta trava e minha visão perde o foco até que tudo não passe somente de escuridão.

Capítulo I

Nove anos

depois...

— Pai, por que o senhor não me contou antes como estava a situação do hospital? — indago completamente irritada com ele.

— Não queria preocupar você, Isis — ele suspira.

— E agora está acontecendo exatamente isso! — ele me olha,

magoado, e me sinto péssima.

Caminho até ele e me sento em seu colo, como sempre faço. Não ligo para minha idade, ele é meu pai e sempre vou querer o colo dele.

— Desculpa, pai, sei como isso é difícil para o senhor — seco uma lágrima que desce por seu rosto e beijo sua bochecha.

— Tudo bem, minha querida...
— ele sorri. — Conseguimos um novo investidor e agora podemos seguir em frente.

— Mas o hospital não será só

seu, pai.

— O importante é que ele continuará com o nome da sua mãe e atendendo às pessoas.

— Eu entendo. E quando vou conhecer o investidor? — indago, curiosa.

Algumas batidas na porta nos interrompem e meu pai pede que a pessoa entre.

— Amor, acabei de receber uma ligação da clínica, estão precisando de mim. Posso te encontrar em casa?

— Claro, querido — sorrio.

Levanto do colo do meu pai e Leandro se aproxima, beijando minha bochecha. Ele cumprimenta meu pai e sai logo em seguida.

— O que vocês estão planejando fazer para comemorar o aniversário de casamento?

— O Leandro pretende me levar para jantar fora.

— Três anos de casamento precisa ser comemorado com mais do que um jantar, querida — meu pai diz, condescendente.

— Não estamos no clima, pai —

respondo simplesmente.

O silêncio recai sobre a sala, abalando-me um pouco.

— Desculpa, meu amor — meu pai pede, confortando-me com um abraço.

Somos interrompidos novamente, mas dessa vez pela secretária do meu pai. Ela informa que ele tem visitas.

— Isis, preciso ir ver essas pessoas na sala de reunião, mas preciso que fique aqui para receber nosso investidor — ele diz, já saindo da sala.

Não consigo perguntar ao meu

pai mais informações sobre o investidor. Sento-me em sua cadeira e é inevitável pensar no que meu pai acabou de falar.

Realmente, Leandro e eu vamos comemorar três anos de casamento, mas não estamos no clima para comemorações. Há seis meses, sofri um aborto espontâneo e não estamos lidando bem com a situação. Suspiro, tentando evitar as lágrimas que se formam. Fecho os olhos, buscando controle, mas não consigo e acabo chorando como se isso fosse aliviar minha dor.

— Você está bem?

Gelo por dentro quando ouço
essa voz.

Levanto meu olhar, não
acreditando em quem estou vendo.

Felipe.

— Você está bem? — ele repete
a pergunta de forma paciente.

Constrangida, seco minhas
lágrimas.

— Sim, estou bem, obrigada —
forço um sorriso, mas olho meio em
choque para ele.

Ele se aproxima e eu me levanto

da cadeira, fazendo o mesmo. Quando paramos um de frente ao outro, consigo manter meus pensamentos em ordem. Felipe não mudou com os anos; ele ganhou um ar mais maduro, é claro, mas seu rosto ainda era do mesmo garoto que namorei anos atrás. Seu cabelo castanho e sua barba por fazer sempre foram o que mais admirei nele. Seus lábios finos, seu olhar penetrante... Meu Deus, o que estou pensando?

— Como vai? — estendo a mão para cumprimentá-lo.

Ele sorri...

— Estou bem — cumprimenta-me de volta.

Antes que um silêncio constrangedor se instale, indago formalmente:

— Não sabia que você estava de volta ao Brasil.

— Seu pai não contou? — ele indaga, confuso, franzindo a testa.

— Contou o quê?

— Que sou o investidor do hospital.

Putz!

— Eu... eu não sabia — tento

não parecer ainda mais chocada com a informação. — Mas fico feliz que seja você, pois ama esse hospital tanto quanto nós — sorrio.

— Estou feliz, também — ele sorri.

Por favor, não sorria assim...

Novamente batidas na porta e, dessa vez, a realidade bate com força.

— Felipe, estou pronta para ir — Patrícia, a esposa grávida dele, entra na sala. — Olá, Isis! — ela sorri e caminha em minha direção, abraçando-me.

— Oi, Patrícia — correspondo educadamente.

— Isis, você pode avisar ao seu pai que estive aqui e que mais tarde volto?

— Pode deixar — eles sorriem e saem da sala do meu pai de mãos dadas.

Quando a porta se fecha atrás deles, é impossível não lembrar...

— *Vou ficar ao seu lado, Isis — Felipe diz após a terrível notícia que acabamos de receber.*

— *Perdi meu bebê... perdi meu bebê... não acredito que perdi meu*

bebê! Deus!! — choro descontroladamente; que dor é essa, meu Deus?! Mesmo sabendo que estava grávida há pouco tempo, já sinto um vazio enorme dentro de mim e esse vazio dói muito.

— Calma, Isis, estou aqui — Felipe pede, tentando me acalmar, mas a dor que estou sentindo não me permite nem mesmo pensar com clareza.

A enfermeira entra no quarto e aplica um tranquilizante em meu cateter. Quando a inconsciência

começa a me atingir, tudo o que penso é em meu bebê morto.

Duas semanas depois do meu acidente, eu ainda estava no hospital. Fisicamente, eu já estava bem para receber alta há vários dias, mas fui diagnosticada com depressão e meu pai achou melhor me manter em observação. Felipe me visitou todos os dias, ficou ao meu lado como o bom homem que é. No entanto, quando fui liberada para casa, precisei fazer o que devia...

— Isis? — sou tirada dos meus

pensamentos pela presença do meu pai.

— Você fez de propósito! —
acuso.

Meu pai sorri de forma sarcástica e se faz de desentendido.

— O que eu fiz?

— Não se faça de inocente,
Lorenzo Chez!

— Eu precisava de um investidor e Felipe me procurou há alguns dias, perguntando se havia uma vaga de cirurgião no hospital. Vendo minha situação, acabamos conversando e contei o que estava acontecendo. Ele

se ofereceu, Isis — ele dá de ombros. — Felipe ama este lugar, ele cresceu aqui até ir fazer carreira no exterior. Ele voltou e o primeiro lugar que procurou foi o Helena Chez.

— Eu sei o quanto esse hospital é importante para ele, pai. E sei que o senhor tomou a melhor decisão — toco seu ombro e o abraço.

— Obrigado, querida.

— Agora tenho que ir — beijo seu rosto e saio do hospital sentindo um aperto em meu peito que há muito tempo não sentia.

Nossas vidas tomaram rumos completamente diferentes. Nossas escolhas nos levaram onde estamos hoje e sei muito bem que quem deu o primeiro passo fui eu. Mas aquele acidente me mudou e, conseqüentemente, mudou minha vida...

A depressão me seguiu durante meses. Eu queria morrer, assim como meu bebê. Se uma criança inocente morreu, por que eu deveria viver? Não é justo e nunca foi. Tentei suicídio uma vez. Eu não pensei em mais ninguém além de mim mesma. Eu só queria tirar

aquela dor de dentro de mim. Decepcionei meu pai e o Felipe. Depois de inúmeras terapias, decidi que queria tentar viver. Tentei me adaptar à minha vida novamente e seguir em frente. Como estava errada...

Todos na faculdade me olhavam com pena, até mesmo o Felipe. Seis meses tinham se passado e nunca conversamos sobre o que houve, eu não estava pronta e acho que nunca vou estar.

Quando achei que estava me adaptando novamente, tive uma crise

de ciúmes terrível do Felipe, briguei na faculdade e fui suspensa por alguns dias. Eu estava com raiva de Deus e do mundo, só queria descontar em alguém. Felipe não me recriminou, não brigou comigo, simplesmente ficou do meu lado. E isso foi suficiente para eu entender que ele estava comigo por dó...

Desço do táxi e sigo para meu prédio. Cumprimento o porteiro e pego o elevador, que me leva até a cobertura. Leandro ainda não chegou, então preparo um banho na hidromassagem e

deixo meus pensamentos me guiarem novamente para o passado.

— *Você quer beber alguma coisa?* — *Felipe indaga quando chegamos em sua casa.*

— *Não, obrigada.*

— *O que você tem?*

— *Podemos conversar?*

Ele assente, segura minha mão e me leva para seu quarto.

— *O que foi?*

— *Precisamos terminar* — *digo de uma vez. Felipe fica em silêncio, então continuo.* — *Quero muito*

continuar sendo sua amiga, Felipe, mas precisamos terminar. As coisas não são como antes e não aguento mais viver assim.

— Do que você está falando, Isis?

— Esse ciúme está acabando com você e comigo. Não dá mais — digo com a voz embargada.

— Você pode tentar mudar.

— Felipe, há seis meses você queria terminar comigo pela mesma coisa que fiz hoje. E agora está dizendo que posso mudar? — sorrio de forma

triste. — Não preciso da sua pena.

— Isso não é pena, Isis, você está...

— Doente? — indago, cortando-o. — Por isso mesmo. Não quero isso para nós, você não precisa ir ao fundo do poço junto comigo, Felipe.

Ele me encara, triste. Seus olhos estão marejados e espero ele dizer alguma coisa, mas ele não diz nada. Quando uma lágrima desce por seu rosto, seco-a com meus lábios e me despeço.

— *Sempre vou te amar, Felipe*

— *digo com o rosto banhado em
lágrimas.*

*Não ouço sua voz, mas leio seus
lábios quando ele sussurra.*

— *Eu também, Isis...*

— *Você está chorando, amor? —*

Leandro pergunta, entrando no banheiro,
e acabo me assustando.

— *Oi, querido, não ouvir você
chegar — respondo, mudando de
assunto, enquanto disfarço minhas
lágrimas.*

— *Não dê uma dê espertinha*

comigo, Isis — ele sorri, triste.

Não respondo.

Leandro entra na banheira, ignorando o fato de que está vestido, e se junta a mim.

— Vamos ficar bem, querida — ele diz quando beija meu pescoço.

Sinto-me mal por estar chorando por um motivo diferente do que ele acha, mas não digo nada, não preciso magoar ainda mais meu marido.

— Sei que sim, amor.

Leandro fica mais algum tempo comigo na hidro, mas logo seu celular

começa a tocar. Precisam dele no hospital, houve uma emergência e ele precisa ir. Ele se sente mal por me deixar sozinha, mas eu não me importo. Essa é nossa profissão, salvar vidas. Despedimo-nos e, quando ele sai, decido me preparar para dormir. Minha vida deu uma volta de cento e oitenta graus. O que planejei, não aconteceu. Tenho uma lista com algumas tragédias em minha vida, mas aprendi a seguir em frente. Cair, sei que sempre vou; no entanto, o que importa é como vou levantar.

Felipe foi uma parte muito importante da minha vida. Revê-lo agora, depois de alguns anos, foi um choque. Ele seguiu em frente e eu também. Mas bastou vê-lo por alguns minutos para desencadear um misto de lembranças e sentimentos. Eu não me engano, não minto para mim mesma.

Felipe sempre será uma parte muito importante da minha vida e esta parte pode, sim, fazer algum estrago em meu futuro.

Capítulo II

Era por volta das duas da manhã quando Leandro mandou uma mensagem, informando que teria que fazer plantão no hospital, e acabei perdendo o sono. Por mais que tentasse não pensar, não consegui. Durante todos esses anos, não teve um dia em que não pensei em Felipe. Era uma saudade gostosa de sentir. Nunca me arrependi de ter feito o que fiz. Eu estava sufocando o Felipe; ele praticamente não tinha mais vida social, pois o controlava de maneira absurda. Quando me dei conta, naquela

briga na faculdade, de que ele estava aguentando tudo aquilo por pena ou por achar que tinha uma obrigação moral comigo, percebi que nós não merecíamos viver daquela forma.

Em algum momento ele deixaria de me amar.

Foi muito difícil. Inicialmente, tentamos manter uma amizade, afinal de contas, estudávamos na mesma sala, mas isso só fazia doer ainda mais. Fomos nos separando naturalmente. Nossos amigos da faculdade presenciaram todo o drama e não tomaram nenhum partido,

simplesmente nos apoiaram. Ainda estávamos no mesmo grupo de estudo e isso nos impediu de nos tornarmos estranhos.

E foi assim durante toda a faculdade. Felipe foi o primeiro a voltar a namorar. E nossa! Como doeu. Na época, fazíamos estágio no hospital do meu pai e ele conheceu a Patrícia, que era enfermeira. Patrícia engravidou e eles se casaram. Pensei que fosse morrer quando me contaram e chorei desesperadamente; ele teria aquilo que eu não pude dar a ele: uma família.

Senti-me uma fracassada, um nada...

Quando encontrava com Felipe nos corredores do hospital, ele mal conseguia me olhar nos olhos. Mas a culpa não era dele, ele somente seguiu com sua vida. Eu não o culpei; doeu, mas a culpa não era dele.

Ouçõ a porta da frente bater e sei que Leandro chegou em casa.

Levanto-me, colocando um robe e o encontro na sala, deixando suas coisas em cima do sofá.

— Você está exausto — digo quando vejo as olheiras ao redor dos

seus olhos.

— Um acidente de carro com uma família inteira. Precisei ficar para observar como eles ficariam.

— E estão bem? — pergunto, preocupada.

— Graças a Deus. Você deve atender uma das crianças — ele informa.

— Tinha crianças no acidente?

— Sim, mas estão bem, não se preocupe — assinto.

Leandro caminha para o quarto e o sigo.

— Preciso dormir — ele se joga

na cama.

— Descansa. Eu vou me trocar e ir para o hospital — ele sorri, beija meus lábios e vira de bruços, pegando no sono quase que imediatamente.

Uma hora depois, estou chegando ao hospital. Pago minha corrida e desço do táxi. Depois do acidente, eu não dirijo mais; o medo me paralisa e não houve terapia que pudesse mudar isso. Desde então, dependo de caronas, táxi ou Uber, o que for mais rápido. Mas eu prefiro assim.

Sou médica pediatra e trabalho

no hospital da minha família desde que me formei. Conheci o Leandro aqui; ele já era um médico renomado, cinco anos mais velho do que eu. Isso nunca foi um problema para nós; sem contar que, quando nos conhecemos, encantei-me imediatamente por ele. Os seus olhos claros me fascinavam, como as ondas do mar, e o seu sorriso de menino me fazia ficar paralisada, observando-o. Isso nunca mudou. Até hoje, às vezes me pego paralisada observando sua beleza. Casei-me com Leandro alguns meses depois de Felipe ter ido morar fora do

país com a família. Só com ele longe
consegui seguir em frente.

E agora ele está de volta.

— Meu Deus...

— Algum problema? — ouço
sua voz atrás de mim.

Salto com o susto, fazendo-o rir.

— Você precisa parar de
aparecer assim — expresso com a mão
no peito de forma dramática.

— Você que se assusta fácil —
ele implica.

Tenho vontade de sorrir, de
continuar a brincadeira, mas me

conheço. Não posso dar lugar para isso, ou corro sérios riscos de colocar tudo a perder. Então, simplesmente sorrio sem graça e sigo para dentro do hospital. Felipe não diz nada, mas segue atrás de mim em silêncio.

Vou para a ala pediátrica e ele, para a UTI. Felipe é um grande neurocirurgião; fez uma grande carreira no exterior. Lembro da sua felicidade quando foi convidado por um dos professores da faculdade para trabalhar na Califórnia. Assisti tudo isso de longe e sempre torci para que ele brilhasse, e

ele conseguiu. Hoje é dono de uma parte do hospital.

É como meu pai sempre diz, o mundo dá voltas.

E parando para pensar, que
voltas que ele dá...

$$\begin{array}{c} \cdot *') \\ , \cdot' , \cdot *') , \cdot *') \\ (, \cdot' (, \cdot' \end{array}$$

No horário do almoço, eu preferi almoçar em minha sala, não queria correr o risco de encontrar o Felipe. No entanto, sabe quando o passado bate em sua porta literalmente?

— Pode entrar — digo após baterem em minha porta.

Ele coloca só a cabeça para dentro e sorri.

— Posso me juntar a você? — pede educadamente.

Eu queria evitá-lo, mas responder negativamente nem passou por minha mente.

— Claro — sorrio.

Para minha surpresa, ele entra com uma marmita na mão e senta à minha frente e começa a comer. Encaro-o com vontade de rir diante da cara de

pau, mas me controlo.

— Pensei em almoçar com você hoje — ele diz, como se isso fosse algo normal para nós.

— Não me leve a mal — ergo as mãos em redenção —, é só que faz muito tempo desde que almoçamos juntos pela última vez — deixo escapar.

Felipe me encara por um segundo e, só pelo seu olhar, sei que ele vai dizer algo que vai mexer comigo.

— Sinto falta da minha amiga, Isis — ele larga o garfo e faca e recosta na cadeira, esperando minha resposta.

Resposta que não tenho. — Diz alguma coisa, Isis — pede.

— Eu não sei o que dizer, Felipe. Tem um tempo que não nos vemos, não entendo por que isso agora.

— Como eu disse, sinto falta da sua amizade.

— Felipe...

— Vamos tentar novamente? — seu pedido faz meu coração acelerar. Que bobo, sei que ele está falando sobre amizade, mas meu pobre e estúpido coração dispara com um único pedido. O que está acontecendo comigo?! — Me

diz um sim.

Burra.

— Sim.

Ele me olha, surpreso, e sorri. Felipe se levanta, animado, e vem em minha direção, abraçar-me.

Por Deus! Isso é completamente errado.

O que penso que estou fazendo?

Se acalme, Isis, se passaram nove anos, quatro anos desde a última vez que vocês se viram. Tudo ficou no passado. Vocês são adultos agora. Você pode lidar com isso.

— Como estão as coisas? — ele indaga, tirando-me dos meus devaneios.

Isso é tão estranho.

— Estão bem — respondo, ainda processando o que está acontecendo. — Você agora é dono do hospital, hein — mudo de assunto.

— Não, seu pai é o dono — ele responde, sério. — Sem o seu pai, Isis, eu não teria chegado aonde cheguei, devo tudo isso a ele.

— Você se esforçou muito, Felipe, é seu mérito.

— Mas sem ele, nada disso seria

possível, você sabe de onde venho — assinto.

— Por falar nisso, como vai sua família?

— Estão todos bem, graças a Deus. Fernando e Lua finalmente se casaram.

— Nossa, que legal! — sorrio.

— Lua está grávida e a Julia não vê a hora de brincar com a prima.

A menção de gravidez é algo muito particular para mim. Quando penso em bebês, meu coração chega a doer. Perdi meu bebê com Felipe

naquele acidente e, recentemente, depois de decidir que queria engravidar novamente, sofri um aborto espontâneo quando estava com dez semanas e, além de todas as tragédias, ainda fui informada de que estava com uma lesão nas trompas e que possivelmente não engravidaria mais.

Leandro e eu ficamos arrasados. Comecei a questionar se realmente Deus não me queria como mãe. Meus dois anjinhos foram tirados de mim. Nós conversamos e decidimos esperar um pouco antes de tentar engravidar

novamente.

Sorrio para Felipe, pedindo desculpas por ter me distraído.

— E como está a pequena Julia?

— Mais travessa do que nunca.

Patrícia decidiu parar de trabalhar para ficar com ela, ainda mais agora que Matheo está a caminho.

Inevitavelmente suspiro, mas ainda bem que isso passa despercebido por Felipe.

— Felipe, se você não se importa, tenho que ir verificar as crianças — digo, voltando a ficar em pé.

— Claro, também preciso ir. Foi um prazer, Isis — ele sorri e me deixa sozinha.

Deixo meu corpo cair sobre minha cadeira e questiono minha atitude. Bom, não há nada que eu possa fazer agora. O que está feito, está feito.

No fim do dia, despeço-me da minha equipe e passo o plantão para a médica do turno da noite. Estou solicitando meu Uber quando Felipe para ao meu lado.

— Quer uma carona? — seu perfume invade minhas narinas e preciso

controlar minhas emoções o mais forte que posso.

— Meu Uber já está a caminho — mostro o celular.

— Manda mensagem cancelando, te levo em casa — ele segue até seu carro e olha para trás. — Vem logo!

Meneio a cabeça, seguindo para seu carro.

— Vai me guiando — ele diz quando pegamos a estrada.

— É só seguir para a zona sul, moro em frente ao parque Ibirapuera.

— Tudo bem — ele sorri.

Juro que eu gostaria de entender o que está acontecendo com o Felipe, por isso, não me contenho em perguntar.

— Por que tudo isso, Felipe? — por seu olhar, suspeito que ele não esperava que eu fosse tão direta.

— Como assim, Isis?

— Tudo o que aconteceu.... Eu sei que nove anos se passaram, mas por que você quer ser meu amigo depois de tanto tempo?

— Pelo visto você não perdeu sua sinceridade.

— Não, ela continua intacta.

— Eu só sinto falta de uma amizade verdadeira, Isis, você sempre foi uma amiga.

— Eu sei, mas...

— Se você não quiser, eu vou entender.

— Eu só queria entender o que está acontecendo. A Patrícia vai ficar bem com isso?

— O Leandro vai? — ele rebate.

— Sinceramente, não sei.

— Vamos tentar, Isis, por favor — ele toca minha mão que está em cima

da minha perna e o choque que sinto me faz olhar para ele, apavorada.

Ele me devolve o olhar da mesma forma, mas ambos fingimos que nada aconteceu e um silêncio constrangedor se instala. Finalmente, após vinte minutos, ele me deixa em frente ao meu prédio. Despeço-me com uma despedida breve e saio do carro.

Na cobertura, encontro Leandro na varanda, olhando para o parque.

— Oi, amor — abraço-o por trás.

Ele se vira, envolve-me em seus

braços e me beija com paixão.

— O que você estava fazendo no carro dele, Isis? — ele indaga assim que seus lábios deixam os meus.

— Ele me deu uma carona — explico.

— E o que houve com seu Uber?

— Foi só uma carona, Leandro.

— Isis, você nunca me contou muito bem o que aconteceu entre vocês, mas espero que ele não tenha voltado para atrapalhar nossa relação — seu tom corta meu coração.

— Ele tem a família dele, amor,

e eu tenho você. Nada vai mudar — afirmo.

Leandro me olha carinhosamente e me abraça.

Sentindo as batidas rápidas do seu coração, sinto-me péssima por colocar meu marido nessa situação. Foi ele que esteve comigo nos últimos anos, é ele que me ama. Eu devo meu respeito a ele. Sou apaixonada por meu marido e não posso me esquecer disso.

Capítulo III

Na manhã seguinte, optei por não comentar com Leandro sobre minha recente amizade com Felipe. Não quero magoá-lo, mas também não quero dizer não para apenas uma amizade. Felipe foi alguém importante para mim no passado e ele sempre será especial, só preciso tomar muito cuidado, não quero que ninguém saia magoado nessa história. Muito menos o Leandro.

Hoje estamos comemorando três anos de casamento e, ontem à noite, Leandro disse que mudou de planos

sobre jantarmos fora e decidiu fazer um jantar entre amigos. Por mim, tudo bem; estamos mesmo precisando nos distrair, estar com nossos amigos vai nos fazer bem.

— Bom dia, amor — ele me cumprimenta, beijando meus lábios e sentando à mesa ao meu lado. Não deixo de reparar em como ele é belo e está usando apenas uma boxer. Meu marido é lindo por completo com cabelo e olhos escuros e maxilar quadrado. Suas sobrancelhas grossas são um charme, mas o que mais amo nele são seus

lábios; sempre achei que tinham um formato de coração e isso me encantou desde nosso primeiro encontro.

— Bom dia, querido — sorrio.

— Como está sua agenda hoje?

— ele sorri de forma misteriosa.

— Estou de folga e não planejei nada para hoje — bebo um pouco de café e espero por sua resposta.

— Ótimo!

— O que você planejou para nós?

— O dia da preguiça — ele sorri.

— Já adorei — digo, levantando-me e me sentando no seu colo. — Mas você não tem que ir na clínica hoje? — Leandro, além de trabalhar no hospital, tem sua própria clínica de atendimento, que é herança de família.

— Hoje sou todo seu — seu tom me diz que ele não está brincando.

Envolvo meus braços ao redor do seu pescoço e Leandro me puxa, colando ainda mais nossos corpos. Sua mão esquerda se fechou em volta da minha garganta, enquanto a outra

enrolava meus cabelos, segurando-os com força. Estou dominada, paralisada pela excitação, pelo desejo que corre em minhas veias. Sua língua toma a minha com paixão; gemo baixinho quando ele morde meu lábio inferior e força sua pélvis contra mim.

— Encaixe-se em mim, Isis — ordenou em um tom rouco que fez meus pelos eriçarem.

Abro minhas pernas, colocando uma de cada de lado, e espero por ele. Leandro me olha com desejo e isso só aumenta meu anseio.

— Tire a camisola — faço como ele pediu e gelo quando um sorriso cretino toma conta dos seus lábios.

Suas mãos tomam posse dos meus seios, massageando, apertando e beliscando. Estremeço, rebolando em seu colo, sentindo seu membro grande e grosso deslizar por minha boceta. Leandro me faz perder o controle e gemo alto e descontroladamente quando sua boca toma meus seios, chupando-os com força, e ondas de prazer percorrem meu corpo. O tesão aumenta cada vez que ele me toca.

— Por favor, Leandro —
supliquei.

— Por favor o quê, minha putinha? — ele perguntou, enquanto sua mão descia para meu sexo e massageava meu clitóris.

— Me fode agora!

Leandro não respondeu, mas seu grunhido me mostrou que ele estava tão ansioso quanto eu. Segurando-me pela cintura, colocou-se de pé, jogou no chão o que havia sobre a mesa, fazendo uma grande uma bagunça, mas quem disse que nos importávamos. Leandro me

deitou sobre ela e seus olhos não deixaram os meus nem por um segundo enquanto ele se livrava da boxer.

Com um olhar devasso, Leandro elevou minha perna direita, pondo-a sobre seu ombro, e me penetrou sem piedade, outra coisa que eu também não me importava. Suas estocadas brutas e profundas me fizeram gemer e gritar alto. Estamos sozinhos na cobertura, silêncio não era necessário hoje, por isso, quando ele arremetia cada vez mais fundo dentro de mim, eu gritava, e isso ainda não era suficiente para

extravasar tudo o que eu estava sentindo.

Então, o orgasmo veio forte e duro, quebrando-me em pedaços, deixando-me completamente exausta e sem ar. Leandro gozou logo em seguida. O louco ainda queria me chupar, mas minha carne estava tão sensível que tive de implorar para que ele não o fizesse. No fim, ele se debruçou sobre mim, segurou-me pela garganta e afirmou.

— Você é somente minha, Isis — logo em seguida, seus lábios tomaram os meus e perdi completamente a noção do tempo, pois Leandro me levou para o

quarto, deu-me banho e fez amor comigo de uma forma assustadoramente lenta e apaixonada. Meu homem pode ser levado do bruto ao gentil e isso só me deixa ainda mais apaixonada por ele.

$$\begin{array}{c} \cdot *') \\ , \cdot' , \cdot *') , \cdot *') \\ (, \cdot' (, \cdot' \end{array}$$

No fim do dia, eu realmente cheguei à conclusão de que Leandro tinha planejado o dia do sexo e não da preguiça e gargalhei muito com ele por conta disso. Ana, nossa diarista, chegou

por volta das cinco da tarde. Leandro pediu que ela estivesse presente durante o jantar para coordenar o pessoal do buffet e fazer a limpeza final.

Escolhi um vestido preto estilo retro com cinto fino na cintura que amo. Sempre achei que me dá um ar jovial. Estava terminando de colocar o *scarpin* vermelho quando ele entrou no quarto, completamente elegante, vestindo um blazer e calça jeans.

— Você está bem? — ele se curva e me ajuda a calçar o sapato.

— Um pouco dolorida e talvez

assada — brinco com ele.

— Trabalho cumprido, então —
ele sorri.

— Cretino! — dou um leve tapa
em seu peito, fingindo-me de ofendida.

— Seu pai acabou de chegar.

— Estou pronta, vamos? — ele
assente e seguimos para encontrar meu
pai na sala de estar.

— Pai! — abraço-o quando me
aproximo.

— Oi, minha querida, parabéns!

— Obrigada, pai.

— Obrigado, Lorenzo —

Leandro agradece ao meu lado.

— Toda vez que venho aqui, acho que alguma coisa mudou.

— Coisa da sua cabeça, pai, está tudo como sempre foi — brinco.

Nossos poucos convidados começam a chegar. Leandro convidou alguns amigos mais chegados. Na verdade, tanto ele quanto eu temos poucos amigos; seu verdadeiro amigo é Max e, nesse exato momento, eles estão conversando animadamente, bebendo uísque. Já eu, nenhuma amiga íntima, apenas algumas colegas de trabalho.

Quando a campainha toca novamente, pergunto-me quem poderia ser já que acho que todos já chegaram.

No entanto, sou surpreendida quando Ana abre a porta e encontro Felipe sorrindo junto com sua família.

No mesmo instante, busco o olhar de Leandro, que me encara com firmeza. Por que ele fez isso?

Sou obrigada a sair do meu transe e receber os recentes convidados.

— Olá — sorrio, mas não sei exatamente como me comportar. — Entrem, por favor.

Leandro se posiciona ao meu lado e cumprimenta Felipe, enquanto abraça Patrícia. E depois ao contrário.

— Que bom que aceitaram o convite, sei que foi em cima da hora — Leandro diz.

— O prazer é todo nosso — Felipe responde cordialmente.

Isso é ridículo.

Julia está me olhando com seus lindos olhinhos curiosos e me abaixo para ficar em sua altura.

— Oi, Julia, como você está?

— Bem — ela sorri, tímida.

— Você pode ficar à vontade e brincar, está bom?

Ela sorri e pula, animada.

— Vou levá-la ao quartinho de brinquedos — informo e Leandro me olha de forma passional.

Eu sei o quanto aquele quarto é importante para ele, mas temos uma criança no meio de muitos adultos, ela só vai se entediar; no quarto, ao menos, temos alguns brinquedos.

— Papai, vem comigo? — ela estende a mão para Felipe, que não hesita em pegar.

— Leandro, desculpa, mas você pode me mostrar o banheiro?

— Claro, Patrícia, me acompanhe, por favor — seu olhar não deixa o meu nem por um momento, mas evito olhar de volta, ele começou tudo isso.

— Aqui, Julia, pode ficar à vontade e fazer a bagunça que quiser.

Ela sai correndo sem saber por onde começar e Felipe me olha, curioso.

— Muito legal vocês montarem um quarto de brinquedos para as visitas infantis — ele brinca.

— Na verdade, Leandro começou a montar um quarto de brinquedo para nosso bebê quando fiquei grávida — evito olhar para ele e observo Julia brincar.

— Não entendo — diz, confuso.

— Sofri um aborto espontâneo há alguns meses — o nó em minha garganta não me permite soar de forma clara.

— Sinto muito, Isis — ele toca meu ombro.

— Obrigado — Leandro, que está chegando atrás dele, responde

primeiro.

Felipe assente e deixamos Julia brincar, enquanto seguimos para encontrar o restante dos convidados.

O jantar transcorreu muito bem e tudo saiu como planejado. Inicialmente, senti-me um pouco desconfortável com Felipe, mas ao perceber que ele estava agindo naturalmente e eu parecia a única a ver chifre em cabeça de vaca, senti-me uma idiota e tentei deixar isso de lado. No entanto, esse jantar me fez ver que Felipe me procurou por que realmente quer minha amizade. Vê-lo tão

confortável em minha casa, a forma gentil que tratou a esposa sem se importar com minha presença, mostrou-me que se por um momento achei que ele teria segundas intenções com nossa amizade, eu estava terrivelmente errada.

E isso foi bom.

Era por volta das onze da noite quando todos foram embora. Segui para o quarto, louca por um banho e para me deitar. Leandro entrou e me abraçou por trás. Não disse nada. Apesar de tudo ter corrido bem, ainda estava chateada com ele. Mas não consegui controlar minha

boca.

— Por que fez isso, Leandro? —
indago, voltando-me para sua frente.

— Vocês não são amigos agora?
— ele cruza os braços sobre o peito. —
Posso não estar no hospital, Isis, mas sei
o que acontece naquele lugar. Felipe te
trouxe em casa ontem depois que vocês
almoçaram juntos no seu consultório.

— Você tem alguém me
vigilando? — pergunto, chocada.

— Não preciso disso, Isis — ele
se aproxima. — Mas quando sua esposa,
que sempre foi muito discreta, almoça

em seu consultório a sós com o novo médico, as pessoas começam a falar.

— Começam a fofocar! —
acuso.

— Chame do que achar melhor, mas não fiquei satisfeito de saber sobre isso pelos corredores do hospital.

Ele não se exalta. Leandro, com sua personalidade calma, até discutindo é um lorde. Sento na cama, apoiando meus braços em minhas pernas e abaixando a cabeça em derrota.

— Eu não tenho nada a esconder.

— E por isso ocultou seu

almoço?

— Leandro...

— Olha, Isis, não convidei o Felipe aqui com a intenção de te afrontar. Convidei por que precisava ver vocês juntos.

Levanto meu olhar até o dele.

— E para que isso?

— Para entender o que está acontecendo. E tudo o que vi foi um homem feliz com sua família — ouvir de outra boca o que vi hoje tem um impacto que não imaginei ser possível. — Por outro lado, vi minha esposa

desconfortável na presença do antigo namorado. Posso dizer que isso é normal ou dizer que algo está acontecendo com você, mas isso é você quem me diz — ele segue para o banheiro e vou atrás dele.

— A primeira opção — respondo rápido. — Fiquei surpresa, foi só isso. Você deve ter visto que depois me acostumei — ele assente.

Leandro diminuiu a distância entre nós e me abraça.

— Ah, Isis... — ele beija o topo da minha cabeça.

— Amo você, Leandro — afirmo
com meu coração.

— Também amo você, querida.

Capítulo IV

Ir trabalhar no dia seguinte foi diferente. Quando soube que Felipe seria um colega de trabalho, senti-me completamente abalada sabendo que o veria todos os dias. No entanto, hoje foi diferente. Senti-me mais confiante e pronta para encarar tudo isso. Leandro fez o certo ontem; ver Felipe feliz com a família dele foi extremamente esclarecedor.

— Tenha um ótimo dia, amor —
Leandro beija meus lábios quando entramos juntos no hospital.

— Almoça comigo hoje?

— Sempre — ele sorri e segue para a UTI.

Quase sorrio quando as portas do elevador se abrem e encontro Felipe falando ao celular. Ele sorri, cumprimentando-me, mas continua sua ligação.

— Patrícia, pelo amor de Deus! Tudo bem — ele suspira. — Quando eu chegar, nós conversamos — ele encerra a ligação e guarda o celular.

— Bom dia — cumprimento-o, tentando disfarçar o constrangimento de

ouvir sua ligação.

— Bom dia, jantar maravilhoso ontem. Sua casa é linda.

— Obrigada. Como está a Julia?

— Bem, não parou de falar do quartinho de brinquedos.

— Crianças adoram essas coisas.

— No quarto dela tem um cantinho para os brinquedos, mas não um quarto só para eles. Acho que vou precisar providenciar um — ele sorri.

— Leandro disse que o sonho dele quando menino era um quarto de

brinquedos e sabia que nosso filho iria adorar — a menção do meu bebê deixa o clima um pouco pesado, mas tento disfarçar.

— Não deve ter sido fácil para você — entendo a frase amigável, mas de qualquer forma corta meu coração.

— Sim, não foi.

— Sinto muito, Isis, você logo terá seu bebê nos braços.

Suas palavras me emocionam e meus olhos ficam marejados. Felipe se aproxima para me abraçar e, mesmo me controlando muito, acabo chorando

ainda mais.

— É o segundo bebê que perco, Felipe, talvez eu não tenha nascido para ser mãe — fungo.

Nesse momento, as portas do elevador se abrem e, identificando que estamos em meu andar, ele segura minha mão, levando-me em direção ao meu consultório. Ele abre a porta rapidamente e a fecha da mesma forma, abraçando-me em seguida.

— Nunca mais repita uma besteira dessas! — ele diz, firme. — Nosso bebê... — seu tom fica mais

pesado. — O que aconteceu foi culpa minha — fito-o, não acreditando que estamos tocando nesse assunto. — Se eu não tivesse paralisado diante da notícia...

— Não, Felipe, a culpa não foi sua. E também este não é momento de acharmos um culpado. Perdi nosso bebê e nada mais pode ser feito — afasto-me dele, mas Felipe volta a me segurar pelo braço.

— Você acha que teria sido diferente?

— O que teria sido diferente? —

repito sua pergunta.

— Nós.

— Eu... eu não sei, Felipe.

Realmente não sei — afasto-me novamente, mas dessa vez ele não me impede.

— Desculpe por te fazer chorar — pede.

— Eu que sou chorona — forço um sorriso.

— Vou deixar você trabalhar — ele acena e sai.

Sento em minha cadeira e tento me acalmar. Isso foi só uma conversa

entre amigos. Só amigos. Não sei por
que meu coração está acelerado.

$$\begin{array}{c} \cdot *' \cdot \\ , \cdot \bullet' , \cdot \bullet *' \cdot) , \cdot \bullet *' \cdot) \\ (, \cdot \bullet' (, \cdot \bullet' \end{array}$$

Uma semana passou desde que Felipe voltou a trabalhar no hospital. E o que eu achei fácil no início, tem sido um verdadeiro tormento. Desde nossa conversa sobre a perda do nosso bebê, nossos encontros e conversas têm sido cada vez mais estranhos. Ontem, Leandro estava na clínica e, por isso,

almocei no refeitório do hospital. Felipe me acompanhou e, quando percebi, estávamos falando sobre nossos casamentos. Nada comprometedor, mas algo que requer uma certa intimidade. Algo que Felipe e eu não temos mais.

Notei que estamos nos tornando verdadeiros amigos e isso tem mexido comigo. Não quero esconder minha amizade com Felipe, por isso, quando o encontro, sempre conto para Leandro. Meu marido não reclama, mas sinto que ele não gosta. Por isso, tento evitar um pouco o Felipe, mas esse não é único

motivo. Tenho me sentindo confusa, meus sentimentos estão confusos. Se é só amizade, por que meu coração dispara cada vez que ele sorri, ou sinto como se fogo queimasse minha pele quando ele me toca?

Isso tem ido longe demais, preciso tomar uma atitude. Mas não sei como fazer isso.

No fim do expediente, encontro com Leandro na porta do hospital e seguimos para casa.

— Você está bem? — ele toca minha perna, enquanto dirige.

— Só um pouco de dor de cabeça.

— Está estressada com o quê?

— Você me conhece tão bem.

— O suficiente para saber que algo está te incomodando.

— Estou sobrecarregada —
minto para meu marido.

— Você precisa de férias — ele
sorri.

— Acho que sim.

A viagem até em casa é curta e,
assim que chegamos, o celular do
Leandro toca. Deixo-o na sala e vou

para o quarto tomar um banho. Mas antes que eu possa fazer isso, Leandro aparece completamente vermelho na minha frente.

— Minha mãe foi hospitalizada, teve um infarto — meu coração gela. Depois que o pai dele faleceu, sua mãe é a única família que ele tem.

— Oh, meu Deus, Leandro! — abraço-o. Sinto seu corpo tremer e isso me deixa triste por ele.

— Amor, preciso ir ver minha mãe — ele murmura com a voz embargada.

— Claro, querido! Irei preparar nossas malas — solto-o e vou em direção ao closet.

— Amor, você tem que ficar e cuidar de tudo. Tenho roupas na minha mãe, querida, preciso ir agora, são onze horas de voo. Você pode só arrumar minha agenda com os pacientes?

— Pode deixar comigo — olho para ele com carinho, enquanto ele pega o passaporte na gaveta em que guardamos os documentos, dá-me um beijo e vai saindo. — Leandro, eu te levo no aeroporto.

— Não, Isis, está tarde. Você não dirige, esqueceu? — *Ai, Deus! Maldito trauma.*

— Eu posso tentar...

— Não quero você andando pela Avenida Paulista tão tarde, amor. Ficarei mais tranquilo sabendo que você está em casa — ele beija minha testa. — Ligo assim que chegar.

Assinto, com os olhos marejados, e ele sai.

Não quero nem imaginar como Leandro vai ficar se algo acontecer com a mãe dele. Quando o pai faleceu, há

dois anos, foi terrível. Olho para o relógio e já são quase dez horas. Espero que tenha algum voo disponível. Sigo para o banheiro e tomo um longo banho. Procuro na cozinha alguma coisa para comer e, depois de lavar a louça, deito-me, pensando em Leandro.

Não consigo dormir e acabo indo para a sala. Sirvo-me de uma taça de vinho branco, enquanto dou uma olhada em minhas redes sociais. Apesar de não as usar muito, gosto de ver o que os outros postam e me divirto com as besteiras. Estou rindo de um post de uma

amiga da faculdade quando meu celular começa a tocar com uma ligação do hospital.

— Alô? — ligações a essa hora nunca é nada de bom.

— Doutora, houve uma emergência, precisamos da senhora — Daiane, a recepcionista do hospital, informa.

— Quinze minutos — desligo o celular e corro para me vestir, enquanto ligo para um táxi.

Vinte minutos depois, desço do carro em frente ao hospital. Corro como

uma louca para a ala pediátrica. Sou informada que houve um acidente com um ônibus escolar que estava voltando de um passeio e Luiza, a médica plantonista, não daria conta sozinha.

Trabalhamos por quatro horas seguidas; uma das crianças entrou em coma e duas foram parar na mesa de cirurgia. Todas as demais estavam em observação.

— Longa noite — Luiza diz quando senta ao meu lado, tirando as luvas.

— Nem me fale — Felipe diz,

sentando-se ao lado dela.

Quando o vejo, dou-me conta de que seria ele poderia ser um dos cirurgiões de plantão.

— Estou exausta — digo, suspirando.

— Vamos ter que virar quarenta e oito horas? — Luiza indaga.

— Acredito que sim, essas crianças se feriram gravemente.

Ela assente e ficamos os três em silêncio, exaustos.

Era por volta das cinco da manhã quando tudo começou a ficar

mais calmo. Luiza foi para seu consultório e Felipe me seguiu para o meu.

— Estou louco por minha cama agora — ele diz quando senta no sofá que há perto da janela.

— E eu por um banho — digo, fazendo o mesmo.

— Você ainda tem vício por banhos? — ele indaga, sorrindo, e me divirto.

— Não tenho vício de banho — defendo-me.

— Imagina, você só tomava um

toda vez que tinha chance e passava mais de quarenta minutos debaixo da ducha — ele diz, irônico.

— Eu mudei muito! — joga um travesseiro nele.

— Tenho notado — sinto que ele gostaria de dizer algo a mais, mas não o faz.

— As pessoas mudam, não é mesmo? — dou de ombros.

— Sim, elas mudam — ele diz, sério, e logo continua. — O que aconteceu conosco, Isis? — sua pergunta faz disparar meu coração.

— Meu ciúme — tento
responder de forma cômica.

Entretanto, Felipe nem mesmo
sorri.

— Você é ciumenta com ele? —
ele indaga, sério, aproximando-se um
pouco mais. — Ou isso mudou também?

— Eu me tratei — digo.

— Tratou? — ele me fita com os
olhos arregalados.

— Sim, eu também senti meu
ciúme saindo de controle com Leandro.
Ele sentou comigo e conversou que isso
não era normal, que eu precisava de

ajuda. Decidi aceitar. Fiz terapia por algum tempo e as coisas começaram a mudar.

Felipe fica em silêncio e seus olhos recaem sobre meus lábios, mas rapidamente ele volta a me encarar.

— Então se tivéssemos tentado isso antes, talvez estaríamos juntos agora — ele afirma.

— Felipe, eu não fico muito confortável falando sobre nosso passado de uma forma tão presente — decido ser sincera.

— Por que, Isis? Estamos só

conversando.

— Eu sei... Mas... — não consigo achar uma explicação lógica e Felipe me surpreende com o que diz.

— Toda vez que olho para você, sinto falta daquilo que vivemos — ele se curva em minha direção, seus olhos pairando sobre meus lábios.

Sinto sua respiração pesada bem perto de mim e fecho meus olhos, mas, nesse momento, só vejo Leandro em minha frente e o quanto isso é errado. Antes que ele possa me beijar, coloco-me de pé.

— Não podemos fazer isso —
afirmo.

Felipe me encara como se não
acreditasse na minha recusa.

— Você quer fazer isso, Isis? —
ele indaga, ficando em pé e vindo em
minha direção. — Na verdade, não
precisa responder, vejo a resposta em
seus olhos.

Engulo em seco, encostando-me
na parede.

Felipe para em minha frente,
muito perto; tão perto que sou capaz de
sentir o cheiro de sua loção de barbear.

Ele leva sua mão ao meu rosto, tocando-o sutilmente, enquanto a outra repousa em minha cintura. Fecho os olhos com o calor que seus toques me provocam e suspiro. Felipe segura minha mão e ergue meu braço, imobilizando-me. As ondas de excitação que me atingem são indescritíveis. Quero relutar, dizer que é errado e que não podemos, mas eu quero muito isso. Felipe toca meus lábios com os seus de forma sutil, causando arrepios por todo meu corpo, até que toma minha boca na sua. Seus lábios são tão macios quanto eu me lembrava.

Senti-me em casa, senti-me no passado,
revivendo uma paixão da juventude.

Nossa história...

Aquela história...

Nesse momento, éramos somente
ele e eu outra vez.

Capítulo V

Eu não recuei, não bati nele e muito menos o repudiei; simplesmente deixei que ele me beijasse e, para piorar, beijei-o de volta. Felipe desce suas mãos por meu corpo e me pressiona ainda mais na parede. Seus lábios descem para meu pescoço, beijando-o. Suspiro baixinho e ele volta a me beijar, mordendo meus lábios, encerrando nosso beijo. Quando nossos olhos se encontram, é nítido o brilho nos dele,

que sorri.

— Vamos para algum lugar? —
ele indaga baixo, perto do meu ouvido.

Meus pensamentos estão uma
bagunça, mas de uma coisa eu sei: não
posso fazer isso.

Não respondo. Pego minha bolsa
em cima da mesa e saio do consultório
sem olhar para trás. Antes de sair do
hospital, verifico se ainda precisam de
mim e vou embora. Espero meu táxi e,
quando ele chega, entro ansiosa por ir
embora. De dentro do táxi, observo
Felipe me encarar. Ele acena

cabisbaixo.

Meneio minha cabeça e inevitavelmente começo a chorar. O taxista me olha pelo retrovisor, mas não me importo. O caminho para casa é lento e angustiante, e quando finalmente saio do táxi, corro para dentro da minha casa, como se minha vida dependesse disso.

Entro no banheiro tirando minha roupa e buscando ansiosamente por um banho. Entro no chuveiro e me esfrego descontroladamente, como se inutilmente isso apagasse o que acabei de fazer. Quase uma hora depois, saio

do chuveiro e passo a mão no espelho, secando o vapor. Meu reflexo mostra uma mulher com o rosto inchado de tanto chorar.

O que foi que eu fiz?

Nesse momento, meu celular começou a tocar e lembro que Leandro ficou de me ligar assim que chegasse. Pelo horário, com certeza é ele. O pânico me impede de seguir até o quarto e atender a ligação. Com os olhos fechados, espero a ligação ir para a caixa de mensagem. No entanto, logo em seguida o telefone de casa começa a

tocar.

Respiro fundo. Não posso fazer isso com ele, vai acabar ficando preocupado.

No quarto, pego o telefone e, antes de atender, tento controlar minhas emoções.

— Alô.

— Graças a Deus, querida, estava ficando preocupado — Leandro diz rápido.

O remorso bate nesse momento com força total.

— Desculpa, amor, estava no

banho — meus olhos ficam marejados.

— Seus banhos... — ouço ele
sorrir.

Meu Deus...

— Como está sua mãe?

— Acabei de chegar ao hospital
— seu tom é preocupado. — Ela está
estável no momento, mas o médico
informou que é grave — sua voz se torna
embargada e isso corta meu coração.

Leandro começa a chorar
baixinho do outro lado da linha.

— Ela vai ficar bem, meu amor
— tento encorajá-lo.

— Eu não sei, Isis... Eu não sei

— ele está desolado.

— Não deveria ter deixado você ir sozinho, vou comprar uma passagem para encontrar você.

— Não, querida... Fique aí por nós, você me ajuda mesmo de longe.

— Tem certeza?

— Tenho, eles podem precisar de algo lá na clínica e você pode ajudar — ele funga.

— Corta meu coração saber que você está assim, Leandro.

— Eu te amo e vai ficar tudo

bem — ele tenta soar firme, mas sei como está sofrendo.

— Também amo você.

— Preciso desligar.

— Descansa.

— Pode deixar — despedimo-nos e ele encerra a ligação.

Fico estática, segurando o telefone na mão e olhando para o nada.

Deito na cama e imagens do beijo com o Felipe vêm em minha mente.

— Não quero pensar nisso — digo em voz alta para mim mesma.

Puxo as cobertas e me cubro até a cabeça, abafando meu choro. Não sei exatamente quando, mas o sono chegou e acordei com o despertador. Era quase meio-dia. Bom, consegui dormir quatro horas.

Respiro fundo antes de levantar, tomo meu banho, arrumo-me e tomo café antes de ir para o hospital.

Foi só um beijo nada mais do que isso.

Meu dia transcorreu normalmente, graças a Deus não encontrei com o Felipe. Conversei com

Leandro mais duas vezes no telefone. O estado de sua mãe continuava o mesmo e ele já não sabia mais o que fazer. Minha vontade era de largar tudo aqui e correr até ele para abraçá-lo, mas ele precisava de mim aqui para tomar conta de tudo. Liguei para a clínica dele e fui informada que estava tudo em ordem. Decidi não passar lá hoje, mas amanhã de manhã preciso verificar pessoalmente.

Estava pronta para sair quando Felipe simplesmente entrou em minha sala.

Assustada, fiquei sem reação.

— Senti sua falta — ele disse, vindo em minha direção de braços abertos.

— Pelo amor de Deus, fique longe de mim! — digo, afastando-me dele.

Por sua reação, ele não esperava isso.

— Achei que depois do que aconteceu, você gostaria de me ver — ele diz baixinho.

— O que aconteceu foi um erro. Será que você não percebe? Eu sou

casada, você é casado — acuso.

— Mas nós nos amamos — a sinceridade dele me mata. — Você sabe que ainda existe sentimentos entre nós.

— Pode até existir algo, mas isso não quer dizer que devemos ficar juntos, Felipe!

— Então você está confirmando que ainda me ama — ele sorri.

— Eu não disse isso, não mude de assunto, Felipe, isso é errado e ponto final.

— Isis, o que tivemos...

— Ficou no passado, Felipe.

— Você não acredita nisso —
acusa.

— Preciso acreditar e você
também deveria. Pense em sua família!

— Só consigo pensar em você!
Durmo e acordo pensando em você, meu
dia se resume a ver você. Você entrou
em minha cabeça e não quer sair mais!
Maldita hora que voltei para esse país,
estava tudo bem até ver você! — ele
perde o controle.

— Então sai desse maldito país,
Felipe, e volte de onde você veio.

— Por que você não mudou

quando estávamos juntos? — sua pergunta me magoa.

Encaro-o firmemente antes de responder.

— Por que você não me ajudou a mudar? — ele arregala os olhos. — Depois do acidente, você simplesmente se tornou um expectador da minha dor. Não fez nada, só se sentou e teve dó de mim — lágrimas começam a descer pelo meu rosto.

— Eu não sabia o que fazer — ele diz baixo.

— Eu também não sabia —

replico.

— Você terminou comigo — sua voz estava embargada.

— Por que eu não aguentava mais ser um peso para você, estar todos os dias ao seu lado e ver sua pena! Você disse que me amaria, Felipe, e algum tempo depois, você estava se casando! — coloco para fora toda mágoa que senti por anos.

— Ela ficou grávida, eu não tive escolha — lágrimas descem por seu rosto.

— Sempre temos escolha,

Felipe, você fez a sua — seco meu rosto e digo com firmeza: — Agora aprenda a conviver com isso, porque eu amo meu marido.

Tento passar por ele, mas ele me impede ao segurar meu braço.

— Me solta — encaro-o.

— Essa conversa não terminou, Isis.

— Terminamos há muito tempo, Felipe, só você não percebeu — puxo meu braço e saio do consultório batendo a porta com força.

Controle...Controle...

Saio do hospital com o resto da dignidade que tenho. Espero por meu táxi e peço que ele me deixe no bar que costumo frequentar com Leandro; preciso realmente beber alguma coisa.

No bar, sou a única mulher desacompanhada, mas isso não me impede de continuar lá, afogando minhas magoas com a bebida.

Como ele pôde dizer aquelas coisas?

Ele não pode chegar na minha vida desse jeito e achar que pode fazer a bagunça que quiser. Demorei muito

tempo para seguir em frente; tenho um homem que me ama e quero ser feliz com ele. Não há espaço na minha vida para o Felipe; o que tivemos ficou no passado. Não importa meus sentimentos por ele: ele seguiu com sua vida, e eu também. Era assim que tinha que ser. Mexer nisso agora só vai trazer sofrimento e dor.

Estou prestes a sair quando Max senta à minha frente.

— Oi, Isis — ele me cumprimenta, sério.

— Max, oi! — não estou com

saco para conversar agora, mas Max é amigo do Leandro, padrinho do nosso casamento, e preciso ser ao menos educada. Max é alto e forte, o que o torna intimidante. Seus olhos verdes têm uma expressão bondosa, o que torna sua presença um pouco menos ameaçadora.

— Tenho um aviso para você.

Franzo a testa, tentando entender o que está acontecendo.

— Aviso? — indago, confusa.

— Conte ao Leandro ou eu conto — meu coração gela com essa pequena frase.

— Do que você está falando? —
tento soar normal.

— Fui ao seu consultório para saber se você tinha informações sobre a mãe do Leandro — meu coração bate desesperadamente. — Não deveria, mas ouvi toda a conversa e você tem sorte que ninguém mais ouviu; vocês estavam praticamente gritando — ele diz, olhando em meus olhos. — Gosto muito de você. Mas não posso deixar que engane meu melhor amigo.

— Não estou enganando ele, Max — tento me defender.

— Desculpa, Isis, eu realmente não quero me meter na história. Só quero que você conte a ele ou eu mesmo conto — engulo em seco.

Fecho meus olhos, controlando a raiva que cresce em mim.

— Não posso fazer isso com ele agora, a mãe dele está doente.

— Não quero saber, Isis...

— Por favor, Max! Eu não sei como ele vai reagir, você quer mesmo que eu jogue uma coisa dessas em cima do seu amigo agora? Tenha piedade.

Ele fica em silêncio por um

instante.

— Tudo bem, Isis, espere o Leandro voltar — ele suspira. — Não queria fazer isso com você...

— Mas ele é seu amigo, eu entendo — finalizo por ele.

Mas eu não entendia. Ele sabe que isso pode acabar com meu casamento, que pode magoar o Leandro e mesmo assim quer que eu conte. Max me olha triste e sai, deixando-me sozinha novamente.

Não vou chorar.

Eu me coloquei nessa situação,

preciso resolver isso.

Sigo para casa a pé. Sinto-me péssima e, quando estou assim, a última coisa que preciso é de contato humano. Na cobertura, tomo meu banho e, como não estou com fome, deito-me e fico com o celular na mão, esperando Leandro ligar. Algum tempo depois, o celular toca.

— Oi, amor — digo assim que atendo.

— Oi, querida — sua voz está triste.

— O que aconteceu, Leandro?

— indago, preocupada.

— Minha mãe ainda está na mesma situação.

— O que os médicos dizem? —
respiro aliviada por saber que nada ficou ainda pior.

— Que ela vai ficar internada no mínimo um mês em observação.

— Sinto muito, querido.

— Preciso ficar com ela, Isis.

— Eu sei, meu amor, não se preocupe com isso.

— Mas fico preocupado com você aí sozinha.

— Qualquer coisa vou para a casa do meu pai, está bem? Mas não quero que se preocupe comigo.

— Tudo bem. Queria você comigo — seu tom corta meu coração.

— Você sabe que faço isso agora sem pensar duas vezes.

— Eu sei, mas preciso da minha mulher cuidando dos negócios — ouço-o sorrir.

— Amo você, Leandro.

— Também te amo, Isis.

Encerramos a ligação e me deito, pensando na minha conversa com Max.

Vou ter coragem de contar ao Leandro o que aconteceu? O que vai acontecer depois que eu fizer isso? São inúmeras perguntas sem respostas. E agora com ele longe por um mês, tudo fica ainda mais difícil. Eu consigo, sei que sim...

Capítulo VI

Dois dias se passaram desde minha última conversa com Felipe. Encontrei com ele algumas vezes pelos corredores do hospital, mas ele fingiu que não me viu. Prefiro assim, nossa conversa, aliás, nossa briga serviu somente para mostrar o quanto o desejo que sentimos é inútil.

— Isis? — meu pai me chama, adentrando no consultório.

— Oi, pai — sorrio e levanto para beijá-lo. — Sente-se — digo para ele e faço o mesmo.

— Quando Leandro volta? —
pergunta, preocupado.

— Ele vai ficar com dona
Márcia por pelo menos um mês, pai —
explico. — A situação dela é
complicada.

— Lamento por ele.

— Eu também, mas espero que
tudo corra bem.

— E você, filha, como está? —
meu pai muda de assunto de forma nada
sutil.

— Estou bem, pai.

— Não me engane — ele sorri.

— Tive uma briga com Felipe alguns dias atrás — decido contar.

— Vocês sempre foram assim, não é... — ele diz como se estivesse relembrando o passado.

— Sim, pai, mas não somos mais aqueles jovens. Seguimos caminhos diferentes e se vamos continuar trabalhando no mesmo local, isso tem que acabar.

— Concordo com você e por isso estou aqui — assinto para que ele continue. — Convidei Felipe para jantar hoje em minha casa e conto com você.

— Pai, eu...

— Você vai, Isis — ele afirma.

— Sim, senhor — respondo nem um pouco satisfeita com a ordem.

— Não me leve a mal, querida, sou um senhor de setenta anos, não tenho mais idade para entreter ninguém. Ao menos você pode fazer companhia para Patrícia.

Como vou encarar a Patrícia depois de tudo?

Sinto vontade de chorar por ter me colocar nessa situação, mas tudo o que faço é assentir.

Meu pai se despede e sai sem ter a mínima ideia do que está acontecendo entre mim e Felipe.

Aproveitei que meu pai saiu e segui em direção ao refeitório para almoçar. Vejo Felipe almoçando com alguns enfermeiros e tento me manter o mais afastada possível para almoçar em paz.

Logo depois, volto para meu consultório e passo o resto da tarde atendendo meus pequenos pacientes. A última criança tinha dois aninhos e eu a acompanho desde seu nascimento.

— Como você está hoje, Livia?

— pergunto para ela, estendendo-lhe um pirulito com formato de coração. Ela sorri, mas não responde. — Rotina, mãe? — pergunto para Marcela.

— Sim, doutora, mas eu a trouxe principalmente por causa de uma tosse que não quer parar de forma alguma — começo a fazer um checape enquanto ela fala.

— Há quanto tempo ela está com a tosse?

— Duas semanas — ela responde e a repreendo com um olhar.

— Você não pode ficar com ela em casa durante tanto tempo com uma tosse, mãe, pode se tornar algo mais grave.

— Achei que podíamos esperar pela consulta de hoje — ela diz, sem graça.

— Você tem meu número, poderia ter me ligado — ela assente um pouco sem graça e não diz mais nada. — Mas está tudo bem, ela não está cansada, mas está com o pulmão congestionado — informo, guardando o estetoscópio. — Vou receitar um expectorante muito

bom.

— Obrigada.

— Aqui também tem uma lista de exames de rotina para a Livia —
Marcela assente.

— *Bigada, dotola.*

— Por nada, Livia, vejo você
mês que vem — ela se despede, dando-
me um gostoso beijo no rosto e dá um
tchau todo fofo que toca meu coração.

Saio do consultório com um
sorriso no rosto; amo meu trabalho. Do
hospital, sigo direto para a clínica do
Leandro para verificar como estão as

coisas e depois vou direto para casa.

Quando finalmente chego em casa, tomo um longo banho. No closet, vejo as opções que tenho para usar no jantar do meu pai e decido por um vestido drapeado, preto com branco, acima do joelho e uma sandália de salto alto prata. Faço uma leve maquiagem e uma trança lateral e decido que estou pronta.

Chego na casa do meu pai com quinze minutos de antecedência. Como ele ainda está no banho, vou para meu antigo quarto. Sorrio ao entrar e

perceber que está da mesma forma que o deixei. Paredes brancas com flores rosas, minha estante de livros, minha coleção de Barbie.

— Está tudo da forma como me lembro — assusto-me com a voz de Felipe tão perto de mim.

— Que susto!

— Não foi minha intenção — ele sorri. — Mentira, foi sim, você fica linda quando leva sustos.

Mata-me ver o olhar que Felipe está me lançando no momento. Admirando-me de forma encantadora e

apaixonada.

— Você está deslumbrante, Isis — ele diz, segurando minha mão, beijando-a em seguida.

— Obrigada — respondo um pouco sem jeito.

— Vejo que meus convidados já chegaram — somos surpreendidos pelo meu pai.

— Na verdade, Lorenzo, acho que somos apenas nós. Patrícia estava indisposta, acabou indo para a casa da mãe.

Sinto-me aliviada sabendo disso;

eu acho que não estou preparada para vê-la depois de tudo.

— Uma pena, mas vamos, senão a comida vai esfriar.

Sigo na frente e descemos para a sala de jantar em silêncio.

Meu pai e Felipe conversam sobre o hospital durante todo o jantar; solicitam minha opinião algumas vezes sobre algum tipo de melhoria e concordo absolutamente com tudo, principalmente quando eles falam sobre abrir uma ala para atendimento público. Sempre foi um sonho do meu pai fazer

isso e fico feliz em ver que, agora, ele pode realizar o que tanto desejou.

Meu celular vibra com uma mensagem de Leandro.

Desculpa, não consegui tempo para ligar para você hoje. Espero que esteja tudo bem. Estou com saudades. Amo você.

Ergo o olhar e vejo Felipe e meu pai me encarando.

— Desculpem, é uma mensagem do Leandro — explico.

Guardo o celular para responder mais tarde e continuamos com o jantar.

Mais tarde, quando a sobremesa está sendo servida, meu pai pede licença para ir ao banheiro e demora um pouco, o que acaba me preocupando. Peço licença para Felipe e vou atrás dele.

— Pai? — chamo quando entro em seu quarto.

— No banheiro, querida, pode entrar.

Encontro-o encostado na pia do banheiro um pouco abatido.

— O senhor está passando mal?
— paro ao seu lado.

— Algo não me caiu bem, estou

um pouco enjoado e acabei de vomitar.

— Deite-se, pai. Você tem que descansar.

Ele segura minha mão e o guio para sua cama.

— Isis, você sabe que não tolero enjoos. Por favor, pegue meu remédio de dormir.

— E o senhor sabe o que acho dos seus remédios.

— Eu mesmo prescrevi a receita, querida — ele sorri travesso. Pego uma das pílulas e ele toma.

— Durma, papai, vou passar a

noite no meu antigo quarto.

— Uma honra ter você aqui, filha. Por favor, peça desculpas ao Felipe por mim — pede.

— Fique tranquilo, papai, ele vai entender — levanto para deixá-lo sozinho, mas ele me segura pelo pulso.

— Você sabe que ele ainda te ama, não sabe? — sua pergunta me deixa sem resposta, mas ele também não espera por uma, pois acaba dormindo antes que eu possa dizer alguma coisa.

Encontro Felipe na sala de estar e conto o que aconteceu com meu pai.

— O importante é que ele está bem... Acho melhor eu ir, então.

— Acompanho você até a porta.

— Você não vai embora? — pergunta, confuso.

— Vou dormir aqui esta noite, ler algum daqueles livros — sorrio.

— Por falar nisso — ele diz, pensativo —, acredito que um livro de anatomia meu está com você. Será que posso dar uma olhada?

— Tudo bem — respondo, na verdade querendo dizer um não.

Sigo para meu quarto com Felipe

atrás de mim.

Sento na minha cama, enquanto ele procura por seu livro em minha estante.

— Ele deve estar aqui, você foi a última pessoa para quem emprestei — diz, pegando um livro, mas logo o coloca de volta no lugar.

Tiro meus saltos e cruzo as pernas em cima da cama.

— Achei — ele sorri, mostrando o livro.

Ele se vira, observando-me, e o olhar de encantamento volta aos seus

olhos.

— O que foi? — pergunto, tentando quebrar o silêncio desconcertante.

— Você e eu aqui. Lembrou-me do tempo que virávamos noites estudando — inconscientemente, sorrio. — Sabia! — diz de forma vitoriosa.

— O quê?

— Você lembrou que muitas vezes parávamos de estudar para namorar — ele acusa.

— Coisa da idade, né, Felipe — tento parecer casual.

Ele se aproxima e senta em minha cama.

— Relembrar o passado não morde, Isis.

— Felipe, acho melhor você ir embora.

— Você estava certa — ele diz, deixando-me um pouco confusa. — Eu deveria ter lutado por você.

— Felipe, realmente...

— Me deixa terminar? — pede, carinhoso. — Eu não deveria ter aceitado que você terminasse comigo. Eu não sentia dó de você, eu estava na

verdade arrasado por que perdemos
nosso bebê. Eu queria aquele filho,
queria ter tido a oportunidade de criá-lo
com você. Depois do acidente, quando
suas crises de ciúmes voltaram, eu não
tive reação, porque ainda estava imerso
em minha própria dor, assim como você
— seus olhos ficam marejados, mas ele
continua. — Quando você disse que
precisávamos terminar, eu entendi
aquilo como um tempo, sabe. Tempo
para acertar tudo, colocar as coisas de
volta em seu lugar. Mas isso nunca
aconteceu. Eu nunca planejei nada do

que vivo hoje, Isis, toda minha história com Patrícia começou com uma farsa.

— Farsa? — repito.

— Julia não é minha filha de sangue — ele confessa, deixando-me perplexa.

— Como? — pergunto, ainda não acreditando.

— Isso mesmo que você ouviu, Julia não é minha filha de sangue. Quando me envolvi com Patrícia, ela já estava grávida. Ela escondeu por que a família era muito religiosa e o pai da criança era um traficante que tinha

acabado de morrer...

— E você decidiu criar o filho de outra pessoa? — indago sem acreditar no que estou ouvindo.

— Eu não sei o que aconteceu entre nós. Fomos nos afastando, acabamos nos tornando estranhos. Eu queria um bebê, Isis — então eu entendi.

— Você assumiu a Julia por que queria um bebê? — choque.

— Sim, a dor de perder nosso filho nunca me deixou, assim como acredito que não deixou você também — assinto, as lágrimas escorrendo por meu

rosto. — Patrícia precisava desesperadamente de ajuda. Ela acabou contando para os pais e foi expulsa de casa sem nada. O salário que ela ganhava não era suficiente, assim eu me dispus a ajudar e, quando percebi, estava envolvido com ela, assumi a criança como minha e o resto você já sabe.

Estava difícil de processar tudo o que acabei de ouvir.

— Muito nobre da sua parte, Felipe — digo com um fio de voz.

— Essa nobreza me custou você

— ele abaixa a cabeça. — Quando você soube que Patrícia estava grávida, seu olhar... Eu soube que não haveria mais um nós.

Suas palavras me tocam.

Felipe se aproxima um pouco e vou me distanciando dele mesmo sentada. Ele continua inclinando mais seu corpo em minha direção, até que estou deitada com ele sobre mim.

— Sinto sua falta mais do que tudo nessa vida, Isis — diz, tirando o cabelo que cai sobre o meu rosto, beijando minha testa em seguida. Fecho

os olhos. — Me dê uma noite, Isis, uma noite para eu provar que ainda temos um futuro.

Não respondo, não conseguiria.

Então Felipe me beija apaixonadamente. A sua boca cobre a minha com anseio e desejo. Correspondo desesperadamente, tão faminta quanto ele. Suspirei quando ele mordeu meu lábio inferior e ondas de excitação atingiram meu corpo quando seus lábios desceram para meu pescoço. Felipe ergueu o corpo e tirou a blusa. Esse deveria ter sido o momento para eu

parar, mas não o fiz. Felipe me ajuda a tirar o meu vestido e ali estava, somente de lingerie na frente dele.

Felipe venerou meu corpo com suas mãos e com os lábios; não teve uma parte do meu corpo que ele não tocou. Senti fogo correndo por minhas veias durante tudo isso. Minha vulva latejava de tanta excitação. Quando ele tirou a calça e logo em seguida a cueca, eu só queria que ele fizesse amor comigo.

Ele segurou seu membro em suas mãos, massageando-o, enquanto olhava para mim e assim me penetrou

lentamente. Devassa, rebolei até senti-lo completamente dentro de mim. Felipe começou a estocar forte, enquanto chupava meus mamilos. A ânsia de prazer invadindo meu corpo era incontrolável e gemi alto quando ele me agarrou e ergueu meu quadril, dando um tapa em minha bunda. Felipe me esgotou até o meu fim, até eu não conseguir mais e explodi em forma de prazer.

— Ah... Ah... — comecei a gozar, sentindo meu sexo apertar em volta dele. Estremeci enquanto o orgasmo me atingia com força. Senti que

Felipe gozou logo em seguida e sorriu, deitando-se ao meu lado, ambos suados e exaustos.

$$\begin{array}{c} \cdot *' \cdot \\ , \cdot \cdot' , \cdot \cdot *' \cdot) , \cdot \cdot *' \cdot) \\ (, \cdot \cdot' (, \cdot \cdot' \end{array}$$

— Isis? — as batidas em minha porta me acordam.

— Pai? — sento-me na cama,
assustada, e Felipe faz o mesmo,
assustando-me.

— Você realmente passou a noite aqui — ouço-o sorrir. — Achei que estava delirando.

— Passei sim, pai — digo, morrendo de medo de ele pedir para entrar.

— Tenho que ir ao hospital agora, não posso te esperar.

— Tudo bem, pai — ele se despede e sai.

Meu Deus, o que eu fiz...

— Bom dia — Felipe sorri, beijando meus lábios.

Fito-o em pânico.

— Como você pode estar tão calmo com o que acabamos de fazer? — indago, beirando ao desespero.

— Eu amo você e você me ama, não fizemos nada de errado, Isis — diz de forma compreensiva.

— Não é assim que as coisas funcionam, Felipe! — puxo o lençol para cobrir minha nudez.

— E como é, Isis? — ele diz, irritando-se.

— O que não é, Felipe, e que não vou ter um caso com você — digo, direta.

— E você não precisa — ele fica em pé, nenhum pouco incomodado por estar nu. — Vamos pedir o divórcio

e viver nosso amor — diz como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

Capítulo VII

— Você só pode estar ficando louco! — fico em pé, ignorando o fato dele estar me comendo com os olhos e coloco minha roupa rapidamente.

— Eu sou louco por você, Isis — ele diz, aproximando-se.

— Para com isso, Felipe, você tem família e seu filho está para nascer — tento colocar juízo em sua cabeça, mesmo sabendo que tenho bastante culpa em tudo que aconteceu.

Ele começa a colocar a roupa também, mas sem deixar de argumentar.

— Estou disposto a abrir mão de tudo isso por você, Isis.

— Eu não estou pedindo isso,
Felipe — fecho minha sandália e pego minha bolsa.

— E você quer viver o resto da sua vida com aquele cara?

— Não fale dele! — irrito-me.

— Você passou a noite comigo, Isis, você o traiu! Acha mesmo que ele vai perdoar você? — indaga mais irritado ainda.

— Isso não é da sua conta,
Felipe — aproximo-me dele, cutucando

seu peito. — Meu casamento não te diz respeito.

Felipe segura meu pulso e me puxa em direção ao seu peito.

— Você quer isso tanto quanto eu, Isis, só precisa admitir — ele envolve suas mãos por dentro do meu cabelo e me beija.

Estremeço em seus braços, enquanto seus lábios tocam os meus de forma sedutora. O desejo se intensifica novamente.

— Você me quer, Isis, não negue isso — ele pede, roçando seus lábios

nos meus.

— Não nego, Felipe, mas não podemos — respondo, cansada de toda essa situação. — Só quero chegar na minha casa e tomar um banho agora.

Ele me solta e beija meus lábios.

— Vamos viver juntos, Isis, pense nisso. E tudo o que perdemos, podemos recuperar. Viver o nosso amor. Promete que vai pensar?

— Eu vou pensar, Felipe — ele me abraça e me deixa sair.

Saio do quarto lançando um último olhar em sua direção. Ele acena e

sorrio sem querer, despedindo-me. Quando saio da casa do meu pai, vejo o carro do Felipe estacionado e no mesmo instante me preocupo. Se eu vi, meu pai também viu. Suspiro tristemente, pensando em como isso irá acabar mal.

Para minha sorte, Breno, o motorista do meu pai, está disponível e me leva em casa.

Entro na cobertura e a primeira coisa que vejo é uma pequena mala na porta. Leandro não levou mala, então quem está aqui? Receosa, caminho até a sala e encontro meu marido sentado no

sofá com um copo de uísque na mão. Ele sabe que estou chegando, sentiu minha presença, mas não olhou para trás.

— Leandro? — chamo-o, deixando minha bolsa no aparador.

— Onde você estava? — indaga, firme, sem nem mesmo olhar para trás.

Busco coragem para parar em sua frente e mentir.

— Na casa do papai — respondo e ele ainda não me encara.

— Você dormiu lá? — ele ergue o olhar.

— Sim, ele me convidou para

jantar, mas teve uma indisposição e decidi dormir por lá — meu coração bate freneticamente.

Leandro fica em pé e me fita atentamente.

— Fiquei preocupado. Cheguei e você não estava, liguei para o hospital, liguei para o seu celular, mas esqueci de verificar com seu pai. Se soubesse, teria passado direto lá para te encontrar — meu coração perde uma batida com a simples frase.

— Desculpa por te preocupar — abraço-o, sentindo-me a pior das

mulheres.

Como encarar seu marido quando você acaba de cometer adultério?

Acho que nunca ensinaram isso e nunca vão. Não estava preparada para esse encontro; claro que tenho que encarar os meus atos, mas eu pensei que demoraria mais um pouco para encontrá-lo.

Leandro estava desconfiado quando cheguei, sua esposa dormiu fora e não avisou. Eu entendo sua atitude, mas como eu realmente tenho algo a

esconder, decidi nem mesmo questionar o comportamento estranho dele.

— Você está bem? — ele toca minha pele. — Sua pele está gelada.

— Estou bem, deve ter sido o ar frio lá de fora.

Sento no sofá e ele faz o mesmo.

— Como está sua mãe? Achei que ficaria com ela por um mês — mudo de assunto.

— Ela passou por uma cirurgia e foi colada em coma induzido por dois dias. Como sei que nada pode acontecer durante esse tempo, decidi vir te ver e

depois voltar — ele sorri.

— Você é um doce, querido, mas sei que está preocupado com sua mãe.

— Você é minha esposa, preciso cuidar de você também — Leandro se aproxima para me beijar e, com o coração sangrando, eu permito.

Enquanto ele me beija, sinto que vou explodir com tantos sentimentos dentro de mim, mas o pior é o de podridão; sinto-me tão suja que não consigo beijá-lo de volta da forma que deveria ser. Quando Leandro me puxa pela cintura, levando-me para seu colo,

eu sei o que ele quer; meu marido nunca se preocupou com o lugar em que vamos transar, sofá, escada, mesa, no corredor...

Evitamos ter empregados em casa justamente por nosso desejo desenfreado. Nunca me neguei a Leandro, entretanto faço isso agora.

— Amor, você me deixa tomar um banho antes? Sai da casa do meu pai apressada e...

— Acompanho você — ele diz, pegando-me no colo e seguindo em direção ao nosso quarto.

Quando chegamos no quarto, jogo a única opção que tenho.

— Querido, você pode pegar o analgésico por favor? — indago, levando a mão à testa.

— Está com dor? — pergunta, preocupado, mas já indo em direção à caixa de remédios.

— Sim, não me sinto muito bem — ele me estende o comprimido e o engulo a seco. — Vamos — fico em pé, indo em direção ao banheiro.

— Nem pensar — ele segura minhas mãos. — Tome seu banho

relaxante e se deite, não precisamos fazer isso agora.

— Amo você — respondo com lágrimas nos olhos.

— Também te amo — responde, amoroso.

No banheiro, penso em como estar com Felipe ontem foi um erro. Eu nunca deveria ter feito aquilo. Leandro não merece uma esposa infiel. E tenho certeza de que se eu quisesse mesmo ficar com Felipe, não estaria me sentindo tão mal como agora. Já tive colegas da faculdade que contaram que

traíam os maridos e não estavam nem aí para as consequências.

Eu amo o Leandro, amo meu marido e não vou fazer isso com ele, mas sei que as consequências serão as piores possíveis.

Saio do banheiro enrolada na toalha quando meu celular toca. Procuro por Leandro no quarto, mas escuto barulhos vindos da cozinha e sei que ele deve estar preparando algo. No visor, aparece o nome do Max e fico em dúvida se atendo ou não. Por fim, decido atender.

— Oi — digo sem saber como cumprimentá-lo.

— Você já contou? — pergunta, impaciente.

— Max, ele acabou de chegar e vai voltar novamente para a mãe, não posso fazer isso agora — peço.

— Ele me mandou uma mensagem perguntando se eu sabia onde você estava, porque ele tinha chegado em casa de manhã e a esposa dele tinha passado a noite fora. Você estava com aquele cara, Isis? — Max pergunta tão constrangido quanto eu estou por escutar

essa pergunta.

— Não! — menti para meu marido, não vai ser ao Max que vou dizer a verdade. — Passei a noite com meu pai, ele estava indisposto.

— Isis, conta logo.

— Max, por favor, não faça isso comigo agora — peço extremamente nervosa.

— Ele precisa saber, Isis.

— Ele vai me deixar — constato, chorando.

— Você não pode culpá-lo por isso, a culpa é toda sua — diz, sereno.

— Vai se foder, Max! — perco o controle. — Você não sabe o que tenho vivido, você não pode chegar e me dizer como agir no meu casamento! — elevo o tom de voz, mas fico com medo de Leandro ter escutado. — Oh, meu Deus, me desculpa, eu não deveria ter falado assim com você — peço.

— Você está nervosa, eu entendo.

— Você me deu um mês, Max.

— Tudo bem, Isis, irei esperar o um mês.

— Obrigada! — respiro um

pouco aliviada.

— Isis.

— Sim?

— Não faz mais nenhuma besteira que você possa se arrepender depois.

— Não farei, Max, eu prometo — mas os meus pensamentos só gritavam “*você já fez*”.

Encerro a ligação, tenho tempo de colocar um robe e deitar antes de Leandro aparecer no quarto já de banho tomado.

— Não precisava ter tomado

banho no banheiro social — digo a ele, que se acomoda ao meu lado.

Repouso a cabeça em seu peito e faço um carinho em seu abdômen com movimentos circulares.

— Amo quando você faz isso — diz, beijando o topo da minha cabeça.

— Senti sua falta, Leandro — sou sincera, mas depois do que fiz, é como se cada palavra fosse uma grande mentira.

— Também senti a sua. Agora descansa, quero você prontinha para tudo que pretendo fazer com você — ele

sorri, maldoso.

Aconchego-me ainda mais em seu peito e fecho meus olhos, tentando esquecer tudo o que aconteceu.

$$\begin{array}{c} \cdot *') \\ , \cdot' , \cdot *') , \cdot *') \\ (, \cdot' (, \cdot' \end{array}$$

— Acorda, minha princesa —
ouço a voz de Leandro e abro os olhos
lentamente.

Por um milésimo de segundo, sinto como se tudo não tivesse passado de um grande pesadelo, no entanto, quando seus lindos olhos me fitam, a

realidade bate com força.

— Oi — digo um pouco sonolenta.

— Oi, você dormiu quase a tarde toda, está um sábado frio lá fora.

— A desculpa perfeita para dormir — brinco.

Leandro coloca uma pequena bandeja em minha frente com algumas frutas e sucos, servindo-nos em seguida.

— Se sente melhor?

— Sim, querido, obrigada.

O brilho em seus olhos me mostra o quanto ele me deseja. Ainda

não estou pronta e não sei se um dia estarei, mas preciso dar o primeiro passo, afinal de contas, ele é meu marido, por isso, desfaço o nó do meu robe, pego um morango e o coloco em cima do meu umbigo.

— Minha putinha quer mesmo que eu a foda agora? — seu tom rouco dispara meu coração. Leandro deixa a bandeja de lado e se debruça sobre mim, mordendo o morango em seguida com um sorriso travesso.

Logo ele abocanhrou meu sexo, fazendo-me gritar de prazer; sua língua

me penetra e desliza por meu clitóris, fazendo-me me contorcer de desejo. Ele a desliza por minha coxa, voltando para minha vulva e clitóris; rebolo em sua boca, perdendo completamente o controle e gemendo loucamente. Sem aviso, Leandro me deixa e sinto o vazio me tomar por completo, mas logo em seguida, ele me penetra com força; seu membro grosso desliza por dentro de mim, abrindo espaço e tomando posse do que é seu.

Prendo minhas pernas em volta da sua cintura e Leandro geme alto. Amo

ouvi-lo gemer, perdendo o controle comigo. Ele me eleva, fazendo-me sentar sobre suas coxas, enquanto rebolo em seu colo. Nossos corpos quentes e suados saciando nosso desejo avassalador se unem ainda mais.

Leandro goza primeiro, mas ele não para, continua a me penetrar e pressiona meu clitóris com beliscões gostosos na medida certa. Assim, grito, gozando completamente fora de mim em seus braços.

— Você é tão gostosa que posso te foder por horas, Isis — ele diz,

mordendo suavemente meu ombro. —
Essa sua boceta apertando meu pau
quando goza é a coisa mais maravilhosa
desse mundo.

Somente Leandro consegue ser
um cafajeste e um doce com as palavras
ao mesmo tempo.

— Preciso ter você mais uma
vez — ele pede, mordendo minha
orelha, causando-me calafrios.

— Sou toda sua — sussurro,
rebolando em seu colo.

Leandro me tomou mais três
vezes naquela tarde e a cada vez, eu

sentia mais arrependimento pelo que tinha feito. O sentimento de podridão foi sendo levado embora e somente o arrependimento ficou. Não foi certo o que fiz com ele, Leandro não merecia, nosso casamento não merecia. Por isso, tomei a decisão que deveria ter sido tomada há dias.

Ficar longe de Felipe.

Aquele homem causa sérios danos aos meus pensamentos. Se não sou capaz de resistir a ele, preciso achar um jeito de mantê-lo longe de mim. Essa é a única forma de salvar meu casamento, se

é que ele tem salvação.

Capítulo VIII

— Querida, você tem certeza que vai fazer isso? — Leandro indaga, enquanto preparo minha mala.

— Não vou deixar você ir sozinho novamente, Leandro — informo.

Ele me abraça por trás e beija meu pescoço, virando-me em sua direção.

— Agradeço por mudar sua agenda por mim — ele sorri, apaixonado.

— Eu deveria ter feito isso antes, me desculpe.

— Sem desculpas, agora vamos — ele pega minha mala, indo na frente.

Quando Leandro estava fazendo a mala para voltar para a Inglaterra, eu decidi que o melhor era ir com ele. Liguei para o hospital e pedi que Samanta, minha recepcionista, reagendasse todos meus pequenos pacientes. Leandro foi até a clínica e deixou tudo sob a responsabilidade de Max, que é um ótimo administrador.

Quando ele saiu de casa dizendo que encontraria o Max, meu coração quase parou. Esperei que ele chegasse

em casa contando os minutos, mas Max cumpriu sua parte e não contou nada.

Enquanto ele estava na clínica, Felipe me ligou. Eu não sabia como ele tinha meu número, mas assim que reconheci sua voz, encerrei a ligação. Isso não fez com que ele parasse, pois tinha dez ligações perdidas no meu celular e assim foi até desistir de ligar.

No entanto, suas mensagens começaram a chegar.

Me atenda!

Isis, fala comigo, por favor.

Estou implorando.

Você prometeu que iria pensar em nós.

Não faça isso com nosso amor.

Liguei no hospital para saber da sua agenda, como assim você vai viajar?

Isis, não adianta fugir, eu vou continuar aqui.

Essa foi a última mensagem que ele enviou. Apaguei todas e não respondi nenhuma.

Fechei a cobertura e segui de táxi com Leandro para o aeroporto. Nosso voo partiu no horário, sem

atrasos, e finalmente, depois de onze horas de voo, a maior parte das quais passei dormindo, chegamos.

Seguimos para a casa da dona Márcia. Lembro-me da primeira vez que estive aqui e como me apaixonei pelo estilo medieval moderno. Deixamos nossas malas e fomos para o hospital.

— Vai estar tudo bem, amor — digo ao Leandro quando entramos no hospital. Sua expressão preocupada é de cortar o coração.

Dona Márcia sempre foi um doce de pessoa comigo; sempre teve

uma saúde ferro mesmo já estando com quase setenta anos, por isso, esse ataque cardíaco pegou a todos de surpresa. Leandro tentou convencê-la por anos a vir morar no Brasil, mas ela sempre recusou. Acredito que ele se sinta culpado por não estar presente quando tudo aconteceu.

— Amor — seguro seu pulso antes de entrarmos no quarto. — Nada disso é sua culpa. O importante é que você está aqui agora — ele assente e nada diz.

Entramos no quarto e dona

Márcia aparenta estar bem, como se estivesse dormindo.

— Ela já foi tirada do coma induzido e já demonstra alguns reflexos — o médico responsável pelo seu caso nos informa.

Leandro faz algumas perguntas de praxe e o médico muito educadamente responde a todas.

— Por isso, senhor Müller, pode ir para casa, descansar de sua viagem.

— Obrigado, doutor, farei isso — Leandro e ele se cumprimentam e o médico nos deixa a sós com dona

Márcia.

Meu marido beija gentilmente o rosto da mãe e se despede.

— Voltamos amanhã de manhã, dona Márcia — seguro sua mão e saímos do hospital em silêncio.

O frio hoje está terrível. Os termômetros marcam doze graus e o vento gélido batendo em meu rosto me dá a sensação de que vou congelar.

— Você nunca vai se acostumar com esse frio, não é? — Leandro brinca, abraçando-me.

— Acho que não — respondo,

batendo os dentes.

Ele gargalha de uma forma tão gostosa que tenho de parar para admirar; seu sorriso sempre foi daqueles largos, contagiantes, que faz qualquer garota suspirar.

— Você e essa sua mania de me encarar quando estou sorrindo — ele diz um pouco sem jeito e fica ainda mais lindo.

— Essa sua timidez é seu charme, Leandro — brinco com ele.

— Vou te mostrar quem é tímido quando chegarmos.

E foi exatamente o que ele fez. Tive que brigar com ele para parar de me agarrar na escada, pois os empregados poderiam ver. Ele me pegou no colo e praticamente correu em direção ao quarto. Jogou-me na cama sem nenhum cuidado; começou a se despir e logo fez o mesmo comigo.

Leandro se ajoelhou na cama, entre minhas pernas, e suas mãos começam a tocar meus seios, massageando-os, apertando e beliscando os mamilos. Sinto minha vulva latejar e o calor me consumir aos poucos. Sua

mão esquerda continua a tocar meus seios, enquanto a direita desce em direção às minhas coxas. Ele toca meu clitóris, começando com movimentos circulares com pouca pressão, mas aos poucos vai acelerando seus movimentos. Ele desce um pouco mais e a palma da sua mão começa a fazer pressão em meu clitóris, enquanto seu anelar me penetra; ondas de excitação percorrem todo meu corpo e perco-me de olhos fechados em todas as sensações.

— Olhe para mim, Isis — pede, autoritário.

Eu obedeco e Leandro continua a me penetrar. Sua mao, que antes estava em meus seios, agarra meus cabelos. O calor domina completamente meu corpo e meu orgasmo me atinge com forca, fazendo-me gemer enlouquecidamente. Leandro retira os dedos de dentro de mim, mas os leva à minha boca e em seguida à sua, chupando-os, sentindo meu gosto.

Ele sorri e, antes de se deitar ao meu lado, beija meus lábios.

— Agora descansa, querida — pede, puxando-me para seus braços.

Imediatamente fechos meus olhos, caindo em um sono pesado.

Na manhã seguinte, acordamos cedo e tomamos um café reforçado, já que ontem não jantamos, e logo saímos para o hospital para ver dona Márcia

Leandro estava com a aparência um pouco mais animada e isso me deixou feliz.

Estamos passando pela recepção do hospital quando meu celular toca. Morrendo de medo de ser o Felipe, peço licença para atender a ligação, mas o visor indica uma ligação do hospital no

Brasil.

— Alô.

— Senhora Müller, meu nome é Sandra, estou ligando a respeito do seu pai, o senhor Lorenzo.

— O que tem meu pai? — indago, confusa.

— Ele acabou de dar entrada no hospital, seu estado é grave.

Nesse momento, é como se o chão desabasse sob meus pés. A preocupação dos últimos dias não chega aos pés do que estou sentindo neste momento. As lágrimas se acumulam em

meus olhos e, desnorteada, encerro a ligação sem nem ao menos perguntar o que aconteceu com meu pai. Tudo o que sei agora é que preciso voltar.

Caminho em direção à saída quando Leandro me alcança.

— Onde você está indo? O que aconteceu, por que está chorando?

— Meu pai... — digo, soluçando. — Meu pai foi internado...

— Calma, Isis, sair assim pode piorar as coisas, você não está bem.

— Preciso ver meu pai — minha voz não passa de um sussurro.

— Eu volto com você — ele diz, condescendente.

— Não, você fica aqui com sua mãe. Ela precisa de você agora — sua indecisão é nítida, mas não há o que discutir.

— Vou levar você no aeroporto, meu amor — saímos do hospital em um silêncio mórbido. Para piorar, não há nenhum voo disponível para aquela hora e preciso esperar para voar de volta para o Brasil. As horas passam lentamente até que chamam meu voo. Despeço-me do Leandro com um beijo e

volto para o Brasil.

• *'..)

$$(\cdot, \bullet)' (\cdot, \bullet)^*)' (\cdot, \bullet)^*)$$
$$\left(\begin{smallmatrix} \bullet \\ \bullet \end{smallmatrix} \right)' \left(\begin{smallmatrix} \bullet \\ \bullet \end{smallmatrix} \right)'$$

Depois de onze horas de voo, estou exausta, precisando urgentemente de um banho e de um analgésico, mas vou direto para o hospital. Mesmo passando das onze da noite, eu sou recebida por Felipe na entrada do hospital.

— Cadê o meu pai? — pergunto,
urgente.

— Isis, você precisa ficar calma

— ele pede, estendendo a mão.

— Não quero sua mão — dou um tapa na mão estendida, perdendo a paciência. — Quero saber onde está meu pai, merda!

— Me siga — Felipe não parece chateado quando vira as costas indo em direção aos quartos do hospital.

Meu coração aperta conforme vamos nos aproximando.

— O que ele tem, Felipe?

— O médico responsável pelo caso dele é o melhor para te dizer, Isis, mas... — ele faz uma pausa quando

paramos em frente a um quarto. — Pelos sintomas que ele descreveu, foi feita uma endoscopia e foi encontrado um linfoma de células grandes. Sinto muito.

— Meu pai... ele está com câncer no estômago? — repito sem acreditar. Felipe assente. — Já fizeram a biópsia? — pergunto, tentando não perder o controle, mas sentindo minha garganta fechar, esperando a resposta.

— Sim, durante a própria endoscopia — Felipe suspira. — É maligno, Isis.

Sinto minhas pernas fraquejarem

e, antes que eu possa atingir o chão, Felipe me ampara. As lágrimas correm soltas por meu rosto, enquanto tudo o que é de pior passa por minha mente. Buscando coragem, solto Felipe e abro a porta do quarto. O que vejo rasga meu coração.

Diferente de dona Márcia, a aparência do meu pai está péssima. Ele está cercado de tubos e respira com ajuda de aparelhos. Fito Felipe sem acreditar.

— Ele estava bem alguns dias atrás — sussurro. — Você mesmo viu

como ele estava no jantar — tento entender.

— Você me disse que ele enjoou e vomitou naquela noite — assinto. — Perguntei ao Breno, o motorista, foi ele que trouxe seu pai. Ele contou que seu pai estava se sentindo assim há alguns meses.

— E por que ele não me contou?

— Acho que não queria preocupar você.

— Oh, meu Deus — puxo uma cadeira e sento bem perto do meu pai, apoiando a cabeça em sua cama.

— Isis, a cirurgia dele está marcada para daqui a dois dias — Felipe informa.

— Por que não fazem logo?

— O Dr. Braz quer esperar para ver se ele consegue voltar a respirar sem ajuda dos aparelhos, para a cirurgia não ser de risco.

Assinto.

Felipe pega uma cadeira e senta ao meu lado.

— Ele vai conseguir, Isis, seu pai é forte — segura minha mão, tentando me passar conforto, mas ele

não consegue.

Inevitavelmente começo a chorar. Felipe me ampara, repousando minha cabeça em seu ombro e ali choro sem ter a mínima ideia do que fazer. Esse é o tipo de coisa que achamos que nunca vai acontecer conosco e do nada simplesmente acontece, deixando-nos completamente perdidos. Meu pai.... Não posso perder meu pai.

Felipe levanta meu rosto tocando meu queixo, fazendo-me encará-lo.

— Não chore, minha princesa —
ele seca minhas lágrimas.

— É o meu pai, Felipe.

— Ele é forte e vai conseguir.

— Tomara que sim — tento
sorrir.

Felipe aproxima seu rosto bem perto do meu e beija meus lábios suavemente.

— Vai ficar tudo bem — ele diz e volta a fazer um carinho em meus cabelos, consolando-me.

• *'..)

[illegible]
$$\left(\begin{smallmatrix} \bullet \\ \cdot \end{smallmatrix} \right)' \left(\begin{smallmatrix} \bullet \\ \cdot \end{smallmatrix} \right)'$$

Passo a noite com meu pai no

hospital e de manhã vou para casa tomar um banho e trocar de roupa. Estou saindo do banheiro quando meu celular toca. Leandro. Com tudo o que aconteceu, não toquei em meu celular desde que cheguei.

— Oi — atendo.

— Liguei muitas vezes — ele diz, chateado.

— Não peguei o celular desde que cheguei — explico.

Ele suspira.

— Como está seu pai?

— Câncer no estômago —

respondo.

— Meu Deus! — ele diz,
assustado.

— Sim, foi o mesmo que pensei.
E sua mãe, como está? — indago,
preocupada.

— Ainda não acordou, estamos
começando a nos preocupar.

— Sinto muito, Leandro — digo
tão cansada com tudo isso acontecendo.

— Eu também, querida.

— Tenho que ir para o hospital
agora — informo.

— Tente descansar um pouco.

Amo você.

— Também te amo.

Encerro a ligação, jogando-me no sofá. Tudo na minha vida parece tão errado. Até alguns dias atrás, eu levava uma vida normal e feliz, então Felipe volta, dona Márcia fica doente e agora meu pai.

O caos se instalou em minha vida e não tenho a mínima ideia do que fazer ou em que direção seguir. Estou perdida, completamente perdida. Minha vida sentimental está uma bagunça, meu pai corre risco de vida e estou traindo

meu marido.

Estou tão cansada de tudo isso.

Arrumo-me e volto para o hospital. Vou primeiro no meu consultório guardar minha bolsa e quando abro a porta, encontro Felipe sentando no sofá.

— O que está fazendo aqui? — indago um pouco chateada.

— Você está precisando de um amigo — ele diz como se isso devesse fazer sentido. — Sente-se aqui — ele toca o lugar vazio ao seu lado. Penso duas vezes antes de sentar, mas estou tão

exausta que nem ao menos criticar consigo.

Quando estou me sentando, Felipe me faz deitar com a cabeça no seu colo e deixar as pernas para fora do sofá. Fecho meus olhos, enquanto ele mexe em meus cabelos, cantando para mim uma canção de ninar que eu adorava quando mais jovem. E ali lembrei que ele estava fazendo exatamente o que fazia quando eu estava chateada.

— Obrigada, Felipe — digo sem abrir os olhos.

— Sempre que precisar — ele continua o carinho.

Sinto seu rosto se aproximar do meu e abro os olhos, assustada.

— Shii — ele diz quando vou fazer uma objeção. — Feche os olhos e simplesmente sinta.

Sinto todo seu amor me consumir quando seus lábios tomam conta dos meus em um beijo arrebatador, que faz tudo a minha volta girar; tudo está fora do eixo e só sinto as emoções fluírem dentro de mim. Esse é o mesmo beijo que Felipe me deu quando nos amamos

pela primeira vez anos atrás; as imagens daquela noite inesquecível assustam meus pensamentos, como se eu estivesse acabado de viver o momento. Um *déjà vu* que nunca vivenciei antes e que me deixa anestesiada, inebriada.

Encontro os olhos de Felipe brilhando e ele não hesita em pedir.

— Termina tudo, Isis, fica comigo — ele pede com a voz embargada.

Eu deveria ter pensando antes de responder, mas não foi o que fiz.

— Sim.

— Você está falando sério? —

ele pergunta sem acreditar.

— Estou, Felipe, estou falando sério.

Capítulo IX

O mês de junho passou rapidamente e no final dele chegaram algumas notícias boas: meu pai passou pela cirurgia sem maiores problemas e atualmente estava em casa, de repouso. Dona Márcia, mãe do Leandro, com a graça de Deus, estava se recuperando muito bem e meu marido voltará para casa hoje. Nesse exato momento está dentro do avião e eu estou o esperando, ansiosa. Olho para meu relógio de pulso e vejo que preciso ir para casa preparar tudo para recebê-lo.

Com meu pai em casa, minha rotina no trabalho ficou muito corrida, pois estou cuidando da administração do hospital e dos meus pacientes.

Estou saindo da sala do meu pai quando ele entra.

Felipe.

— Você já está indo? —
pergunta, curioso.

— Sim, preciso ir para casa.

— Ele chega hoje, não é? —
sabia que ele tinha vindo aqui para isso.

— Sim, Felipe, ele chega hoje.

— E você não mudou de ideia?

— pergunta, receoso.

Depois do meu último encontro com Felipe, uma série de coisas aconteceram. Seu filho, Matheo, nasceu. Patrícia teve algumas complicações no parto e precisou ficar internada assim como o bebê deles. Eu dediquei meu tempo ao trabalho e ao meu pai. Então, depois daquele dia, Felipe e eu não tivemos tempo para conversar. Eu queria dizer a ele, quando ele saiu do meu escritório naquele dia, que tinha sido um momento de fraqueza e estava disposta a fazer isso no dia seguinte, mas não

consegui.

Ele ficou afastado por algumas semanas cuidando da família e quando finalmente voltou ao trabalho, eu estava atolada de coisas e preferi evitá-lo. Achei que teria mais tempo para falar com ele, mas o tempo passou tão rápido... E agora estou encurralada em minha própria armadilha.

— Isis? — Felipe indaga, preocupado.

— Felipe, podemos conversar com calma outro dia?

— Você não vai deixá-lo, não é?

— ele acusa.

— Ele é meu marido, Felipe.

— E eu sou o quê? Um caso passageiro? — pergunta, exaltando-se.

— Que droga, Isis, pensei que tivéssemos resolvido isso!

— Felipe, seu filho acabou de nascer e sua esposa recebeu alta há pouco tempo. Fique com sua família.

— Você não pode mudar de ideia.

— Eu não mudei de ideia, Felipe. Você e eu foi um erro, eu estava abalada com meu pai, aquele beijo me

relembrou o passado, nem sei onde estava com a cabeça quando te respondi aquilo — decido ser sincera.

Felipe fica vermelho e se aproxima de forma ameaçadora.

— Você acha que pode brincar com meu coração, Isis?

— Nunca foi minha intenção, Felipe — digo com os olhos marejados.

— Então eu fui só um erro?

— Você é um amor antigo, Felipe, o que tivemos precisa ficar no passado — respondo, passando por ele e saio da sala o mais rápido possível,

finalizando nossa conversa.

Sempre achei que todos merecem uma segunda chance quando erram, por isso estou disposta a revelar ao Leandro o que aconteceu nesse último mês. Meu coração está apertado somente com o pensamento disso e o frio na barriga nunca passa.

Max me ligou hoje e, antes que ele me perguntasse alguma coisa, contei que pretendia conversar com Leandro hoje sem falta. Vou contar a ele tudo o que aconteceu e peço a Deus que ele me perdoe. Sinto as lágrimas se formarem e

começo a chorar. Ele me perdoaria?

Leandro seria capaz de me perdoar?

Nunca falamos sobre isso, pois sempre pareceu algo impossível de acontecer.

Felipe chegou para mexer com minha estrutura e com meus sentimentos; o que sinto por ele é muito confuso, no entanto, meus sentimentos por Leandro são claros. Entregar-me a Felipe aquela noite foi um terrível erro, senti-me a Isis de dezenove anos: apaixonada, louca e sedenta por Felipe. Como um amor da

juventude pôde mexer tanto comigo?

Fui para casa do meu pai antes de ir para a cobertura e decidi conversar com ele. Eu precisava de alguém para me ouvir.

Contei ao meu pai tudo o que aconteceu durante esse mês e as coisas que Felipe me disse.

— Você se deixou abalar, Isis, porque ainda imaginava um conto de fadas com Felipe — meu pai disse bem sério. — Vocês não tiveram um fim. E isso mexeu com você.

— Eu terminei com ele, pai.

Tivemos um fim.

— Não foi adequado. Você terminou com ele dizendo que ele sempre seria o amor da sua vida e ele fez o mesmo. Vocês ainda se amavam, o que separou você e ele foi a vida. Bastou ele estar de volta para todo esse sentimento reprimido voltar com força total, para ambos, e assim vocês cometeram esses erros.

— Fui fraca, pai.

— Muito, Leandro não merecia isso e muito menos a Patrícia — diz, ríspido. — Eu vi o carro de Felipe aqui

aquele dia que você dormiu em seu quarto e nunca fiquei tão decepcionado.

Arregalo os olhos, surpresa; meu pai nunca foi tão duro comigo.

— Aquele dia eu disse a você que o Felipe ainda te amava, infelizmente o sono venceu, mas eu gostaria de ter dito também que você deveria se afastar dele — um nó se forma em minha garganta. — Você ficou desolada quando Felipe se casou, presenciei todo seu sofrimento, Isis, até você conhecer Leandro. Ele trouxe de volta o brilho nos seus olhos, a paixão

pela medicina, a vontade de viver.

Nesse momento, as lágrimas descem por meu rosto sem que eu conseguisse controlar.

— Sei que seu erro está doendo, querida, mas agora é tarde demais, você precisa tentar mudar tudo isso.

Subo na cama do meu pai e deito em sua perna, chorando como uma criança. Se Leandro não me perdoar, a única culpada por meu casamento acabar sou eu. Eu poderia tentar conversar com Max e nunca contar o que houve ao Leandro, mas não conseguiria

viver com essa culpa.

Depois de algum tempo, consigo me acalmar. Verifico se meu pai tomou todos seus medicamentos e depois vou para a cobertura.

Pedi a Ana que preparasse um jantar para nós e depois ela estaria liberada. Arrumei a casa com luz de velas, deixando um clima bem gostoso. Se ele não me perdoasse, eu teria ao menos uma última noite para me lembrar.

Tomei um banho, coloquei a camisola preferida dele e um robe por

cima. Era dez da noite quando ele chegou. Eu estava deitada no sofá com uma taça de champanhe na mão. Ele sorriu ao me ver.

Eu necessitava dessa noite antes de tudo desmoronar.

— Senti sua falta — afirmo quando ele se junta a mim, beijando-me com paixão.

Não consigo controlar a dor em meu coração e acabo chorando enquanto nos beijamos.

— O que foi, amor? — ele pergunta gentilmente.

— Só estava com muita saudade, amor — abraço-o e me aninho em seu colo.

— Minha putinha tão sensual está querendo colo, não é? — sorrio com a ousadia de suas palavras.

Ah... meu Leandro...

Antes de jantarmos, Leandro faz amor comigo no sofá; saciamos nosso desejo e matamos nossa saudade enquanto nos amávamos. Foi especial, estar com Leandro sempre é especial, como fui tola por não ter evitado Felipe.

Em determinado momento, quis

me lamentar, trancar-me no quarto e chorar, mas não o fiz. Eu só queria estar com meu marido cada momento que eu pudesse.

Jantamos felizes e, quando estávamos indo para a cama, senti um enjoo e acabei vomitando.

— Não sei por que insisto em comer mais do que aguento se sempre passo mal — reclamo quando estamos nos deitando.

— Seu estômago é pequeno e você, gulosa; uma combinação não muito boa — ele brinca.

Dou um tapa no braço dele e Leandro sorri.

— Você fica tão gostosa quando se finge de brava — provoca-me.

— Amo você, Leandro — digo com o coração apertado.

Ele sorri de forma carinhosa.

— Amo você, Isis — ele me beija apaixonadamente e me aninha em seus braços. Adormecemos um nos braços do outro, cansados.

Na manhã seguinte, acordei sabendo que eu não teria mais tempo. Levantei antes de Leandro, tomei um

banho e fiquei esperando por ele na sala. No entanto, meu marido deveria estar muito cansado da viagem, pois dormiu até o meio-dia. Quando ele chegou na sala com o rosto amassado e o cabelo desganhado, eu estava passando muito mal.

De início, achei que era por que estava morrendo de medo e ansiosa, mas a cada hora que passava, eu só me sentia pior.

— O que você tem, Isis? —
Leandro se aproximou rapidamente, preocupado.

— Fique quietinha, estamos indo ao hospital — ele afaga minha mão.

Fico em silêncio, não adianta discutir com Leandro quando o assunto é saúde.

Adentramos no hospital e Leandro me leva para seu consultório, ele solicita a presença do médico plantonista e a doutora Lara logo aparece.

— O que você está sentindo, Isis? — indaga, preocupada.

— Minha visão está turva, sinto fortes enjoos e tonturas. Parece que vou

morrer a qualquer momento — faço drama. Ela sorri.

— Já volto — ela sai da sala, deixando-nos a sós, mas em questão de minutos está de volta. — Isis, por favor, urine nesse pote.

No momento que ela me pede isso, meu coração gela e Leandro me fita em expectativa.

— Você acha que ela está grávida, Lara? — Leandro pergunta com um fio de voz.

— Os sintomas são os mesmos — ela sorri.

— Mas, Lara, estou com uma lesão nas trompas — digo.

— Isso pode dificultar, Isis, mas não impede a gravidez.

Ela me entrega o pote e a fita com um sorriso. Sigo para o banheiro sem olhar para Leandro.

Cada minuto que fiquei dentro desse banheiro, esperando pelo resultado, foi uma grande tortura. Os três minutos mais longos da minha vida. E como se o destino gostasse muito de mim, o resultado na fita mostrava um positivo. Estou em choque.

Abro a porta do banheiro e saio com a fita na mão. Leandro se aproxima e espera que eu diga alguma coisa. Não consigo, apenas meneio a cabeça, afirmando a gravidez.

Ele me abraça, feliz e quase gargalhando. Apesar dos pensamentos confusos, sou contagiada por sua felicidade.

— Vamos ser pais! — ele beija meus lábios. — Deus nos abençoou novamente, meu amor! — sorrio para ele com lágrimas nos olhos e vejo que ele também está emocionado.

Não posso contar, não agora.

Que tipo de pessoa eu seria se fizesse isso com ele nesse momento?

Os pensamentos rodam minha cabeça.

— Vamos ser pais — repito suas palavras, sorrindo.

— Precisamos marcar a consulta logo, querida — ele diz, preocupado.

— Vamos marcar, amor, mas você precisa controlar sua ansiedade — brinco com ele.

— Precisamos de um exame de sangue para confirma e ter uma ideia de

quantas semanas — ele diz.

Leandro me abraça novamente e, juntos, emocionamo-nos. Depois de tudo o que passamos, um bebê agora é um verdadeiro presente.

Estou realmente feliz, no entanto, é impossível não pensar na realidade. Mas eu não quero pensar nessa maldita realidade; recuso-me a pensar nela a qualquer custo.

Capítulo X

Dei graças a Deus quando saímos do hospital e não encontramos com Felipe, era tudo o que menos precisava nesse momento. Quando chegamos em casa, Leandro era a felicidade em pessoa.

— Não acredito nisso, amor, parece que estou sonhando — ele diz com um sorriso bobo.

Sorrio, mas ele percebe quando a alegria não alcança meus olhos.

— Você não se sente bem, querida? — indaga, preocupado.

— Estou um pouco tonta — digo a verdade. — Não lembro de ter sido assim a primeira vez.

— Nenhuma gravidez é igual a outra, querida, mas vamos para o quarto, você precisa descansar um pouco.

O dia passou tranquilamente, a não ser pelo mal-estar que estava sentindo. Leandro ficou ao meu lado, mimando-me e cuidando de mim o tempo todo. Sou uma pessoa horrível, não sou? O que posso dizer em minha defesa? O que poderia soar menos culpado para mim?

Dizer que meus sentimentos se confundiram, que eu não pensei, somente agi?

Não importa o que eu diga, sou culpada.

Meu marido e qualquer outra pessoa irá me culpar, chamar-me por nomes baixos e assim por diante. Meu pai, que conhece minha história, ficou decepcionado comigo, imagina o que as outras pessoas irão comentar. Não sei mais o que pensar. Nesse momento, só sinto a culpa me corroer por inteiro.

Se eu conseguir convencer o

Max a não contar nada ao Leandro, eu conseguirei viver o resto dos meus dias com esse segredo?

Leandro a todo momento estava preocupado comigo, perguntando sempre como eu estava me sentindo. No fim da tarde, ele decidiu sair para comprar um doce que gosto muito com a desculpa de me fazer sentir melhor, mas a verdade é que Leandro me conhece muito bem e ele sabe que tem algo me incomodando.

A campainha tocou, assustando-me.

— Esqueceu a chave? — abro a porta, perguntando ao Leandro, mas quando percebo quem é, a vontade é de bater a porta em seu rosto.

— Está brincando de casinha, Isis? — Felipe diz, irritado.

— Mas o quê...? — digo completamente desnorteada.

— O que estou fazendo aqui? — ele conclui por mim. — Simples, fiquei sabendo hoje que uma doutora muito importante do hospital Helena Chez deu entrada com suspeita de gravidez. Você não imagina minha surpresa quando

descobri que o exame deu positivo!

Perco a cor.

— Vai embora daqui — digo.

— Você sabe muito bem que esse filho pode ser meu — ele diz aquilo que eu não queria ouvir nem mesmo em meus pensamentos.

— Vai embora — repito.

— Isis, você não vê? Essa é a nossa chance — ele dá um passo à frente, como se fosse entrar em minha casa, mas fecho a porta antes.

— Felipe, vai embora, pelo amor de Deus! Amanhã converso com

você.

Ouço ele suspirar alto, mas logo ouço seus passos se distanciando.

Decido não ligar para a portaria para perguntar como Felipe subiu, pois o porteiro provavelmente iria se desculpar com Leandro depois e isso só me traria mais problemas.

Meu coração parece que vai sair pela boca. Corro para meu quarto, entrando no banheiro. Ligo a ducha com água extremamente quente e deslizo a esponja por meu corpo como se minha vida dependesse disso; machuco minha

pele, enquanto lágrimas descem por meu rosto.

Tenho que contar para ele, preciso contar ao Leandro o que fiz!

— Isis! — Leandro gritou, entrando no banheiro.

Meu marido me fitou em desespero quando nota o estado em que eu estou.

— Isis, pelo amor de Deus, o que você está fazendo?! — ele grita, tirando-me de dentro do box e me cobrindo com uma toalha. — Você estava querendo esfolar sua pele, Isis?

— pergunta com tom complacente.

Não respondo.

Leandro me leva para o quarto, seca-me, faz-me vestir um robe de algodão, penteia meus cabelos e deita-me na cama ao seu lado, tudo isso enquanto as lágrimas desciam por meu rosto.

— Leandro — chamo-o com o fio de voz que ainda tenho.

— Não diga nada, meu amor — ele faz carinho em meus cabelos.

— Mas eu preciso...

— Não precisa, isso pode

esperar. Você está em choque, só quero que descanse — ele alisa minha pele, que está vermelha, e beija meu rosto.

Depois disso, não lembro de mais nada a não ser de adormecer nos braços do meu marido.

Na manhã seguinte, acordei muito mais calma, uma noite de sono me fez muito bem e consegui pensar melhor. Desesperar-me e agir por impulso não vai resolver nada em minha vida. Leandro me ajudou a levantar, a me preparar para o trabalho e a tomar café. Minhas mãos estavam trêmulas e ele

queria que eu ficasse em casa, mas isso não ia acontecer; eu precisava trabalhar, colocar minha mente para pensar em algo completamente alheio a mim.

No hospital, despedimo-nos com um singelo beijo e cada um seguiu para seu consultório. Leandro é um neurocirurgião muito importante, talvez eu o convença a criar nosso filho fora do país, longe de toda essa bagunça.

— Bom dia — Felipe diz atrás de mim assim que entro em minha sala.

— Estou começando a achar que você está me perseguindo, Felipe —

digo um pouco irritada.

Cruzo os braços e paro em frente à minha mesa, enquanto ele fecha a porta.

— Isis, eu não quero brigar, só quero saber como vamos resolver tudo isso.

— Eu falei com você ontem, Felipe.

— Você disse que nós fomos um erro. E isso é mentira, você me queria assim como eu quero você.

— Felipe, escuta bem: o que tivemos no passado sempre mexeu muito

comigo, nossa história sempre pareceu um conto de fadas que teria um final feliz. Nos reencontramos e aqueles sentimentos voltaram, mas não voltaram da mesma forma, Felipe, voltaram confusos, desconexos. Dormir com você aquela noite não me trouxe nada mais do que arrependimento. Se eu realmente amasse você, teria lutado por isso, mas não. No dia seguinte, eu me arrependi — aproximo-me dele e toco seu rosto, que está aborrecido. — Não quero te magoar, até por que também estou saindo magoada dessa história. Esse

conto de fadas que criei nunca existiu. Posso estar quebrando seu coração agora, mas se serve de consolo, também estou quebrando o meu. Precisamos abrir mão do nosso passado, Felipe, e deixar ele onde deve ficar, no passado.

Ele me fita como se buscasse a verdade em meus olhos, e tenho certeza de que a encontra, pois ele segura meu pulso e me pressiona contra a parede da mesma forma que fez quando me beijou aqui nesse mesmo consultório.

— Me larga, Felipe — peço quando ele aproxima seus lábios dos

meus.

— Você não quer isso, Isis, você está confusa.

— Confusa eu estava quando deixei que você me beijasse pela primeira vez — minhas palavras o machucam, vejo a dor no seu olhar, mas isso só o encoraja mais. — Felipe, não faz isso! — peço, tentando me soltar quando ele encosta seus lábios nos meus.

— Sai de cima da minha mulher, seu desgraçado! — Leandro entra furioso em meu consultório, batendo a

porta atrás dele com força, assustando-me.

No instante seguinte, meu marido tira Felipe de perto de mim, atirando-o em cima do sofá. Leandro se aproxima de mim e o pavor está estampado em sua expressão.

— Você está bem? — indaga, preocupado, tocando-me, verificando meu corpo.

— Estou — respondo.

Leandro encara Felipe e não hesita em perguntar.

— O que você pensa que estava

fazendo? — ele se aproxima de Felipe, que já levantou do sofá e o encara de volta.

— Pegando o que é meu — Felipe responde com ousadia.

Oro para que Felipe não fale nada, que ele saia da minha sala em silêncio, tento sinalizar para ele não mencionar nada, mas ele me ignora.

— Pegando o que é seu? — Leandro repete, sarcástico. — Sua esposa é sua. Isis é minha — ele afirma.

— Você tem certeza?

Não faça isso, Felipe, por favor.

— Se você quer me dizer alguma coisa, doutor Felipe, por favor, faça como homem e pare com os joguinhos — isso só irrita ainda mais Felipe, que cospe minha podridão em cima do meu marido.

— Isis e eu nos amamos e o filho que ela está esperando é meu — ele diz com orgulho.

Leandro não hesita nem por um segundo depois que Felipe o afronta; meu marido acerta um soco em Felipe, que o faz cair de volta no sofá. Felipe se levanta com dificuldade, decidido a

revidar o soco, mas ele não vai encostar um dedo em Leandro.

Posiciono-me rapidamente entre eles.

— Sai daqui! — encaro-o, furiosa.

— Mas, Isis...

— Sai daqui agora! — grito, perdendo o controle.

Felipe encara Leandro uma última vez antes de sair da minha sala e bater a porta atrás dele.

— Quem esse cara pensa que é para falar uma merda dessas? —

Leandro diz. Ele não acreditou no que Felipe disse.

— Leandro.

Não o sei o que me denunciou, minha voz, minha expressão... Só sei que nunca serei capaz de esquecer o olhar do meu marido nesse momento.

— Não — ele diz, firme.

— Leandro...

— NÃO, PORRA! — ele grita e eu pulo para trás, surpresa.

— Leandro, me deixa explicar —
— peço.

— Você dormiu com ele? —

pergunta como se ainda não estivesse acreditando.

Eu queria não chorar, queria ser capaz de não demonstrar fraqueza, mas não consigo. As lágrimas idiotas descem como cascata **por** meu rosto; não consigo pensar com clareza e muito menos achar as palavras certas para este momento.

— FALA, PORRA! VOCÊ DORMIU COM ELE? — ele se aproxima ainda mais.

Não consigo falar, apenas assinto. Nesse momento, Leandro

diminuiu a distância entre nós e ergue a mão direita, direcionando-a para minha face. Ele vai me bater.

Espero pelo tapa que nunca veio. Sinto somente o vento dele passando por mim e escuto a porta bater.

Pego minha bolsa e vou atrás de Leandro, que sai em disparada pela porta do hospital. Olhares curiosos são lançados em minha direção, mas ignoro todos.

Não consigo alcançá-lo e ainda demoro alguns minutos até achar um táxi disponível. Assim que consigo um,

ofereço o dobro para o motorista ser o mais rápido que ele puder. O caminho é angustiante e, quando finalmente chegamos em frente ao meu prédio, corro como uma louca para pegar o elevador.

Entro na cobertura procurando por Leandro e o encontro no quarto, na cena mais triste que já presenciei. Ele está fazendo as malas.

— Leandro, não faz isso — peço, aproximando-me dele. Ele não me responde. — Leandro, por favor — ele nem mesmo me olha. — Não faz isso.

Podemos começar de novo — ele sorri, sarcástico, mas nada diz. — Não me trate assim, vamos conversar — seco minhas lágrimas, tentando parecer um pouco melhor.

— Volta para o Felipe, Isis — ele diz, mas ainda não me olha.

— Eu não quero o Felipe.

— Então por que trepou com ele?! — grita.

— Leandro, eu posso explicar.

— Você tem certeza? Por que para mim está muito claro. Não preciso de detalhes.

— Não faz assim, Leandro, são três anos de casamento.

— Três anos que você desperdiçou! — ele grita. — O meu pau não era suficiente para você?!

Sua acusação me choca e não sei como responder a isso.

Ele continua a arrumar as malas. Sento na cama, derrotada, sentindo meu casamento desmoronar.

— Você ia me fazer criar o filho de outro cara! — ele acusa. — Que tipo de mulher é você?!

— Eu não ia fazer isso — digo,

firme.

Tenho sua atenção pela primeira vez desde que cheguei.

— O que você ia fazer então, Isis?

— Eu pretendia te contar sobre o que aconteceu...

— Não quero ouvir sobre isso — ele estende a mão, calando-me.

— Eu... Eu não sei quem de vocês é o pai.

Essa é a frase mais humilhante que já precisei dizer em minha vida.

Leandro parece tão chocado

quanto eu e senta na cama com as mãos no rosto.

— Então você está dizendo que esse filho pode ser meu? — ele indaga.

— Sim.

— Engraçado, não é? Eu era louco para ter um filho com você e agora que você está grávida, surge essa questão: sou ou não o pai desse bebê — seu sarcasmo me mata.

— Não me trate assim — sussurro.

— Assim? — ele franze a testa.
— Como a puta que você é? — ele diz

com raiva.

Engulo em seco e seco meu rosto.

— Você não precisa sair, Leandro, quem comprou essa cobertura foi você. Eu saio — informo, cansada.

Levanto-me da cama e saio do quarto, deixando-o sozinho.

Sair da cobertura é fácil, difícil é saber que saí do coração dele, que ele me vê como uma vadia mentirosa. Isso, sim, é difícil. Mas não estou desistindo, estou deixando que ele pense, que se acalme, aí poderei tentar me explicar.

Capítulo XI

Leandro

Ouçõ a porta da cobertura bater e sento na cama, tentando entender que porra toda foi isso. Não acredito que ela fez isso! Como teve coragem de me trair assim? Que merda! Se ela estava a fim dele novamente, por que não terminou tudo comigo antes? Isis não me deu nem mesmo a chance de lutar por ela, simplesmente jogou nosso casamento no lixo, esquecendo tudo o que vivemos.

As palavras daquele bastardo

ecoam em meus pensamentos, “*Isis e eu nos amamos*”. Juro que tento, mas não consigo entender. Estava tudo bem até esse cara aparecer, ela me amava, eu tinha certeza disso, ou foi ilusão da minha mente? Fui enganado pela mulher que amo por três anos?

A fúria me consome. Irritado, jogo a mala com minhas roupas no chão, quebrando em seguida todos os nossos porta-retratos, jogando-os contra a parede. Seguro o que expõe a foto do dia do nosso casamento, estávamos felizes, uma felicidade palpável para,

agora, acontecer isso. Quando encontrei com Isis naquele hospital, ela não era a mulher que passou os últimos três anos comigo. Estava quebrada, sofrendo por aquele idiota que não pensou duas vezes antes de abrir mão deles para se casar com outra mulher. E, aí, ele volta e a burra esquece tudo isso, entregando-se a ele.

— Burra! — grito, enfurecido, jogando o porta-retratos no chão.

Sigo para a sala, servindo-me de uma dose dupla de uísque. Qual a melhor opção quando se descobre que é

traído? Beber. A bebida serve como consolo e afoga as mágoas.

Tudo na casa me lembra dela e isso me irrita ainda mais. O quadro enorme no centro da parede com a foto de nossa lua de mel em Paris parece rir de mim, caçoando da minha desgraça. Levanto, indo até a cozinha, pego uma faca e rasgo a tela do quadro até não sobrar mais nada.

Jogo-me no sofá, exausto com todas essas emoções. Relembro cada sorriso, cada gesto de carinho e me pergunto o quanto disso foi verdade.

Inevitavelmente choro, a dor da traição consumindo cada pedaço de dentro de mim, espalhando-se como uma praga.

— Por que, Isis? — pergunto no silêncio.

A campainha toca, tirando-me da minha lamentação. Não quero ver ninguém. A campainha toca insistentemente, mas me recuso a abrir.

— Leandro, abre essa merda! —
Max grita do lado de fora.

— Vai embora!

— Não até você falar comigo!

Max é meu amigo desde a

faculdade, sempre esteve ao meu lado quando precisei e tenho certeza que preciso dele agora. Levanto e abro a porta para meu amigo, que me fita por alguns segundos.

— Eu sinto muito — ele diz.

— Como você sabe? — indago, dando passagem para que ele entre.

— Ela me ligou, disse que você precisava de mim.

A menção a ela mexe comigo, por que ela fez isso? Preocupa-se comigo ou só está com pena?

Sento no sofá e Max faz o

mesmo, observando a bagunça que fiz.

— Você sabe que ela te ama, não é? — ele indaga, fazendo-me rir.

— Ela ama o Felipe.

— Não sei o que ela sente por aquele cara, Leandro, mas ela te ama — encaro-o como se ele fosse um idiota.

— Escute, não fique com raiva de mim — assinto e ele continua. — Há um tempo, fui no consultório dela saber como estava sua mãe, já que você não atendia minhas ligações. Quando cheguei, ouvi uma conversa dela com ele, como ela dizia que o beijo tinha

sido um erro, que ele deveria voltar para onde veio e como o que eles tiveram ficou no passado.

— Eles transaram, Max —
informo, seco.

Meu amigo fica em silêncio por um instante.

— Você deixou ela se explicar?

— O que nessa história tem para ser explicado, seu idiota? Ela me traiu!

Max suspira.

— Leandro, não quero defendê-la, está bem? Torço pela felicidade de vocês, vocês se amam, mas toda história

tem dois lados. Escute-a, deixe ela se explicar. Além do mais, Leandro, eu ouvi a conversa deles, estava lá quando presenciei ele persuadi-la de todas formas.

— Ela não é criança, Max, não arrume desculpas esfarrapadas.

— Você que está sendo cabeça-dura em não deixar sua mulher ao menos se explicar. Quantas vezes na faculdade você dormiu com garotas que tinham namorados? Algumas não queriam, mas você persuadiu algumas delas — ele acusa.

— Eu não era casado e não devia fidelidade a ninguém — digo, irritado. — Agora cala a porra da boca, que você está me irritando.

Max não responde, apenas se serve de uma dose de uísque e bebe ao meu lado.

Assim passamos a madrugada inteira. Meu amigo não tentou me convencer mais a escutar Isis, só me apoiou em silêncio e era justamente isso que eu precisava nesse momento. Enquanto sinto esta maldita dor em meu peito, meus pensamentos só me levam a

ela. Em como fui duro com as palavras horas atrás e como ela deve estar se sentindo. Dor de corno é uma merda, tão patético quanto se possa imaginar.

Amei aquela mulher com toda minha força e ela me traiu, por que as coisas têm que ser assim?

Felipe

— Droga! Droga! — grito, batendo a porta quando entro em casa.

— Pelo amor de Deus, Felipe, Matheo acabou de dormir — Patrícia aparece, chamando minha atenção.

— Desculpe — peço. — Estão

todos bem? — indago.

— Sim, mas o que houve? —
indaga, preocupada.

— Nada, Patrícia, me deixa
sozinho, por favor.

— É ela, não é? — sinto a dor
em sua voz, mas infelizmente não posso
fazer nada.

— Patrícia...

— Eu nunca deveria ter me
intrometido nessa história maluca de
vocês. Achei que com o tempo você
seria capaz de me amar e por um
momento cheguei a acreditar que isso

aconteceu. Mas eu sabia que no instante que você chegasse nesse país tudo mudaria.

— Você sempre soube, nunca te enganei.

— Estávamos começando algo nosso, Felipe! Nosso filho acabou de nascer! Se concentre em nós novamente, se dedique a nós como você fazia na Califórnia e você perceberá que isso tudo não passa de uma ilusão.

— Não é ilusão, eu a amo — digo, a dor preenchendo meu peito.

Patrícia se mantém firme com

minha declaração, não se abalando.

— Então pare de parecer um derrotado e faça alguma coisa a respeito. Só não venha atrás de nós quando for tarde demais, Felipe, por que podemos não estar mais aqui — ela sai, deixando-me sozinho.

Quando conheci Patrícia, encantei-me por sua beleza, por sua personalidade doce e carinhosa. Compadeci-me de sua dor quando estava grávida de Julia e acabamos nos envolvendo. Apaixonei-me por ela e decidi ajudá-la; quando recebi a

proposta para trabalhar no exterior, achei que seria um recomeço, uma forma de fugir de toda aquela dor que estava sentindo. A pedi em casamento e começamos uma vida. Conteí minha história para ela e ela me disse o mesmo que agora, *você pode me amar*.

Formamos uma linda família. Ela engravidou do Matheo e foi quando decidi morar novamente no Brasil. Acho que aqui foi meu primeiro erro. Eu deveria ter ficado onde estava. Mas achei que tudo continuaria como antes, mas bastou vê-la depois de anos que

todos aqueles sentimentos antigos voltaram.

Seu sorriso, sua beleza... Isis era minha e deixei isso escapar. Nunca vou me perdoar por isso, eu deveria ter lutado por ela, não deixar que ela terminasse comigo aquele dia, mas fui um idiota e não fiz nada disso.

Achei que poderíamos recomeçar, tentei convencê-la de todas as formas possíveis, mas não consegui. Aquele cara sempre no meu caminho!

Mas eu ainda não desisti, ainda mais agora que ela está grávida e o filho

pode ser meu. Isis está cega. Ela não vê que esse é um recomeço? Nossa chance de ser feliz novamente? Mas eu vou mostrar isso a ela. Isis precisa entender que essa é nossa história e que devemos seguir adiante, seguir com nosso amor.

Isis

Fui para o único lugar que poderia ir em um momento desses. Para a casa do meu pai. Quando cheguei, ele já estava dormindo e não queria incomodá-lo. Segui para meu antigo quarto, mas não consegui entrar. Odiava esse quarto com todas as minhas forças:

ele mostra minha fraqueza e minha burrice. Não preciso disso agora.

Fui para o quarto de hóspedes e me deitei, passando muito mal.

Que eu morra.

Pensei em meio a minha dor, mas logo me arrependi. Eu ainda tenho meu bebê e preciso continuar viva para cuidar dele.

Tudo o que fiz durante a madrugada foi me lamentar. Tentei dormir, mas não consegui. Pensei em Leandro a noite toda. Antes de chegar na casa do meu pai, liguei para Max e disse

por cima o que tinha acontecido. Leandro iria precisar do amigo.

Por volta das quatro da manhã, desisti de tentar dormir e segui para a varanda do quarto. Esse fica ao lado do quarto do meu pai, por isso ouvi alguns gemidos vindo do quarto dele. Preocupada, fui ao seu quarto e o encontrei delirando.

— Pai? — toco nele e sinto sua pele queimando.

Pego um analgésico forte para febre e faço meu pai tomar. Espero por meia hora ao seu lado a febre abaixar,

mas isso não acontece. Liguei na mesma hora para o hospital e pedi que enviassem uma ambulância rapidamente e que o doutor Braz, responsável por ele, esteja à postos para atendê-lo.

Meia hora depois, a ambulância chegou e seguimos para o hospital. Preocupada com meu pai, eu não consegui pensar em mais nada. A tontura e os enjoos foram ignorados completamente. Meu pai era mais importante nesse momento. Quando chegamos, meu pai foi levado para a emergência. Fui impedida de segui-los e

fiquei esperando na recepção completamente agoniada.

Somente perto das sete da manhã que o doutor Braz me procurou.

— O que ele tem? — pergunto, ansiosa.

— Isis, o câncer voltou.

— Como assim? Ele operou há pouco tempo — digo sem entender.

— Você sabe que algumas coisas na medicina são difíceis de entender. Ainda não consigo dizer como voltou tão rápido.

— Doutor, opere-o novamente.

— Não posso fazer isso, Isis —
ele diz.

— Por que não?

— A febre é resultado de uma
infecção generalizada, o câncer se
espalhou — a notícia é como um soco
em meu estômago.

— Meu pai vai morrer? —
pergunto sem forças, mesmo já sabendo
a resposta.

— Sinto muito, Isis — ele diz,
condescendente.

Sento no sofá da recepção,
enquanto o doutor segue para a recepção

e fala alguma coisa com a recepcionista, que faço questão de não escutar.

Meu pai vai morrer...

Isso não pode estar acontecendo!

— Isis, você pode ficar com ele se quiser — o médico informa e eu assinto.

Ele me ajuda a levantar e me encaminha para o quarto do meu pai. Vejo a mesma cena que encontrei quando voltei da Inglaterra: meu pai cercado por tubos, respirando com ajuda dos aparelhos.

Fecho meus olhos e desabo a

chorar. A tontura volta com força e preciso me sentar para não cair. Encolho-me no sofá como uma criança e choro por meu pai.

— Isis — ouço a voz de Leandro me chamar e acredito que estou sonhando. — Isis — novamente.

Abro os olhos um pouco desnorteada e encontro Leandro em pé, encarando-me.

— Me ligaram informando sobre seu pai...

Não penso duas vezes antes de ficar em pé e abraçá-lo. Leandro não me

toca, mas também não me afasta. Desabo a chorar novamente em seus braços.

— Meu pai, Leandro... Ele vai morrer — digo, tentando me acalmar.

— Sinto muito, Isis — ele diz, triste.

Leandro fica ali comigo e me deixa chorar em seu peito, no entanto, ele não me toca. É patético, eu sei, mas ele me deixar ao menos tocá-lo significa muito para mim.

Capítulo XII

Estou vivendo o pior momento da minha vida. Assistir outras pessoas carregarem o caixão do meu pai é a pior coisa que já presenciei. Ele faleceu algumas horas depois de Leandro chegar ao hospital. Leandro cuidou de tudo e o enterro foi no dia seguinte.

Meu pai faleceu dormindo e não tive chance de me despedir. Em nossa última conversa, ele só demonstrou o quanto estava decepcionado comigo e saber que ele faleceu dessa forma é muito angustiante. Não tive a chance de

me desculpar, mostrar que estava arrependida e que lutaria por meu casamento; meu pai morreu decepcionado comigo e isso torna minha dor ainda mais insuportável.

O processo do enterro segue comigo completamente alheia a tudo ao meu redor. Não quero ouvir nada e muito menos ver os olhares de pena ao meu redor.

— Isis — ouço a voz de Felipe atrás de mim.

Leandro está ao meu lado em silêncio e o ouço suspirar mais alto do

que deveria quando ouve Felipe me chamar. Não me viro, fico no mesmo lugar, ignorando a todos ao meu redor.

— Ela está em choque — ouço alguém murmurar para Felipe.

Quando o caixão do meu pai começa a descer para a cova, sinto uma dor alucinante e não consigo assistir a mais nada. Seguro minha bolsa com força e me distancio de todos. Não consigo olhar isso, não posso ver meu pai sendo enterrado.

— Isis, onde você vai? — Felipe indaga, seguindo-me.

Continuo a caminhar enquanto
seco minhas lágrimas em silêncio.

— Isis — chama-me novamente.

— Me deixa em paz! — grito,
afastando-me.

Saio do cemitério sem olhar para
trás, sem direção.

Entre um passo e outro, lembrei
da minha infância, o quanto meu pai
cuidou de mim, ajudou-me em todos os
momentos que precisei. Meu pai foi meu
guia, meu herói, e morreu decepcionado
comigo. Nos últimos dias, tenho
cometido tantos erros que não me

reconheço mais.

Encontro uma pracinha com algumas crianças brincando e paro para observá-las. Algumas mães empurram seus filhos no balanço, enquanto outras sometem observam. Meu pai já fez muito isso comigo. Como não tinha tempo para me trazer a pracinhas, mandou construir um parquinho nos fundos do jardim da nossa casa e sempre brincava comigo quando chegava do trabalho. Aqueles eram momentos felizes, momentos em que minha vida era bem mais simples. Mas aí a gente cresce, troca os pés pelas

mãos e decepcionamos aqueles que tanto nos amam.

Decepcionei meu marido, decepcionei meu pai e a mim mesma.

Tinha orgulho da vida que tinha, da mulher que tornei; eu lutei para ser ela e, em apenas alguns dias, estraguei tudo isso.

Continuei andando e parando sempre que via algo que me agradasse. Preciso de todas as formas tentar esquecer o que estou vivendo, mesmo que seja por algumas horas. Tomei um suco e conversei com os estranhos que

perguntaram se eu estava bem quando me viram chorando e, por incrível que pareça, senti-me à vontade para contar que meu pai tinha acabado de falecer.

Continuei meu caminho para a casa do meu pai andando e, quando cheguei, fiquei surpresa ao entrar na sala e encontrar Leandro e Felipe esperando por mim. Felipe sentado no sofá e Leandro parado em frente à janela, olhando para fora.

— Isis, onde você estava? — Felipe pergunta, aproximando-se rapidamente, mas não deixo que ele me

toque e dou um passo para trás.

— O que está fazendo aqui?

— Fiquei preocupado com você

— responde.

— Estou bem — respondo por educação, mas meu olhar está direcionado àquele que nem mesmo me olha. Leandro.

Isso parece irritar Felipe.

— Eu vim aqui para deixar meu apoio — ele diz.

— Felipe, eu só quero ficar sozinha — abro a porta para ele, que me fita com uma expressão neutra.

— É assim, então? Depois de tudo, você simplesmente me manda embora?

— Meu pai acabou de falecer. Só quero me trancar em meu quarto e esquecer que o mundo existe, Felipe — digo, aborrecida.

Nesse momento, tenho a atenção de Leandro, que me encara.

— Precisamos conversar, seja agora ou depois, mas você não pode evitar — ele se aproxima da porta e, antes de sair, beija meu rosto. — Fique bem.

Fecho a porta e encaro Leandro.

— Fico feliz que esteja aqui —
digo, aproximando-me.

E me dói vê-lo se afastar.

— Só esperei porque gostaria de
te dar um aviso — ele diz, sério. — Sei
que está péssima com o que aconteceu
com seu pai, mas também temos assuntos
a resolver — ele limpa a garganta. —
Meu advogado vai dar entrada nos
documentos do divórcio amanhã.

Silêncio.

— Você me ouviu, Isis?

— Leandro, você não pode fazer

isso — digo, assustada.

— Não vamos discutir isso, Isis, já está decidido — diz, firme. — Eu também quero saber quando você pretende fazer o DNA, se agora durante a gravidez ou somente quando o bebê nascer.

Meu Deus...

— Não... não pensei nisso ainda — atropelo as palavras.

— Pense a respeito — ele diz, passando por mim.

— Leandro, espera! — seguro-o pela blusa e ele para. — Não faz isso...

Espera um pouco — peço.

— Esperar o que exatamente?

— Leandro, me perdoa, sei que errei, mas eu te amo — as lágrimas descem por meu rosto.

— Suas lágrimas não me comovem, Isis. Não crie caso e assine os papéis. Só me avise o que decidir sobre o DNA — ele se solta do meu aperto e sai sem dizer adeus.

Subi para o quarto do meu pai e deitei em sua cama, buscando por aquele colo que ele sempre me deu quando eu precisava. E, nesse momento, a minha

ficha cai: estou completamente sozinha.
Não tenho amigos, não tenho mais meu
pai e perdi a única pessoa que poderia
me apoiar nesse momento: meu marido.

$$\begin{array}{c} \cdot *') \\ , \cdot' , \cdot *') , \cdot *') \\ (, \cdot' (, \cdot' \end{array}$$

No dia seguinte, acordei com a cabeça latejando de dor. A tontura me atingiu com força quando levantei da cama e só consegui deitar novamente, cochilando em seguida. Fiquei assim a manhã inteira, dormindo e acordando com enjoos e tonturas. Quase por volta

das duas da tarde, Alma, a governanta do meu pai, bateu na porta e entrou com uma bandeja de frutas e sucos.

— Trouxe para você já que não desceu para tomar café — ela diz um pouco sem jeito.

— Obrigada, Alma — esforço-me para conseguir sentar.

Encaro a bandeja na minha frente e tudo que consigo sentir é nojo.

— Precisa comer — diz, simpática.

— Obrigada novamente, Alma, mas não consigo comer nada agora —

ela assente e retira a bandeja.

— Você quer me perguntar alguma coisa, Alma? — indago, pois a expressão em seu rosto diz claramente isso.

— Desculpe incomodá-la com isso, dona Isis, mas os empregados da mansão estão com medo... Eles têm família e...

— Vocês não serão demitidos, Alma, pode ficar tranquila — digo, voltando a me deitar.

Ela murmura alguma coisa que não ouço e imediatamente volto a fechar

meus olhos. Adormecendo logo em seguida.

Acordo assustada quando respingos de água caem em meu rosto.

— Mas o que...

— Levante-se, Isis! — Leandro diz, irritado.

— O que você está fazendo aqui? — fito-o, segurando um copo com água e sua mão molhada. *Ele jogou água em mim?*

— Ao que parece, as pessoas acham que sou sua babá — diz com raiva, magoando-me em seguida. — Seu

pai falece e você passa mal, eles me ligam. Se você dorme o dia todo, eles me ligam. Será que você pode falar para seu pessoal parar de me ligar? Não sou mais nada seu! — ele esbraveja.

— Leandro, sei que traí você, traí o que tínhamos e que feri você, mas, por favor, não seja cruel comigo, não agora — peço com a voz embargada.

Leandro suspira, passando a mão pelo rosto.

— Levante-se — repete sem paciência.

Tento fazer o que ele diz, mas

não consigo; a fraqueza me atinge antes que eu consiga ficar de pé. Leandro me ampara, ajudando-me a ficar de pé.

— Você não se alimentou o dia todo mesmo passando mal — afirma e me acusa em seguida. — Está fazendo isso de propósito, para chamar atenção?

Não respondo. Sei que mereço suas palavras duras, no entanto, isso não diminui minha magoa.

— Não fiz de propósito — respondo.

— Então é burra mesmo — diz, levando-me em direção ao banheiro.

— Pare! — grito com o resto de forças que ainda tenho. — Pare de me torturar! Sei que errei, que fiz merda e estraguei tudo, Leandro! Não estou pedindo sua compaixão, mas peço pelo amor de Deus que não brigue comigo agora! Meu pai morreu há dois dias, estou completamente sozinha sem saber o que fazer com minha vida! Suas palavras só servem para me deixar pior do que estou nesse momento e apesar de toda sua dor, sei que você não é assim! — disparo e me apoio na bancada de mármore para não cair. — Eu não pedi

para te ligarem.

Leandro não responde e me sinto mal por ter dito isso. Ele não tem culpa de nada, eu que errei.

— Leandro, se você não quiser ficar aqui, não o culpo. Pode ir.

— Entra nesse chuveiro, Isis — ele diz simplesmente.

Quase sorrio por saber que se importa o suficiente para ficar e tirar minhas roupas, obedecendo. Leandro ignora completamente meu corpo, como se eu não estivesse ali na sua frente. Ele me ajudou a entrar no box e ligou o

chuveiro.

— A água está fria! — grito quando ele me puxa para debaixo d'água.

— Assim que é bom, a água gelada vai tirar o foco do seu enjoo!

Ele tinha razão, a água gelada me ajudou um pouco e me deixou mais disposta. Leandro me ajudou a me vestir e me fez comer um pouco da comida que Alma trouxe para o jantar.

— Alma me ligou depois que você passou o dia todo dormindo — ele conta quando termino de comer.

— Vou pedir a ela que não faça mais isso, me desculpe — ele assente.

— Preciso ir — ele diz, levantando-se.

— Leandro, você vai me deixar explicar algum dia? — pergunto quando ele chega perto da porta.

— Tem explicação, Isis? — ele indaga, sério.

— Eu gostaria de tentar — digo, criando esperanças.

— Mas isso não vai mudar nada — suas palavras cortam meu coração.

— Mas acho que devo isso a

você.

— Você me devia seu amor e fidelidade, Isis, e não uma explicação, ela não vai mudar nada do que você fez — ele diz e sai.

Você me devia seu amor e fidelidade, Isis, e não uma explicação...

Capítulo XIII

A semana passou lentamente. A saudade do meu pai e do Leandro parecia que ia acabar comigo a cada dia que se passou. Para que ninguém incomodasse Leandro com meus problemas, pedi à Alma que não ligasse novamente para ele. Esforcei-me para me alimentar e evitar passar mal.

Hoje acordei um pouco mais disposta. Depois de passar a semana na cama, minha tristeza se tornou uma agonia constante em meu peito.

Tenho minha primeira consulta

com a nova obstetra do hospital daqui a pouco e estou trocando minha roupa amassada por uma que dê para sair de casa. Gostaria de ser atendida por minha antiga médica, mas ela se aposentou e contratamos a doutora Carolina Macedo. Ela é jovem, mas é uma boa profissional, ajudei meu pai a entrevistá-la na época e gostamos muito dela.

— O Breno já está esperando pela senhorita — Alma informa.

— Obrigada, Alma, já estou descendo — assinto.

Coloco uma sapatilha baixa, faço um rabo de cavalo no cabelo e verifico se o vestido estampado com flores está bom. propositalmente coloquei um estilo de roupa que Leandro ama; ele adora as coisas simples e sempre deixou claro o quanto adorava me ver assim.

Como não tive coragem de voltar à cobertura, enviei uma mensagem para o celular do Leandro, perguntando se poderia enviar o Breno para pegar algumas roupas e eles respondeu somente um sim. Mas o que doeu mesmo foi ver que Breno voltou com todas as

minhas roupas e não somente algumas, como imaginei. Fiquei pasma quando Breno entrou com todas aquelas malas no quarto do meu pai, que tem sido o meu ultimamente.

Não sei se foi uma afronta pelo fato de ter me negado a assinar o divórcio quando o advogado dele me procurou há alguns dias, levando assim a um divórcio litigioso, ou por que ele quer que eu entenda que realmente não tem volta. Sei muito bem que diante do litigioso não tenho chances; traí meu marido e saí de casa, mas tudo o que

quero é um pouco mais de tempo.

Suspiro, desanimada.

Encaro meu reflexo no espelho e não gosto do que vejo; emagreci e estou abatida. Se a doutora não me chamar a atenção, vai ser milagre. As coisas estão tão confusas para mim que essa gravidez às vezes parece ser coisa só da minha mente. Mas então os enjoos matinais me provam que não, que ela é real e que preciso ficar bem.

Saio para encontrar Breno, que me cumprimenta com um bom dia, e seguimos para o hospital. Durante o

caminho, peço a Deus que eu não encontre com o Felipe. Ele me procurou a semana inteira, com ligações e indo à casa do meu pai. Não atendi as ligações e pedi a Alma que informasse a ele que estava indisposta e não poderia receber visita, o que não é mentira.

Não tenho me afastado dele com o mesmo motivo de antes, de não cair em tentação. Tenho feito isso por que Felipe quer algo que não posso oferecer a ele. Fui burra o suficiente uma vez para me enganar e somente depois disso que percebi o quanto estava equivocada.

Sei que preciso sentar e conversar com ele em algum momento, mas sinceramente estou tão cansada de tudo isso que tudo o que tenho feito é ignorar.

— Chegamos, senhorita.

Odeio esse senhorita!

Depois que o pessoal do meu pai ficou sabendo da minha separação, esqueceram completamente o “senhora”, passando a me chamar de senhorita. É engraçado como tudo me faz lembrar o meu erro.

— Obrigada, Breno, acredito que não demoro — informo.

— Estou ao seu dispor, senhorita.

É bom estar de volta ao hospital; estou de licença por tempo indeterminado, mas pretendo voltar ao trabalho na próxima semana. Ficar em casa me lamentando não tem ajudado em nada.

Sorrio quando passo pela recepção, cumprimentando as meninas. Antes de ir para minha consulta, passo no consultório do Leandro e preciso de toda coragem do mundo para bater em sua porta.

— Entre — ouço, gelando por dentro. Por sua expressão, ele não esperava me ver aqui e deixa isso bem claro. — O que está fazendo aqui? — indaga, ríspido, mas percebo seu olhar ao me notar melhor.

— Eu queria contar que tenho a primeira consulta hoje e ficarei feliz se você vier comigo — peço, temendo sua resposta.

— Chamou o Felipe também? — ele tira os óculos de leitura, fitando-me inexpressivo.

— Não, Leandro, estou

chamando você — digo, sem mais.

Penso que ele vai me dar mais alguma resposta ousada, mas ele me surpreende.

— Vamos.

Ele passa por mim, abrindo a porta, e seguimos para a obstetra em silêncio. Anuncio-me para a recepcionista e logo depois estamos entrando no consultório.

— É um prazer rever a senhora — ela estende a mão, cumprimentando-me.

— O prazer é todo meu, mas me

chame de Isis, por favor — sorrio.

— Então peço gentilmente que me trate por Carol — ela responde, sorrindo. — O senhor é... — ela indaga, cumprimentando Leandro, que responde de forma nada sutil.

— Leandro Müller, neurocirurgião do hospital e possível pai do bebê.

Coro terrivelmente, mas Carol não esboça nenhuma reação, agindo de forma profissional.

— Muito prazer — ela sorri. — Podem se sentar. Muito bem, Isis. Estou

vendo em sua antiga ficha que você sofreu um aborto espontâneo e fui informada que está grávida novamente.

— Isso mesmo.

— Sabe que terá que ter um cuidado especial com essa segunda gravidez, não é?

— Sim, doutora, eu sei. Mas, na verdade, essa é minha terceira gravidez. Fiquei grávida alguns anos atrás, mas sofri um acidente de carro e perdi o bebê — informo por que sei que essa informação é importante.

— Sinto muito — ela diz. —

Obrigada por ter me dito, isso não consta na sua ficha, somente que tem uma lesão nas trompas — ela faz algumas anotações, então me olha. — Vamos ver como está esse bebê? — pergunta, animada.

Troco de roupa de roupa e me deito na maca para fazer a ultrassom. Depois de algumas perguntas de praxe, ela começa o procedimento.

— Isis, seu bebê está com oito semanas e está tudo bem, fique tranquila — ela me tranquiliza.

Olho para Leandro, que está me

observando, mas ele não diz nada, apenas ergue a mão, ajudando-me a levantar. Coloco minha roupa novamente e Carol pede que eu me pese e depois ela tira as medidas da minha barriga.

Voltamos a nos sentar, mas recebo aquele olhar que eu temia antes de sair de casa.

— Você está abaixo do peso e tenho certeza que seu exame de sangue vai mostrar uma anemia — ela espera que eu diga alguma coisa, mas eu simplesmente não tenho o que dizer. — O que está acontecendo, Isis? Assim

posso tentar ajudar.

— Não estou me alimentando muito bem — respondo por cima.

— Mas por causa dos enjoos?
— insiste.

— Doutora, como bem deve saber, o pai de Isis faleceu há pouco tempo e também estamos nos divorciando, acredito que seus sentimentos possam estar alterando sua fome — Leandro responde por mim.

— Entendo — ela diz para mim.
— Mas, Isis, você não pode deixar isso interferir na sua alimentação. Tenho

certeza de que você quer muito esse bebê, então você precisa cuidar dele.

— Vou me esforçar mais, doutora — respondo, desanimada.

— Sei que sim — ela sorri. — Aqui está seu cartão do pré-natal, a receita com as vitaminas e o pedido de exames — ela me entrega tudo.

— Tem mais uma coisa — digo aquilo que sei que vai me matar de vergonha.

— Pode falar.

— Preciso fazer um exame de DNA e quero saber qual você me

recomendaria.

Leandro esperou pela resposta, assim como eu.

— Isis, você tem duas opções, fazer durante a gravidez ou depois que o bebê nascer, mas como está me perguntando agora, acredito que pretenda fazer em breve — assinto. — Então, você pode fazer o exame ginecológico em que vamos colher o material e levar para análise ou o tradicional exame de sangue. Aconselho que faça o exame não evasivo já que tem essa lesão nas trompas.

— Obrigada, Carol — respondo, grata por sua explicação.

Despedimo-nos e seguimos para o elevador.

— Obrigada por vir comigo.

— Por nada — diz, educado. —

Você vai obedecer às ordens da médica?

— Claro.

— Alma falou que você passou a semana se alimentando de frutas, Isis. Você é médica, sabe que só isso não é suficiente — ele acusa.

Não pergunto quando ele falou com Alma.

— Não tem sido fácil, Leandro
— respondo, saindo pelo elevador
quando chegamos ao térreo.

— Não tem sido fácil para
nenhum de nós, Isis. Mas existe um bebê
que precisa de você, então ao menos
faça isso direito! — diz, irritado,
seguindo para fora do hospital. Não
penso duas vezes antes de segui-lo.

Leandro caminha para uma área
mais afastada e fico surpresa quando ele
tira um cigarro do bolso, mas antes que
ele possa levar o cigarro à boca, tiro-o
de suas mãos.

— Você parou de fumar há anos!

— Voltei — diz, dando de ombros.

— Então pare. Assim como preciso me alimentar bem, você precisa estar vivo quando seu filho nascer e você sabe muito bem o que essa porcaria faz com seu pulmão.

— Meu filho?

— Você pode querer ou não, Leandro, e não sei como tudo isso vai ficar, mas esse bebê é seu.

— Isso é o exame que vai dizer, afinal, você transou comigo e com o

outro lá — ele acusa. — Mas pode ter certeza que se esse filho for meu, vou brigar pela guarda dele na justiça.

Dou um passo para trás, desnorteada com a informação, e sinto as lágrimas se formarem em meus olhos.

— Você vai tirar meu filho de mim?

— Não vou dividir meu filho, Isis, ele não precisa viver em duas casas, assim como não quero que ele seja criado por outro cara!

— Posso dizer o mesmo, Leandro, mas nem por isso pensei em

pedir a guarda dele. Ambos sonhamos com esse filho, você não pode tirar ele de mim — peço com a voz embargada.

— Tivesse pensado nisso antes de acabar com nosso casamento — ele passa por mim.

— A mágoa está transformando você em uma pessoa fria — digo e ele para de costas para mim. — Você não deveria permitir isso.

Aproximo-me dele e toco seu ombro.

— Uma vez, você me disse que eu não deveria ter permitido que uma

pessoa me quebrasse tanto a ponto de me fazer desacreditar do amor. Pegue seu conselho de volta, Leandro. O que fiz me dói terrivelmente e não posso nem mesmo imaginar o que você está sentindo, mas não permita que o que eu fiz, mude você. O homem por quem me apaixonei jamais tiraria um filho de uma mãe.

— Aquele homem não existe mais.

Ele diz sem me direcionar o olhar e volta para o hospital.

Seco minhas lágrimas e

imediatamente penso em algo que pode mudar toda minha vida, mas que vai ser necessário. Preciso de alguns dias para resolver tudo. Sei que errei, que enganei meu marido sendo estúpida e mereço todas as ofensas que ele já me fez, mas a última coisa que vou permitir é que Leandro tire o meu filho de mim. Isso não.

Capítulo XIV

Alguns minutos após minha conversa com Leandro, entrei no hospital novamente e fui direto na sala do Felipe. Perguntei à sua recepcionista se ele estava sozinho, o que ela confirmou, e entrei na sala dele sem bater.

— Preciso falar com você — digo, batendo a porta atrás de mim. Felipe sorri e vem em minha direção. — Fique onde está, Felipe — faço sinal com a mão para que ele pare.

— O que está acontecendo? —

ele indaga, preocupado.

— Quero saber se você está disposto a comprar minha parte do hospital.

Felipe arregala os olhos, surpreso.

— Por que está me perguntando isso? — ele pergunta, sentando-se.

— O hospital me traz muitas lembranças e não quero mais trabalhar aqui — minto.

— Isis, você não precisa fazer isso. Com o tempo, você vai se acostumar com a ausência do seu pai —

ele tenta me convencer.

— Estou decidida, Felipe, e se você não comprar, eu vou procurar outro investidor. Estou te procurando por que sei que você tem os mesmos planos que meu pai tinha para este lugar.

— Isis, eu não entendo. Esse é o hospital da sua família, ele tem o nome da sua mãe...

— Felipe, você vai comprar ou não? — indago sem paciência.

Ele suspira.

— Eu acredito que sim, mas preciso ver algumas questões de

contabilidade — explica.

— Quando você pode me dar uma resposta?

— Até o fim da semana.

— Espero seu contato então — digo, abrindo a porta e saindo em seguida.

— Isis, espera! — ouço Felipe chamar, mas não volto.

Caminho o mais rápido que consigo para que ele não me alcance e não me encha de perguntas. Mas acho que ele entendeu que eu não queria falar mais nada, pois não veio atrás de mim.

Encontrei com Breno no estacionamento e pedi que ele me levasse até o shopping mais próximo. Pretendo ir à farmácia e almoçar. Assim que chegamos, liberei Breno e avisei que ele poderia ir embora, pois eu voltaria de táxi; o coitado me esperou a manhã inteira, ele tinha que descansar um pouco. Breno é motorista particular do meu pai desde que eu era adolescente e de todos os empregados, ele é o mais antigo e por isso tenho um carinho especial por ele.

Passei primeiro na farmácia,

comprei minhas vitaminas e quando estava saindo, notei uma loja de bebês; não resisti e entrei. Uma roupinha mais linda que a outra, assim como acessórios e móveis para o quarto. Sorrio com a lembrança da última vez que estive em uma loja de bebês. Leandro me fazia companhia e comprou mais do que era necessário. Quando perdi o bebê, decidimos ficar com os brinquedos e doamos as roupinhas que tínhamos comprado. E aqui estou mais uma vez. Olhei cada roupinha nos mínimos detalhes e sai da loja com

algumas sacolas. Não comprei muita coisa, somente alguns macacões branquinhos e uma saída de hospital branca com algumas rendas. Emocionei-me só de olhar para ela.

Meu sorriso não se desvanece enquanto caminho pelo shopping. Depois de uma semana no inferno, sorrir é algo raro. Tenho boas esperanças sobre o futuro, ao menos relacionadas ao meu bebê. Quanto ao Leandro? Estou começando a achar que ele nunca será capaz de esquecer e me perdoar. Quando ele me olha, consigo sentir toda a mágoa

que ele direciona para mim. Isso é triste. Sei que fui eu que errei, estou cansada de repetir isso, mas ele poderia ao menos me ouvir.

Já parei para pensar, e se fosse o contrário? Se Leandro tivesse me traído, teria doído muito, mas sei que deixaria ele falar e o perdoaria se ele pedisse meu perdão. Eu quero ser perdoada por ele, quero recomeçar seu lado, ao lado do meu marido. Mas ele não quer e não posso obrigá-lo a isso.

Com tantos pensamentos rondando minha mente, escolhi um

restaurante com buffet e coloquei em meu prato tudo o que não comi durante a semana que passou. Sentei-me à mesa orgulhosa de mim mesma, afinal, o enjoo está aqui, mas estou forçando a comida. Começo a notar alguns médicos na praça de alimentação, alguns vestidos de branco, outros cometendo o erro de usar o jaleco em um lugar público. Como esse é o shopping mais perto do hospital, eles devem vir almoçar aqui.

Procurei até encontrar alguém conhecido e encontrei.

Leandro estava almoçando com

uma enfermeira, acho que seu nome é Marina, Maria.... Alguma coisa assim.

Não penso duas vezes, pego minhas bolsas, minha bandeja e caminho na direção deles. Quando me aproximo, Leandro me fita como se não acreditasse que eu estivesse ali.

— Posso me juntar a vocês? — a enfermeira me olha um pouco sem graça, assentindo, enquanto Leandro continua mudo. — Obrigada — sorrio.

— O que você está fazendo aqui? — ele indaga, confuso.

— Vim comprar as vitaminas

que a médica receitou para nosso bebê — faço questão de dizer. — Aproveitei e comprei isso — entrego a ele a bolsa com roupinhas de bebê. — E também para almoçar, já que preciso me alimentar e você brigou comigo por isso.

Leandro me encara, estupefato.

Enquanto eu estiver aqui, ele não vai se envolver com ninguém. Se eu vir ou souber, não vou deixar que aconteça. Independente dos meus recentes erros.

— Preciso ir — a enfermeira diz, levantando-se.

— Eu sei muito bem o que você está fazendo — ele acusa quando ela sai.

Não respondo.

— Não me peça para olhar e não fazer nada, Leandro.

— Pois estou pedindo exatamente isso — diz de forma rude. — Estou precisando de alguém para esquentar minha cama — ele é cruel e me magoa ainda mais. — Segurar o cabelo de uma mulher enquanto a fodo com força, ouvindo-a gemer e gritar meu nome — ele se aproxima do meu rosto.

— Sabe... Daquele jeito que eu costumava fazer com você — arregalo os olhos, chocada com as suas palavras, e Leandro sai, deixando-me sozinha.

A vontade de comer se esvaiu e não sobrou nada. Tomei meu copo de suco, juntei minhas coisas e saí do shopping, indo direto para casa.

Já em casa, subi para o quarto do meu pai e liguei para o advogado, ele estaria aqui amanhã para ler o testamento do meu pai e para algumas questões burocráticas. Solicitei que ele trouxesse também um contador, eu

precisaria de um.

Quando tive aquela ideia no hospital, tive alguns receios, mas depois do que Leandro me disse no shopping, eles sumiram de forma terminante.

Eu preciso sair do Brasil.

Preciso organizar tudo aqui para deixar este país e nunca mais voltar. Não vou permitir que Leandro me afaste do meu bebê; ele é um homem influente e depois do que fiz, diante da sociedade não sou tão bem vista como antes e tenho certeza de que esse vai ser o primeiro argumento que ele vai usar

perante o juiz.

Meu pai teve que vender metade do hospital e estava vivendo com os rendimentos mensais e sua poupança. Primeiro tenho que ver o quanto tenho de herança, se existe alguma conta a quitar do meu pai para depois ver o que realmente é meu. Terei que encerrar minha conta poupança conjunta com Leandro e pegar minha parte, já que era ele que cuidava da administração do meu dinheiro. Se for necessário, vendo tudo o que tenho e sumo sem deixar rastros.

O que não é posso é ficar aqui e ver meu marido recomeçar sua vida, ver outra mulher criando meu bebê. Isso eu não posso.

$$\begin{array}{c} \cdot *' \cdot \\ , \cdot \bullet' , \cdot \bullet *' \cdot) , \cdot \bullet *' \cdot) \\ (, \cdot \bullet' (, \cdot \bullet' \end{array}$$

Na manhã seguinte, acordei cedo, tomei meu banho, arrumei-me e fui trabalhar. Minha agenda para pacientes ainda estava fechada, então iria verificar como estavam as coisas na administração do hospital e depois voltaria para casa para a reunião com o

advogado.

Enquanto Breno dirige, sinto-me péssima, minha cabeça dói e o enjoo nunca vai embora. E aquela agonia em meu peito muito menos. Na manhã após ter dormido com Felipe, eu sabia que se Leandro descobrisse, minha vida ficaria de cabeça para baixo, mas nunca imaginei que no meio de tudo isso meu pai faleceria, eu ficaria grávida e sozinha.

A rejeição do Leandro e suas palavras grosseiras me machucam muito mais do que ele pode imaginar. Sei e

entendo que esta é a forma dele querer me machucar assim como fiz com ele, mas caramba! Isso não faz com que doa menos. Muito pelo contrário, só me comprova o quanto ele me odeia depois do que fiz.

Chego ao hospital e vou direto para a sala do meu pai. Trabalho a manhã toda sem ser incomodada por ninguém. Pedi meu almoço por telefone e por volta de quase uma da tarde, quando já tinha resolvido tudo, parei para almoçar. Diferente das outras vezes, o enjoo não me impediu de comer

e consegui sentir prazer ao degustar a comida.

— Muito bem, bebê, você está se comportando muito bem — sorrio, emocionada.

Essa é a primeira vez que falo com meu bebê.

Estou tão imersa em meus problemas que estou deixando meu bebê em segundo plano e isso não pode acontecer de jeito nenhum. Essa criança é meu sonho, sonho do meu casamento com Leandro; queríamos muito formar uma família e mesmo que isso não seja

mais possível agora, não vou desistir de ter isso sozinha.

— Ele está se mexendo? —
assusto-me ao ouvir a voz do Leandro.

Fito-o parado à porta, segurando a maçaneta e me olhando, curioso.

— Não — sorrio. — É que consegui almoçar bem e estou agradecendo ao bebê por isso.

Aponto o lugar vago ao meu lado no sofá e Leandro fecha a porta, sentando-se ao meu lado. Antes que eu possa dizer o quanto fico feliz de vê-lo, ele fala primeiro.

— Quando você pensa em fazer o DNA?

— Se você quiser, podemos fazer agora mesmo — respondo com o coração na mão.

Ter a esperança de que Leandro seja o pai do meu bebê é uma coisa, mas saber que podemos descobrir que isso não é verdade é completamente diferente.

— Você estaria disposta a ir agora mesmo no laboratório? — pergunta, desconfiado.

— Sim, Leandro, eu estou —

digo, firme.

— Ligue para seu amante — ele diz, sério.

— Felipe não é meu amante — respondo, irritada. — E não precisamos dele, iremos fazer somente você e eu o exame.

— Você parece convicta de que o bebê é meu — não respondo. — Vou ligar para o laboratório e avisar que estaremos lá em cinco minutos. Te encontro lá — ele diz e sai da sala rapidamente.

Suspiro quando ele sai.

Pego minha bolsa, tranco a sala do meu pai e cada passou que dou em direção ao laboratório parece uma tortura.

Leandro só não queria ir até o laboratório comigo, pois quando chego, ele já está me esperando. Preenchemos as fichas e logo somos encaminhados para a sala de coleta. Fico irritada com os olhares curiosos dos funcionários em minha direção, mas os ignoro. As batidas do meu coração estão tão altas que dá a sensação que outra pessoa pode ouvi-las e isso me deixa constrangida.

Minha coleta é realizada primeiro e logo depois a do Leandro.

Solicitam que aguardamos, pois o responsável técnico do laboratório está vindo falar conosco. Mas ele aparece logo.

— Ronald Cruz — ele se apresenta e trocamos cumprimentos.

— Quando o resultado fica pronto? — Leandro indaga, ansioso.

— Esse é um exame muito complexo, como vocês devem saber, mas o resultado fica pronto em uma semana.

— Obrigada — respondemos em unísono.

Ronald assente e os olhares curiosos dos outros funcionários continuam a me irritar.

— Ronald, seus funcionários se comportam assim quando outros pacientes vêm fazer o exame de DNA? — indago, tentando não parecer ofensiva. Recebo um olhar irritado do Leandro, mas ignoro. Ronald fica vermelho e gagueja um pouco para responder, mas eu o corto. — Eu gostaria mesmo que isso não

acontecesse e peço que você cuide pessoalmente disso, pois realmente é muito constrangedor — sou sincera e Ronald assente. — Obrigada — sorrio e saio do laboratório com Leandro me seguindo.

— Você precisava fazer aquilo?

— Exame de DNA não é nenhum espetáculo para que os funcionários ajam daquela maneira, Leandro. Você mesmo viu como eles nos olhavam, não sei se é por sermos quem somos ou simplesmente por que se acham no dever moral de condenar alguém — suspiro,

cansada. — Eles não sabem o que há por trás de uma história de DNA e isso aqui é um ambiente de trabalho e não a rua deles para fazerem fofocas.

— Você está bem?

Leandro segura meu braço com uma expressão confusa no rosto, talvez por nunca ter me visto fazer uma cena daquelas. No entanto, estou com raiva, muita raiva! Raiva de mim, raiva do Felipe e do Leandro por querer tomar meu bebê.

— Solta meu braço — respondo, ríspida.

Leandro não hesita e me solta, irritado. Sigo em direção à saída sem olhar para trás.

Capítulo XV

Quando cheguei em casa, tudo o que eu queria era a minha cama, a cama do meu pai. Sentir como se ele estivesse ali comigo, fazendo um carinho em meus cabelos, enquanto fecho meus olhos, mas isso nunca mais seria possível.

Tomo um longo banho e me deito em seguida. O cansaço é tanto que cochilo e acordo com a Alma me informando que o advogado e o contador me esperam na sala de reunião. Agradeço e ela se retira.

Sinto-me mal por ter que

dispensar o pessoal do meu pai, alguns trabalharam na casa por anos. Se eu pudesse, manteria todos mesmo não estando aqui, mas essa não é a situação.

Quando desço, fico surpresa ao encontrar Leandro e Felipe na sala de reunião.

— Isis, tomei a liberdade de convidá-los, pois eles precisam estar presentes na leitura do testamento — Rodrigo, o advogado, informa-me e assinto.

— Podemos começar? — pergunto, ignorando Leandro e Felipe.

Se não estivesse grávida, diria que estou de TPM, mas acredito que sejam apenas os hormônios.

— Claro — ele responde, tirando alguns documentos da pasta.

Conforme Rodrigo inicia a leitura do testamento, fico me questionando o que será que meu pai deixou para os homens ao meu lado, esse é o único motivo para estarem aqui. Meu pai não tem grandes patrimônios, sendo somente o hospital, a casa, o carro e a conta no banco. Meu pai começou do nada, formou-se em

medicina quando tinha minha idade e foi crescendo aos poucos, e junto com minha mãe, fundou o hospital, mas nunca quis uma vida de luxo.

Quando a leitura terminou, fiquei sabendo que os cinquenta por cento do hospital que achei que me pertencia foi dividido em partes iguais entre mim e Leandro, sendo os outros cinquenta por cento de Felipe. Pela data do testamento quando meu pai o escreveu, Leandro e eu já estávamos separados, mas mesmo assim ele deixou uma parte para ele. Meu pai sempre amou o Leandro como

um filho e esse ato só justifica isso. A expressão do Leandro é obviamente de surpresa. A casa, tudo o que há dentro dela e os outros bens, como o carro, ficaram para mim e o valor no banco é para investimento no hospital.

— Vou preparar a documentação sobre os novos proprietários do Helena Chez e entregarei uma cópia a cada um — Rodrigo informa.

— Tudo bem — assinto.

— Não quero minha parte — Leandro informa.

— O senhor pode negar, mas o

que está aqui é o desejo do senhor Lorenzo — Rodrigo diz.

— Leandro, meu pai te amava como um filho. Se ele deixou para você, aceite — digo, tocando sua mão e o noto emocionado.

Ele assente sem dizer nada.

— Já posso ir? — Felipe indaga ao advogado, que confirma, e ele sai, parecendo-me um pouco irritado.

— Também preciso me retirar, assim que estiver com o novo contrato social pronto, marcaremos uma nova reunião — o advogado diz, despedindo-

se em seguida.

— Podemos falar agora, dona Isis? — Gustavo, o contador do meu pai, indaga, ansioso.

— Sim.

Leandro me fita.

— Posso esperar para falar com você?

— Claro — respondo e ele sai da sala.

Informo ao contador que preciso da documentação de demissão dos quatro funcionários da casa, pois pretendo dispensá-los assim que vende-

la. Ele diz que isso vai demorar uma semana e me passa o contato de uma corretora de imóveis. Finalizamos rapidamente e Leandro volta à sala.

— O que houve?

— O gerente do banco me ligou informando que você solicitou a desvinculação das nossas contas.

— Sim, eu preciso do dinheiro que tem lá — respondo sem dar mais informações.

— Entendo. Bom, eu trouxe toda a movimentação que fiz com o seu dinheiro durante esses três anos. Você

concordando, posso pedir ao gerente para transferir o valor para sua conta — ele diz, firme.

— Não preciso ver as movimentações, confio em você.

Leandro assente e se despede de forma fria.

Cada vez que nos encontramos é pior que a última, sua frieza acaba comigo. Destrói-me lentamente. Subi para o quarto e me questionei se realmente teria coragem de sair do país, grávida e sozinha. No entanto, eu estava notando que não tinha outra escolha;

deixar tudo o que amo para trás por um
bem maior era tudo o que eu poderia
fazer.

$$\begin{array}{c} \cdot *' \cdot \\ \cdot \cdot' \cdot \cdot *' \cdot \cdot *' \cdot \cdot *' \cdot \cdot \\ (\cdot \cdot' (\cdot \cdot' \end{array}$$

No dia seguinte, Felipe me ligou, perguntando se eu ainda queria vender o hospital. Pelo visto, saber que Leandro era dono também o motivou a comprar minha parte. Confirmei com dor no coração e Felipe disse que estava disposto a comprar. Confirmou que mandaria preparar a documentação e

entraria em contato comigo. Felipe tentou descobrir por que eu queria vender minha parte, mas não contei.

Contar ao pessoal do meu pai que eles estariam de aviso prévio por um mês também não foi nada fácil. Alma e Breno ficaram arrasados, já o jardineiro, Roberto, e a cozinheira, Laila, ficaram felizes em saber que vão receber a indenização.

Fui ao hospital somente na parte da tarde procurar por Leandro, que me recebeu por obrigação. Algo que notei em sua expressão assim que entrei em

seu consultório.

— Você precisa ser rápida, estou em atendimento.

— Só quero perguntar se você pode ficar no meu lugar na parte administrativa do hospital — ele me olhou, confuso. — Minha agenda está fechada definitivamente, encaminhei todos meus pequenos para outra pediatra e agora quero passar a administração para você.

— Por quê? Você ama o que faz.

— Te ver todos os dias tão distante de mim, Leandro, não é fácil.

Realmente amo ser pediatra, mas chegar todo dia aqui e te ver tão longe não tem me feito bem. Preciso sumir por um tempo — por sua expressão, ele não esperava que eu respondesse isso.

O silêncio dura por alguns segundos, até que Leandro diz:

— Se você me ama como tem dito, Isis, por que me traiu? — ele indaga, pensativo, arregalando os olhos em seguida.

Ele está me deixando explicar?

— Eu...

Leandro fica em pé rapidamente,

estendendo a mão em um pedindo para que eu me cale.

— Isso foi um pensamento que saiu em voz alta, Isis, eu já escutei o que você queria dizer. Sim, eu fico com administração, agora vá embora.

— Você sabe que tem sido um idiota comigo, não é? — pergunto, ríspida.

— Não mais do que você sendo uma traidora — responde.

As lágrimas são instantâneas. Leandro, além de nunca me perdoar, nunca vai deixar de me atacar, sempre

me culpando pelo o que fiz. Afinal de contas, devo realmente merecer todo esse desprezo.

— O resultado do exame pode ser acessado on-line. Adeus, Leandro — me despeço, pois não pretendia voltar a vê-lo. Preciso dar um basta em tanta dor.

Saio do hospital observando cada detalhe, relembrando cada momento maravilhoso da carreira que tive aqui. O hospital que tem o nome da minha mãe. Sinto por estar vendendo minha parte.

Mas se Deus quiser, meu filho ou

minha filha poderá ver esse hospital um dia, o hospital que tem o nome da sua avó, o lugar que me inspirou a ser médica.

Leandro

Quando ela saiu com os olhos marejados, minha vontade era correr atrás dela e esquecer tudo o que aconteceu, mas realmente não posso. Não consigo. Sei que tenho pegado um pouco pesado com ela quando nos encontramos, mas o que Isis fez me machucou demais e, quando percebo, já

fui cruel. Aquele dia no shopping, por Deus, o que foi aquilo? Eu só estava almoçando com a Maria e nada mais, mas disse aquelas coisas por que queria machucá-la.

Em nossos últimos encontros, tenho tentado me controlar. Se o bebê realmente for meu, teremos que aprender a conviver. Não retiro o que disse sobre a guarda. Mais cedo ou mais tarde, Isis e Felipe ficarão juntos e não quero meu filho sendo criado por aquele canalha.

Saber que ela pretende deixar o hospital é triste; sei muito bem o quanto

ela ama este lugar, mas, assim como ela, também preciso de um tempo. Espero que durante esse tempo, nosso objetivo seja alcançado.

Meu dia segue lentamente e, no final do expediente, encontro com Max no bar perto do hospital.

— Sua cara está pior do que ontem, Leandro — Max tem sido um irmão esses dias. Sempre conversando comigo, tentando me distrair do que está acontecendo.

— Isis me procurou hoje para dizer que pretende deixar o hospital.

— Que droga, cara! Ela ama aquele hospital.

— Eu sei.

— Ela disse o porquê?

— Segundo ela, precisa se afastar de mim e tentar seguir em frente — bebo a cerveja que o garçom trouxe.

— Leandro, você é um cabeça-dura! Quantas vezes vou ter que repetir que aquela mulher te ama?

— Se ela me amasse, não teria me traído — digo o que acho.

— Não seja redundante, cara, essa frase é tão antiga quanto andar para

trás, mas só quem passou por isso sabe a realidade da situação.

— Max, realmente não estou a fim hoje — digo, cansado.

— Tudo bem, pode encher a cara que eu dirijo hoje — ele diz, sorrindo sarcasticamente, mas mal sabe ele que é exatamente isso que pretendo fazer hoje.

• *'..)

$$, \bullet', \bullet *'') , \bullet *'')$$
$$\left(\begin{smallmatrix} \bullet \\ \cdot \end{smallmatrix} \right)' \left(\begin{smallmatrix} \bullet \\ \cdot \end{smallmatrix} \right)'$$

A semana passou e o dia de receber o resultado do exame chegou. O laboratório informou que o resultado

estaria disponível on-line a partir das três da tarde no site do hospital. Forneceram-me login e senha e eu estou aguardando por isso a cada minuto que se passa.

Não vi Isis durante toda semana. A saudade aperta a cada dia sem que eu possa fazer nada. Quando isso vai acabar? Parece uma tortura sem fim. O que tem mantido minha mente ocupada é o trabalho; na parte da manhã, fico na administração e, à tarde, atendo meus pacientes. Achei que o babaca do Felipe criaria problemas por Isis ter passado a

administração para mim, mas ele não mostrou nem a cara.

Agradeço por dificilmente encontrar com ele no hospital. Felipe, para mim, é um canalha e nunca deixará de ser. Se eu estivesse em seu lugar, nunca teria feito o que ele fez; isso é atitude de moleque, não de homem. Primeiro que eu não trairia minha esposa e muito menos tentaria conquistar a mulher de outro. Se eu realmente a quisesse na minha vida, teria feito tudo calmamente, pediria o divórcio e seria um homem livre para lutar pela mulher

que amo. Mas sem nunca encostar nela. Não é necessário sexo para demonstrar amor, por isso acho que ele foi um canalha e Isis, fraca.

E é muito difícil esquecer isso.

Duas e cinquenta e nove eu entro no site. Se alguém visse, me chamaria de louco, mas não ligaria, só preciso saber se aquele bebê é meu ou não. Nem sei como as coisas vão ficar depois desse resultado, só que preciso saber.

O site carrega minhas informações e logo o exame aparece. Clico nele com o coração na mão e

espero o exame abrir. A vontade é de pular logo para o resultado, mas meus olhos leem cada palavra, detalhe por detalhe. E então o POSITIVO.

— Meu Deus! — digo, prendendo a respiração.

Três e dois meu celular toca. É Max me ligando.

— E aí, cara? — indaga, aflito. Ele sabia que eu veria o resultado.

— É meu, Max! — digo sem acreditar.

— Putz! Que alívio! — ele grita do outro lado.

— O filho é meu — digo, sorrindo.

— Parabéns, cara, você vai ser papai! — ele me felicita.

— Valeu, mano! Preciso ir falar com a Isis.

— Faça isso. Te vejo mais tarde — ele encerra a ligação.

Estou arrumando minhas coisas para sair e ir na casa dela quando minha felicidade é interrompida.

— Preciso falar com você — Felipe diz.

— Marque uma hora na minha

agenda e aprenda a bater na porra da porta — digo, fuzilando-o com o olhar.

— Isis pretende ir embora, acredito que ela pretende sair do país — ele diz, deixando-me completamente surpreso e em choque.

Capítulo XVI

Encaro o resultado do exame à minha frente e a felicidade preenche cada pedacinho que há dentro de mim. Leandro é o pai do meu bebê. Se as coisas tivessem sido diferentes, tenho certeza de que nesse momento estaríamos chorando juntos de felicidade. Enxugo minhas lágrimas e levanto da cama, sorrindo.

Estava decidida a sair do país para poder conseguir criar meu bebê, mas ontem, quando todas as documentações que eu estava esperando

para começar a resolver tudo ficaram prontas, comecei a questionar minha atitude. Fugir não seria a solução. Quer dizer, tudo o que tenho feito desde que coloquei tudo a perder é fugir e me lamentar.

Caramba, preciso parar com isso. Sei que Leandro ainda me ama, não é possível que ele já tenha me esquecido, preciso lutar por meu marido, insistir que me perdoe nem que para isso precise ficar de joelhos aos seus pés. Não vou desistir. Não vou embora. Vou lutar e peço que Deus me

ajude, pois sei que não será nada fácil.

E se em último caso eu realmente não conseguir se perdoada e Leandro entrar com processo de guarda, terei que lutar novamente, dessa vez lutarei pelo meu bebê. O que não posso é deixar que meu filho cresça sem conhecer o pai. Isso não.

Agora preciso me trocar e ir ao hospital. Se é para começar, que seja bem feito. Quando eu voltar, conversarei com o pessoal da casa e, juntos, decidiremos o que fazer. Também não venderei minha parte no hospital. Essa,

sim, é a melhor decisão.

Quando entro no box para tomar um banho, ouço a campainha tocar insistentemente.

Em questão de minutos, a porta do quarto é aberta e Leandro entra praticamente bufando, procurando por mim. Quando ele me encontra no banheiro, não escondo minha nudez. Ele fica atordoadado por um segundo, mas logo fixa em meus olhos.

— Você vai embora? — pergunta, ríspido.

— Eu... — não sei nem o que

responder. Como ele sabe disso?

— Não minta, Isis! — ele grita, assustando-me. — Ao menos uma vez na sua vida fale a verdade!

— Leandro, fica calmo, está bem? — peço, aproximando-me dele.

— Ficar calmo um caralho! Você quer sair do país e levar meu filho embora!

— Você viu o resultado — digo, sorrindo.

Leandro suspira, deslizando a mão pelos cabelos, buscando paciência.

— Eu vi — ele diz um pouco

mais calmo.

— Vamos ter um bebê, amor.

Abraço-o, emocionada, mas Leandro retira meus braços do seu pescoço com aparente desprezo.

— Isso não muda nada entre nós, Isis — diz, recuando. — Vista-se — ele dá as costas e pego meu vestido, colocando-o novamente. Encontro Leandro sentado na ponta da cama.

— Leandro, essa gravidez é um milagre, você não vê isso? Estamos tendo a chance de sonhar mais uma vez!

— Vejo, Isis, mas agora são

sonhos separados e também vejo que você quer levar meu filho embora.

— Fiquei com medo quando disse que ia tirar o bebê de mim! — Elevo a voz.

— E saiba que ainda vou! Agora que sei o que você pretende fazer, vou entrar em contato com meus advogados! — ele diz, seguindo em direção à porta, mas antes que ele saia, tranco-a e guardo a chave dentro do meu sutiã.

— Você não vai sair daqui até me ouvir — digo, firme.

— Abre a droga da porta.

Ignoro-o.

— Sente-se e me ouça, Leandro — ele não obedece, mas isso não vai me impedir de falar. — Fiquei com medo, muito medo. Que mãe não ficaria? — dou de ombros. — Mas não seria justo com você e muito menos com nosso filho crescer sem o pai. Estava realmente disposta a fazer isso, pensando somente em mim — aproximo-me e seguro sua mão. — Mas depois de pensar em nós, eu desisti, Leandro. Eu vou lutar pela gente, por nossa família.

Ele solta minha mão, analisando-

me.

— Você pode e vai ficar, Isis — ele enfatiza. — Mas esqueça a história de lutar pela gente. Você não me deu a chance de lutar por você quando foi necessário, também não estou te dando essa chance agora.

Suas palavras são como um soco em meu estômago.

— Eu estava confusa e perdida, Leandro!

— Não quero ouvir.

— Mas vai! — grito. — Quando Felipe apareceu novamente, todos

aqueles sentimentos confusos surgiram junto com ele. Nenhuma outra pessoa tem culpa a não ser eu. Eu me deixei levar, deixei uma ilusão da juventude me enganar.

— Cala a boca, Isis! — pede, nervoso, ficando vermelho.

— Não! — empurro-o para trás, exaltando-me. — Você não quis me deixar explicar e agora você vai ouvir cada merda de palavra que vou falar!

Leandro me fita, vermelho, completamente impaciente. Senta-se novamente na cama e abaixa a cabeça,

ignorando-me, mas isso não me afeta. Eu vou falar tudo o que preciso.

— Não foram sentimentos que surgiram novamente, por que aqueles sentimentos não existem mais. Foi somente uma ilusão que criei em minha cabeça e que enganou meu coração. Fui burra, ingênua e muitas outras coisas, Leandro, mas eu errei, me enganei, e você me deixou — respiro fundo, abalada. — Dormi com Felipe uma única vez — conto, humilhada. — Na noite que dormi aqui na casa do meu pai, ele também dormiu.

Leandro levanta da cama, enfurecido, praticamente rosnando, surpreendendo-me socando a porta em seguida.

— Você acha que o fato de ter dormido com ele uma única vez te faz menos traidora?! — diz com a respiração pesada, dominado pela raiva.

— Não — respondo, tentando me acalmar. — Só quero dizer que me arrependi no dia seguinte. Eu me arrependi, Leandro, não senti remorso ou culpa, eu me arrependi — tento explicar.

— Eu posso ficar por horas ouvindo você, Isis, que nada mudará — diz, seco.

— Não faz assim, Leandro, eu me confundi toda, fiz uma bagunça com nossas vidas, nos magoei. Tudo por uma ilusão de um amor antigo. Eu tive uma história com Felipe que mexeu comigo. A Isis que você conheceu tinha um passado, assim como você também tem. No entanto, meu passado não foi completamente resolvido e voltou para bater em minha porta. Amo você com todas as minhas forças, Leandro, e sei

que não há nada que eu possa dizer ou explicar que vai te fazer entender o que fiz. A única coisa que estou pedindo é que me perdoe — finalizo, as lágrimas fluindo.

— Palavras muito nobres, Isis. E realmente nada do que você me diga vai me fazer entender sua traição — ele aproxima-se, falando próximo ao meu rosto. — E não, não sou capaz de te perdoar.

— Leandro...

— Chega desse assunto, Isis!

— Não! — digo, desesperando-

me mais. — Eu não vou desistir, vou pedir perdão a cada maldito dia da minha vida!

Leandro me fita inexpressivo, mas a energia ruim do ambiente é quase palpável. Ambos estamos nervosos, aflitos e desesperados.

— Hoje é o primeiro dia. Até amanhã, então — diz friamente, enfiando a mão em meu decote e pegando a chave.

Em um momento de desespero, lanço-me sobre ele, segurando-o pela cintura.

— Me perdoa! — grito, soluçando, deslizando por suas pernas, apoiando-me até chegar ao chão.

Desesperada. Aflita e sem esperanças.

— Me solta, Isis — Leandro diz e, pela primeira vez, depois de tudo, ouço-o emotivo. — Você estragou tudo entre nós, não aja assim, pois sairei daqui me sentindo o vilão. E isso sabemos que não sou.

As lágrimas correm por meu rosto. Quero dizer que sinto muito por colocá-lo nessa situação, mas não

consigo. Minha voz não sai devido ao choro compulsivo. Solto suas pernas e tento fica de pé, mas me assusto com o grito dele.

— Isis, pelo amor de Deus, que sangue é esse?!

Imediatamente olho para minhas pernas e vejo uma linha de sangue escorrendo. Fito Leandro, desesperada, mas ele não diz nada, apenas age. Abrindo a porta, pega-me no colo e descendo as escadas. Meu choque é tão grande que não consigo esboçar nenhuma reação. Minha respiração fica

ainda mais acelerada e minha visão, turva. Esforço-me para manter o foco no que Leandro está fazendo. Ele me coloca com muito cuidado em seu carro e segue em direção ao hospital.

— Vai ficar tudo bem, fica calma — diz, enquanto dirige, mas suas palavras não me acalmam. Foi exatamente assim da última vez.

Exatamente assim.

Leandro liga para o hospital, informando que estamos chegando e fala pessoalmente com a doutora Carol, que nos aguarda.

Alguns minutos depois, chegamos ao hospital. Uma pequena equipe nos aguarda e observo, em choque, enquanto tudo acontece ao meu redor. Leandro me coloca em uma cadeira de rodas e seguimos para emergência, para a sala de ultrassom.

Carol fala comigo, mas não consigo responder as suas perguntas e Leandro me fita, preocupado.

— Isis, preste atenção em mim, por favor — ele diz, segurando meu rosto. — Você está com cólicas?

Consigo responder que não com

um movimento da cabeça.

— Isso é bom — Carol diz,
iniciando a ultrassom.

Trêmula, minha visão começa a
escurecer.

— Isis, fica comigo — Leandro
pede em um tom urgente, segurando meu
rosto.

Depois disso, tudo fica escuro.

.*)

,. ' ,.*') ,.*')

(,.' (,.'

Acordo me sentindo um pouco
desnorteada, então me dou conta de onde

estou e tento me sentar.

— Calma — Leandro pede, segurando meu braço, fazendo-me deitar novamente.

— Nosso bebê? — indago, preocupada.

— Está bem — ele responde, aliviado.

— Vejo que acordou, Isis — a doutora Carol diz, entrando no quarto.

— O que houve? — indago um pouco confusa.

— Sua pressão baixou e você acabou desmaiando — Leandro explica.

— Se o bebê está bem, por que tive o sangramento? — pergunto ao Leandro.

— Eu vim ficar com você enquanto a doutora pegava o resultado do exame — ele explica.

Juntos, voltamos nossa atenção para Carol e noto que ela estava esperando terminamos de falar para nos explicar o que houve.

— Isis, você está com um deslocamento ovular, ele ocorre no primeiro trimestre e é caracterizado pelo acúmulo de sangue entre o útero e o

saco gestacional — suspiro, frustrada.
— Você deve iniciar o tratamento o mais rápido possível para evitar complicações graves, como aborto ou descolamento da placenta — ela diz, preocupada.

Leandro segura minha mão, apertando forte, e isso significa muito para mim nesse momento.

— Qual é o tratamento, Carol?
— indago, ansiosa.

— Repouso, ingestão de cerca de dois litros de água por dia, restrição de contato íntimo e a ingestão de um

remédio hormonal que vou receitar.

— E isso é garantia que vai ficar tudo bem? — Leandro pergunta antes de mim.

— A boa notícia é que o descolamento ovular diminui e acaba desaparecendo se o tratamento for feito — ela sorri, mas prossegue. — Mas vocês precisam realmente seguir à risca a questão do repouso para que o hematoma não aumente. Você não deve ficar muito tempo em pé, Isis, e deixar as pernas elevadas sempre que estiver deitada.

— Ela vai fazer tudo isso, doutora — Leandro diz.

— Doutora, como isso aconteceu? Eu estava me cuidando bem desde a última consulta.

— Isis, ainda não se sabe quais as causas de descolamento ovular, por isso não é possível prevenir o surgimento. No entanto, fazer exames quando surge um sangramento ou cólicas ajuda a evitar complicações — explica.

— E por quanto tempo devo fazer o tratamento?

— Vamos ter que ir te

monitorando até o hematoma desaparecer.

Não importa quanto tempo eu fique assim, desde que tudo fique bem. Meu Deus, que alívio! Muito obrigada!

— Por questão de segurança, vou pedir que você passe a noite aqui, só para ser observada.

— Sem problemas, eu agradeço muito, Carol.

— Descanse, Isis — ela sorri e se despede, deixando-me a sós com Leandro.

— Está tudo bem — sorrio,

segurando sua mão.

— Sim, está — ele sorri. —

Agora descansa — ele faz um carinho em minha mão, deixando-me feliz pelo simples fato dele me tocar.

Capítulo XVII

Leandro passou a noite comigo no hospital e no dia seguinte recebi alta com todas as prescrições médicas da doutora. Precisei novamente da cadeira de rodas; estou começando a me sentir uma inválida, mas tudo é por uma causa maior. Não estou reclamando, afinal de contas, meu bebê está bem e é isso que importa, mas as coisas poderiam ser menos complicadas e difíceis para mim.

— Isis, eu sinto muito pelo o que aconteceu — Leandro diz quando estamos a caminho de casa.

— Não foi sua culpa, Leandro, isso aconteceria de qualquer forma e fico grata por você estar lá para nos socorrer rápido.

Ele assente, mas consigo notar que se sente culpado.

— Estive pensando e acho melhor eu ficar alguns dias com você aqui, para ajudar.

Isso me anima muito. Seria uma forma de estar mais perto dele, mas aprendi anos atrás que ser um peso morto só dificulta as coisas.

— Eu posso me virar sozinha,

Leandro, além do mais, a Alma pode me ajudar.

— Eu me sentiria melhor se soubesse de perto como você está, Isis. Não vou estar aqui durante o dia, pois tem o hospital, mas no fim do dia, gostaria de ficar e ver se você precisa de alguma coisa.

— Realmente não quero incomodar, mas não vou te impedir de cuidar do seu filho.

— Obrigado — ele continua a dirigir e logo chegamos.

Leandro me pega no colo para

que eu não suba as escadas e aproveito para me aconchegar em seu peito. *Que saudade...*

Sinto Leandro ficar tenso. Ele não me repele, mas o percebo acelerar o passo para chegarmos ao quarto. Ele empurra a porta com o pé e logo me coloca na cama com cuidado, afastando-se rapidamente. Isso me magoa.

— Eu preciso ir em casa pegar algumas coisas, você se importa? — pergunta, preocupado.

— Vou ficar bem — sorrio.

Ele acomoda alguns travesseiros

em minhas costas.

— Vou pedir a Alma que traga alguma coisa para você comer, vou em casa e já volto.

— Obrigada — ele assente e sai.

Alguns minutos depois, Alma aparece com um café da manhã reforçado. Acabo aproveitando para informar a ela que não venderei mais a casa e que se ela desejar ficar, é muito bem-vinda. Ela sorri e diz que ficará satisfeita em continuar a trabalhar. Pedi que ela falasse com os outros funcionários e depois me desse uma

resposta.

Uma hora depois de Leandro ter saído, a campainha tocou e a Alma logo me informou que era Felipe. Fiquei receosa de recebê-lo, mas, como disse antes, estou cansada de fugir.

— Pode mandá-lo subir —
respondo, acomodando-me melhor na cama.

Felipe entra no quarto do meu pai com uma expressão preocupada.

— Você está bem? Fiquei sabendo do que aconteceu.

— E o que é que você não

sabe... — brinco, sorrindo.

Ele sorri.

— Sabe como é.... corredor de hospital...

— Sim, eu sei — assinto. — Mas estou bem, foi um susto e agora preciso ficar de repouso.

— Fico aliviado por saber disso.

— Sente-se, Felipe — mostro a poltrona perto da cama.

— Na verdade, eu queria saber só como você estava.

— Preciso falar com você.

— Isis, eu não quero ouvir —
isso me surpreende. — Não preciso
ouvir da sua boca que você não me ama.
Só saber disso já me magoa o suficiente.

— Felipe, eu sinto muito.

Ele senta na poltrona que
indiquei.

— Vocês voltaram? — indaga,
triste.

— Não, Leandro não me quer de
volta — afirmo. Vejo um brilho em seu
olhar. — Mas eu o amo mesmo assim,
Felipe, e tenho certeza que sempre vou
amar.

— Podemos tentar, Isis — seus olhos estão marejados.

— Sei que sim, querido, mas eu não posso, entende. Você foi uma parte boa da minha vida, Felipe, mas ficou lá no passado.

— Eu sei que você já fez o exame de DNA.

— Eu imaginei que sim — sorrio.

— Não te procurei por que imaginei que você iria querer fazer o exame primeiro com seu marido — assinto.

— Felipe, você precisa seguir em frente.

— É difícil.

— Você conseguiu anos atrás. Se esforce que você vai conseguir novamente — digo, firme.

Ele me fita, constrangido, e assente, ficando em pé.

— Então é assim?

— Sim, Felipe.

— Tenha uma boa vida, Isis — ele beija meu rosto, demorando mais do que o necessário. Sinto suas lágrimas tocarem meu rosto. Ele olha dentro dos

meus olhos e sussurra antes de ir embora:

— Sempre vou te amar — isso me lembra do dia que terminamos, a diferença é que dessa vez eu não respondi.

Felipe sai pela porta no mesmo momento em que Leandro entra. Eles se encaram sem dizer nada e Felipe vai embora.

Leandro me observa por alguns segundos, antes de perguntar se preciso de alguma coisa. Respondo que não e ele sai do quarto.

Leandro não apareceu novamente no quarto durante todo o dia. A única pessoa que vi foi Alma, que trouxe o almoço e o lanche da tarde. Passei o dia todo lendo e, por mais que eu ame ler, acabei ficando entediada. No relógio, contei que passei mais de seis horas deitada.

— Preciso ir no banheiro — suspiro, cansada.

Estou com tanto medo de levantar e acontecer alguma coisa que faço cada movimento com extrema lentidão. Consigo fica de pé e vou ao

banheiro caminhando lentamente. Quando volto, decido me sentar na varanda e observar o jardim. Não sei quanto tempo vou ter que ficar assim, mas estou começando a achar que o tempo vai se arrastar para mim.

Da sacada, vejo quando Leandro sai para o jardim falando ao celular. Quando ele olha para cima e me nota, seu rosto fica vermelho na hora.

Pronto, ele está irritado.

Fico em pé, caminhando de volta para a cama, mas ele chega ao quarto antes que eu consiga me deitar.

— Que droga você pensa que está fazendo?! — ele diz, pegando-me no colo e me deitando na cama.

Que exagerado.

— Sabe, você costumava ser mais calmo.

— Isis, você precisa seguir as recomendações médicas! — enfatiza.

— Fiquei deitada nessa cama por mais de seis horas, só comendo e bebendo água. Uma hora eu tenho que levantar para ir ao banheiro. Aproveitei e me sentei na varanda — explico.

— Você poderia ter me chamado.

— Eu nem sabia se você estava na casa.

— Estou resolvendo algumas coisas da clínica e do hospital para conseguir ficar fora por alguns dias. Mas estou aqui, qualquer coisa me grita.

Sua atitude me toca, mas não me ilude.

Leandro vai saindo do quarto quando tomo coragem para pedir.

— Fica aqui comigo.

Ele para de andar e me fita, pensando por alguns segundos.

— Eu ainda tenho algumas

ligações para fazer, volto mais tarde — responde e sai do quarto.

Leandro não retornou como disse que faria e isso me deixou péssima. Do que adiantaria ele estar tão perto se eu quase não vou vê-lo? Lutar por Leandro vai ser muito mais difícil do que imaginava e, no momento, não estou em minha total capacidade, deitada nessa cama praticamente vinte quatro horas por dia, mas não vou desistir; o que estiver ao meu alcance, com certeza vou fazer.

Na manhã seguinte, acordo com

Leandro puxando as cortinas da janela; a claridade me deixa cega por alguns instantes e reclamo com ele.

— Bom dia — ele ignora minhas reclamações.

— Leandro, faça como ontem: me ignore, feche as cortinas e saia do quarto — digo, cobrindo a cabeça com o edredom.

— Liguei para a doutora Carol e perguntei melhor sobre o repouso. Ela disse que você pode fazer pequenas caminhadas com muito cuidado. Pensei em tomarmos café no jardim.

Destampo a cabeça, confusa com seu convite, enquanto Leandro me olha.

— Você está falando sério?

— Anda logo, Isis, Alma já está pondo a mesa.

Ele me ajuda a levantar. Ontem, antes de dormir, tirei minha roupa e fiquei somente lingerie. Então, encaro-o fixamente quando fico em pé, revelando meu corpo. No entanto, Leandro mais uma vez me ignora completamente, aliás não completamente, ele observa minha barriga. Sorrio.

— Está uma bolinha, não é? —

digo, olhando para minha barriga.

Ele sorri.

— Sim — ele me olha. — Posso tocar?

— Claro que pode.

Leandro leva suas mãos à minha barriga e fico tão emocionada que preciso me controlar para não chorar. Tenho insistido com Leandro sobre nós desde que tudo aconteceu, sempre tendo a mesma resposta e a agonia constante em meu peito. Mas nesses pequenos momentos em que ele deixar cair mesmo que pouco suas barreiras, que sinto a

dor intensificar em meu peito, quase uma dor física. Estremeço com seu toque, mas ele não diz nada. Em silêncio, ele retira suas mãos e me entrega um robe longo de seda azul.

— Preciso ir ao banheiro —
aviso.

Ele assente e me espera retornar.

Descemos a escada com muito cuidado. Fico contente ao ver a mesa do café da manhã posta no jardim.

— Está lindo — comento.

— Alma caprichou pra você —
ele sorri.

Tomamos café da manhã tranquilamente e Leandro até conversa comigo sobre algumas coisas referente ao hospital e sua clínica. Estamos conversando educadamente quando a campainha toca e logo depois Alma aparece acompanhada por Max.

— Bom dia, família! — ele diz, animado.

Sorrio ao vê-lo.

— Bom dia, Max! — tento me levantar para cumprimentá-lo, mas Leandro me impede, segurando-me pelo pulso.

— Pode ficar sentadinha, Isis, sei sobre o repouso e por isso vim, para me certificar de que meu amigo aqui, está cuidando bem de você — ele beija meu rosto.

— Ele está. — sorrio. — Obrigada pela visita, sente-se, tome café conosco.

Max cumprimenta o amigo e senta, servindo-se de café.

Conversamos animadamente sobre assuntos casuais. Max me faz rir mais do que o normal, quebrando um pouco do clima pesado sobre a mesa. O

celular do Leandro toca com uma ligação que ele rejeita, mas logo informa que era sua mãe.

— Ela está preocupada com você. — Com os últimos acontecimentos, não me informei sobre seu estado de saúde.

— Ela está bem? — Certifico-me.

— Sim, ela está.

— Ela... Ela sabe o que aconteceu? — pergunto, nervosa, sem me incomodar com a presença do Max, afinal, ele sabe da verdade, além de ser

um amigo.

— Que você me traiu? Não. Não contei que você decidiu reviver uma paixão antiga e que nos separamos por conta disso.

Respiro fundo, frustrada.

— Leandro, pega leve — Max o repreende.

— Tudo bem, Max — meneio a cabeça, fingindo que está tudo bem. — Se vocês não se importam, gostaria de ir me deitar — digo, levantando-me.

— Você não reclamou ontem porque ficou deitada o dia todo, Isis? —

diz, irritado.

— Me desculpe, só preciso me deitar — Leandro segura meu braço para me ajudar, mas digo que posso ir sozinha, deixando-o irritado.

Leandro

— Você sabe que foi um babaca agora, não é? — Max afirma quando Isis desaparece do nosso campo de visão.

— Não sei do que você está falando.

— Ah, pelo amor de Deus! Até quando você vai agir assim? — ele indaga, irritado.

— Que foi?! Está querendo transar com ela também? Tenta a sorte, você pode conseguir — depois que digo que percebo o tanto de merda que disse.

Max ergue a sobrancelha direta, sarcástico.

— É isso que você pensa dela?

— Só estou nervoso — respondo, bebendo meu café.

— Não foi isso que perguntei — ele insiste.

— Não, Max, não é isso que penso dela. Só que, sei lá, tudo está muito confuso ultimamente. Você sabe,

eu te contei as coisas que ela me disse ontem antes passar mal.

— Eu sei, mas você pretende perdoá-la agora que ela se explicou?

— Claro que não! Uma explicação não muda nada do que aconteceu.

— Então você precisa dizer isso a ela, Leandro, dizer que você está aqui pelo bebê, que vai voltar para a cobertura quando ela ficar bem e que nunca pretende perdoá-la, que ela deve seguir sua vida, pois você vai seguir a sua.

— Não preciso dizer isso a ela, Isis já sabe.

— Não. Ela deve imaginar. Mas enquanto você não for claro o suficiente, ela não vai desistir. Eu vi o brilho nos olhos dela para você enquanto conversamos, sempre foi assim. Ela tem esperanças, Leandro.

— Não deveria — respondo, firme.

— Então diga isso a ela — insiste.

— Ontem aquele babaca esteve aqui — conto.

— O que ele queria? — ele franze a testa.

— Fui em casa buscar roupas e, quando voltei estava indo ao quarto dela, os ouvi conversando. Acho que foi uma despedida. Patética, mas acho que foi. O cara é louco por ela, Max — odeio-me só por dizer isso em voz alta.

— Sabe o que é cômico nessa história, Leandro? — ele indaga, mas continua. — Ele é louco por ela e teve a chance de tê-la somente para ele anos atrás e a perdeu. Você não tem medo que isso aconteça com você?

— Se você está me perguntando se vou me arrepender do divórcio, a resposta é não. Essa não é uma decisão que voltarei atrás, Max. Não vou conseguir perdoar a Isis e seguir em frente com ela como se nada tivesse acontecido.

Capítulo XVIII

Para minha falta de sorte, no dia seguinte acordei com muita dor de cabeça; dormi muito mal na noite passada, preocupada com meu bebê e com minha vida. Engraçado como um dia você acorda disposta a salvar o mundo e, no dia seguinte, você começa a achar que não consegue salvar nem a si mesmo.

Como vou salvar meu casamento se fui eu quem o naufragou? Posso realmente salvar meu casamento ou tudo não passa de mais uma ilusão?

— Você está bem? — Leandro interrompe meus pensamentos.

— Com muita dor de cabeça — respondo, sentando-me na cama.

Ele entra no quarto e senta perto de mim.

— Você está com olheiras.

— Não dormi muito bem.

— Vou buscar um analgésico para você.

Volto a me deitar, relembrando nosso café da manhã ontem e como o que começou muito bem, terminou muito mal. Isso está se tornando uma rotina

para nós.

— Está difícil — sussurro para mim mesma.

Minutos depois, Leandro volta com o analgésico e uma bandeja com café da manhã.

— Achei que íamos tomar café lá fora — resmungo, tomando o analgésico.

— Vamos tomar aqui mesmo, você não está bem — diz, acomodando a bandeja em cima da cama.

Comemos em silêncio, cada segundo fazendo minha cabeça latejar

ainda mais de dor. Esse clima péssimo entre nós só me deixa ainda pior. Depois que acabamos, esperei Leandro retirar a bandeja e sair para que eu pudesse voltar a me deitar e tentar dormir um pouco mais. Já que é para fazer repouso, que seja dormindo ao menos, assim não sinto a agonia constante em meu peito.

No entanto, Leandro retira a bandeja, mas a coloca em cima do sofá e volta a sentar-se ao meu lado. Observo-o, confusa, mas ele não explica nada, apenas pega o controle da televisão e a liga.

— O que você está fazendo?

— Vamos assistir a um filme —

diz como se isso fosse a coisa mais simples a ser feita.

Leandro coloca um travesseiro em seu colo e imediatamente lembro que sempre que víamos um filme, eu deitava no travesseiro que colocava no colo e ficávamos o filme todo assim. Por isso, não hesito em deitar em seu colo.

— Isis...

— Cala boca, Leandro, você não vai negar isso para a mãe do seu filho.

Ele não diz nada e, por mais

bobo que isso possa parecer, sinto que ganhei essa rodada. Assistimos a um filme que não sei nem o nome, mas tinha alguma coisa relacionada com uma repórter sequestrada e uma equipe enviada para salvá-la. Não entendi metade do filme, pois cochilei em várias partes.

Em alguns momentos entre o sono e a realidade, senti um carinho em meus cabelos, que simplesmente era capaz de me fazer dormir novamente. Cada vez que fechei meus olhos, sonhei que Leandro me beijava.

— Isis, o filme acabou — ouço

Leandro sussurrar em meu ouvido.

— Hum...

— O filme acabou — repete, paciente. — Você precisa levantar e caminhar um pouco, fazer o sangue circular.

Sento na cama completamente grogue de sono.

— Preciso de um banho para acordar — esfrego os olhos.

Ele sorri de forma simpática e meu coração quase para.

— Tome seu banho, te espero

aqui — como sou louca por esse homem.

Ele está tão perto que não resisto e aproximo-me do seu rosto. Leandro não reage, percebo sua respiração se alterar, mas ele nem mesmo pisca. Meu coração bate tão forte que chega a doer e não penso em mais nada que não seja beijá-lo. Duas semanas depois de tudo ter ruído, finalmente vou beijar meu marido novamente.

Deslizo minha mão por seu rosto, completamente hipnotizada por seu olhar. Sinto os pelos da sua barba

roçando por minha mão. Ele fecha os olhos e faço o mesmo, apenas nos sentindo. Consigo sentir todo o amor que sentimos um pelo outro nesse momento, tornando esse pequeno encontro mágico. Aproximo-me, toco nossos lábios suavemente e envolvo meus braços ao redor do seu pescoço. Leandro desliza suas mãos para minha cintura, tomando-me para si. Deixo escapar um suspiro de prazer por meus lábios e isso quebra nossa bolha, pois Leandro me solta imediatamente, repelindo-me como se eu estivesse suja.

— O que você tem na cabeça, Isis? — indaga, pulando da cama.

— Você, Leandro! Tudo o que faço é pensar em você!

Ele respira fundo. Espero que ele me responda, que diga alguma coisa, mas ele só sai do quarto, batendo a porta com força.

Volto a me deitar na cama. A dor de cabeça, que tinha sumido, volta a dar sinal de vida, deixando-me furiosa.

Decido levantar, tomar um banho e fazer a caminhada no jardim sozinha.

Preciso ter paciência...

Só tem duas semanas que tudo aconteceu. Leandro precisa de um tempo para me perdoar e eu posso dar isso a ele, só preciso ter paciência.

Duas semanas se passaram e o convívio com Leandro está mais leve e até um pouco mais fácil se posso dizer isso. Ele não jogou mais na minha cara o que fiz e isso já é um grande começo. Quando tive a oportunidade, perguntei a ele o que tinha dito à mãe; ele contou que nos separamos, mas que não tinha dito o real motivo. Fiquei muito envergonhada, mas não posso fazer nada

a não ser conviver com isso.

Durante esse tempo, Leandro fez todas as refeições ao meu lado, sempre preocupado, sempre presente. A cada dia, minha esperança de ficarmos juntos como uma família só aumentava. Quando ele voltou a trabalhar, encheu-me de precauções. Foi fofo e até engraçado de ver.

Hoje ele não foi trabalhar e ficou em casa, pois daqui a pouco temos consulta para saber se já estou de alta e estou muito ansiosa. Esses dias foram maravilhosos para mim, mas ter minha

liberdade de locomoção é muito importante.

Apesar de Leandro ter se mantido distante durante esse tempo, eu aproveitei cada segundo ao seu lado. Senti-me novamente sua esposa, mesmo que de uma forma diferente.

Ele não dormiu na mansão algumas vezes. Quis perguntar onde ele esteve, mas eu sabia que não tinha esse direito. Mas em todas elas, meu coração parecia sangrar cada vez que o imaginava com outra.

Minha esperança não morreu,

ainda acredito que vamos ficar bem.

Meu celular vibra com uma mensagem, tirando-me dos meus pensamentos.

Espero que ocorra tudo bem hoje.

Felipe.

Desde a última visita de Felipe, falei poucas vezes com ele e, quando acontecia, era sempre por mensagem. Achei educado da parte dele, mas se eu quisesse realmente meu marido de volta, cortar qualquer contato com Felipe era essencial.

Obrigada.

Respondo simplesmente.

— Você está pronta para ir? —

Leandro aparece usando uma calça jeans preta e uma blusa social da mesma cor, fazendo-me suspirar.

— Sim — pego minha bolsa e ele me ajuda até entramos no carro.

No caminho, não conversamos. Acredito que seja pelo fato de ambos estarmos apreensivos com o resultado do exame.

No hospital, quando entramos no elevador, encontramos justamente com

Felipe.

Isso não podia ser mais constrangedor.

— Você está bem? — ele indaga, sorrindo, ignorando Leandro ao meu lado.

— Sim, Felipe, estou, obrigada — sorrio educadamente.

— Que bom — ele sorri de volta. — Só para você estar ciente, rasguei a documentação de compra e venda dos seus vinte e cinco por cento — ele informa.

— Não será mais útil — afirmo.

As portas abrem e Felipe é o primeiro a sair, despedindo-se.

— Você ia vender sua parte do hospital para ele? — Leandro pergunta, incrédulo.

— Quando estava pensando em sair do país — explico.

— Você só pode ser louca — diz, ríspido.

— Eu estava desesperada, é diferente.

Nossa vez chega e saímos do elevador. Apresento-me na recepção e logo estamos aguardando, mas não

demora muito e sou chamada.

— Isis, Leandro — Carol nos cumprimenta. — Como estão?

— Bem e você? — respondo.

— Estou muito bem, doutora, e você, como está? — sinto uma entonação diferente na voz de Leandro. Isso rasga meu coração. Ele está flertando com a médica, sou capaz de reconhecer o fato só pelo modo que ele está olhando para ela.

Por que isso agora?

— Estou bem — ela sorri. — Isis, você pode se trocar e deitar para o

exame.

Assinto, receosa por deixá-los a sós, mas faço o que ela me pede.

— Bom, vamos ver como está esse bebê.

Ela faz todo procedimento essencial e espero ansiosa pelo o que ela vai dizer.

— Papais, está tudo bem como o bebê — isso já me tranquiliza. — Mas o hematoma ainda está aqui, está diminuindo gradativamente, o que é um bom sinal — ela explica.

— E quando ele vai sumir

completamente? — Leandro pergunta.

— Em duas semanas ele diminuiu, então quero ver você aqui novamente em duas semanas para mais um exame — ela diz, olhando para mim.

— Tudo bem, o importante é que o bebê está bem — sorrio.

— Agora uma pergunta importante: vocês querem saber o sexo do bebê?

— Está dando para ver? — pergunto eufórica.

— Está, sim — ela sorri.

— Eu quero saber. Você quer,

Leandro?

Leandro me observa, apreensivo, a emoção estampada em seu rosto.

— Quero muito.

— Vocês estão esperando uma menina — ela diz, animada.

— Ah, uma menina! — grito, animada.

— É uma menina mesmo? —

Leandro pergunta, não acreditando.

— Sim, ela está com as perninhas bem abertas.

— Oh, que bonitinha! — digo com as lágrimas escorrendo pelo canto

dos meus olhos.

Leandro segura minha mão, também visivelmente emocionado.

Carol me entrega alguns lenços e limpo minha barriga, ainda abalada com as notícias que recebemos. Confesso que estou triste por ainda estar com o deslocamento ovular, mas saber que vou ter uma menina ameniza um pouco esse sentimento.

Coloco novamente minha roupa e voltamos para a sala principal.

— Isis, como eu disse, está tudo bem. Você ainda precisa continuar com o

remédio hormonal e as vitaminas.

— Muito obrigada, Carol! —
despedimo-nos com dois beijinhos no
rosto.

Saio do consultório tão feliz que
posso até fazer a dancinha da felicidade.

— Você acredita nisso,
Leandro?! Vamos ter uma menina! Uma
menina! — Digo dando gritinhos de
felicidades.

Leandro sorri, a felicidade
estampada em seu rosto.

— Você vai me deixar escolher o
nome? — ele me lembra o seu pedido de

anos atrás.

— Vou deixar, sim, não se preocupe — seguro sua mão. — Você tem um excelente bom gosto — Leandro encara nossas mãos, mas não a solta e isso me deixa ainda mais feliz.

Seguimos para casa, mas minha vontade era de ir ao shopping e comprar tudo rosa que eu visse pela frente. Meus Deus, as coisas parecem tão boas que é até difícil acreditar.

Quando chegamos em casa, Leandro segue para seu quarto e eu vou para o do meu pai. Os únicos

empregados que ficaram na mansão foram Breno e Alma. Os outros dois ficaram felizes em receber suas indenizações, no entanto, preciso de um novo jardineiro e uma nova cozinheira.

Leandro não apareceu a tarde inteira e isso me deixa preocupada. Sei que ele está de folga hoje, então por que não veio me ver?

A noite chegou e nem sinal dele. Quando Alma veio trazer meu jantar, perguntei por ele e ela contou que ele tinha saído há meia hora. Jantei sozinha e esperei. Por volta das duas da manhã,

não consegui esperar mais. Não dormir bem na noite anterior e estava esgotada.

De manhã, quando acordei, tomei um banho e descii para tomar café no jardim, como estávamos fazendo sempre. Mas Leandro não apareceu. Liguei no celular dele, que foi direto para a caixa de mensagem. Voltei para meu quarto completamente confusa com seu sumiço. Estava quase ligando para o Max quando Leandro entrou em meu quarto, perfumado, barba feita e arrumado.

— Onde você esteve? — indago,

levantando da cama.

— Como? — odeio quando ele se faz de desentendido.

— Eu perguntei onde você esteve — repito, firme.

— E por que você acha que devo satisfações a você, Isis?

— Eu... É, eu... — nossa, como me odeio por gaguejar! — Eu achei que estávamos bem — murmuro.

— Você o quê? — ele ergue a sobrancelha esquerda, sorrindo.

— Você me ouviu da primeira vez.

— Estamos bem, Isis, mas não da forma que você pensa. Estamos bem por que quero o melhor para minha filha e se isso inclui passar um tempo com você, tudo bem.

Não sei se era a intenção, mas me magoou.

— Você dormiu com alguém?

Leandro gargalha muito alto.

— Você acha realmente que pode me perguntar isso?

Juro que não sei o que está acontecendo, estava tudo bem. Claro que não como antes, mas ele não era mais

ríspido comigo, como agora.

— Achei que você estava começando a me perdoar — as lágrimas idiotas descem por meu rosto.

— Para com o chororô, Isis.

— Leandro...

— Escuta bem, Isis, achei que você sabia disso, mas estou vendo que tenho que ser bem claro com você — ele faz uma pausa, mas continua. — Eu nunca vou perdoar você. Para mim, você é apenas a mãe da minha filha. Nunca serei capaz de esquecer o que você fez! Você transou com outro homem enquanto

eu estava fora do país, cuidando da minha mãe. Que tipo de otário você acha que sou para te aceitar de volta? — ele cospe as palavras, saindo do quarto, mas eu o sigo, beirando ao desespero e à raiva.

— Então você estava fingendo esse tempo todo? — indago, nervosa.

— Eu não fingi nada, como disse, estava cuidando da minha filha — defende-se.

— Leandro, você não pode me tratar assim! Poxa, pensa em nossos últimos anos de casamento, em como

fomos felizes.

— Até que você me traiu, Isis! Como acha que fiquei quando descobri isso? Acordar te amando loucamente para depois ir dormir questionando tudo o que vivemos — diz com a voz embargada. Acho que essa é a primeira vez que o vejo falar sem raiva sobre o assunto.

Ele começa a descer a escada, mas como tenho que descer mais lentamente, fico um pouco para trás.

— Leandro, me espera! — peço, faltando alguns degraus para a escada

acabar.

No entanto, um segundo de distração faz com que eu pise em falso no degrau e escorregue me levando ao chão.

— Ah! — grito quando sinto o impacto. Leandro ainda tenta me segurar, mas é tarde demais. Meu coração gela de preocupação quando caio no chão e sinto uma forte dor no pé esquerdo. As lágrimas, que antes eram de tristeza, se tornam em lágrimas de dor e preocupação.

Que meu bebê esteja bem, que

meu bebê esteja bem!

Capítulo XIX

Leandro

Só quando Isis segurou minha mão no hospital foi que me dei conta de que ela estava confundindo tudo o que estava acontecendo. Fiquei na casa por que ela precisava de ajuda e eu gostaria de me certificar de que tinha tudo o que precisava. Isis foi muito mais do que minha esposa, era minha amiga, minha parceira, não ia deixá-la sozinha mesmo depois de tudo.

Ela admitiu seu erro e colocou

Felipe no passado, como deveria ter feito muito tempo atrás, mas isso não muda o fato que ela me traiu. Perdi completamente a confiança nela, além de estar muito magoado. Mas durante essas últimas duas semanas com ela, eu abaixei a guarda. Em uma ocasião, beijamo-nos, mas bastou ouvi-la gemer que automaticamente imaginei o mesmo gemido escapando por seus lábios enquanto ela estava com ele e a soltei imediatamente, odiando-me por ser tão fraco.

Sentei na cama, relembrando sua

felicidade ao sair do hospital segurando minha mão; isso está errado. Não consigo deixar Isis voltar para minha vida e ela está entendendo tudo errado. Eu deveria ter feito como o Max disse e ter esclarecido tudo antes.

Fico a tarde toda trancado no quarto. Sei que ela ia gostar de me ver, mas não posso dar mais esperança para Isis. Preciso sair daqui ou vou sufocar. Enviei uma mensagem para o Max, pedindo que ele me encontrasse no bar que frequentamos normalmente, que é perto da casa dele.

Saio sem falar com Isis e chego ao bar antes de Max. Peço uma cerveja no exato momento em que uma mulher senta ao meu lado direito.

— Posso sentar com você? — pergunta, charmosa.

Penso em responder não, que estou esperando alguém. Não estou aqui para pegar mulher, mas, sim, para conversar com Max. Mas minha educação não permite.

— Fica à vontade — respondo sem encará-la.

Nessas últimas semanas, não

estive com outra mulher. Depois que me casei, nunca toquei em uma mulher que não fosse a Isis. Duas semanas sem sexo, antes de me casar, eram uma tortura; adorar um corpo de uma mulher, vê-la gozar sempre me fascinara. No entanto, com tantos problemas, sexo é a última coisa que passa em minha cabeça no momento.

— E aí, cara! — Max me cumprimenta, sentando ao lado oposto da morena.

— Você já deve estar cansado de ouvir minhas histórias — digo quando

ele pede a sua cerveja.

— Na verdade, não, esse drama mexicano está cada vez melhor — ele faz graça. — Não liga para isso, cara, estou aqui para te ajudar — diz, sério.

— Você tinha razão, eu deveria ter sido franco com ela desde o início.

— O que aconteceu? — Quis saber.

— Ela criou esperanças demais, me beijou semana passada e saiu do hospital hoje de mãos dadas comigo — suspiro. — Por falar nisso, você vai ser padrinho de uma menina — conto,

voltando a sorrir.

— Meus parabéns, cara!! — ele diz, animado. — Mas ‘pera aí, eu vou ser o padrinho? — indaga, surpreso.

— Quem mais seria? — indago e concluo com sarcasmo. — Felipe?

— Você é um idiota, mas eu fico muito feliz e honrado com o convite.

— Preciso me afastar dela — digo, voltando para o assunto inicial.

— Você a beijou de volta?

— Comecei, mas logo voltei à realidade.

— Você não consegue esquecer,

a cabeça doendo mais do que o necessário para uma resseca; misturar bebidas nunca foi uma boa opção para mim, mas como sou um idiota, insisto nisso. Abro os olhos e fito o teto; só nesse momento me dou conta de que estou na casa do Max. Viemos andando, como em outras noites em que preferi ficar aqui do que ir para casa dirigindo.

Sento na cama, espreguiçando-me, perguntando-me: se estou na cama de Max, onde diabos ele está? No entanto, ao olhar para o lado, vejo um volume na cama. Max dormiu na cama

também, mas cobriu a cabeça como sempre faz.

— Acorda, mané! — puxo o edredom, mas isso revela uma terceira pessoa na cama.

A mulher morena, que sentou ao meu lado ontem no bar, dorme tranquilamente, nua, entre mim e Max, que senta na cama ainda grogue, mas pula da cama ao ver a mulher. Faço o mesmo.

— Que droga, Max! — digo, irritado.

— Que droga digo eu, Leandro!

Combinamos não fazer mais ménage!
Não quero mais ter que ver seu pau! —
diz de cara feia e quase rio.

— Tem medo de gostar? —
implico com ele.

— Vai se foder — ele diz,
abrindo uma gaveta. Pega uma
embalagem fechada de cuecas boxer e
me joga uma, que visto imediatamente.

Na faculdade, fazíamos muito
isso: pegávamos umas garotas e
passávamos a noite toda juntos. Mas
depois que nos formamos e começamos
a trabalhar, combinamos que o passado

de orgias ficaria para trás e era cada um por conta própria. Imagens da noite passada vão surgindo e lembro alguns momentos, como ela conversou conosco e depois fomos todos embora juntos; bebemos mais um pouco quando chegamos no apartamento e logo depois tudo começou.

Vejo, aliviado, o pacote de camisinhas no criado-mudo e lembro que tanto Max como eu usamos preservativos.

Saio do quarto e ele faz o mesmo, deixando a garota dormindo,

que não acordou nem com a nossa conversa.

— Usamos preservativo ao menos — ele diz, jogando-se no sofá.

— Não esquecemos como se faz — implico com ele.

— Você está brincando por que não quer pensar nas consequências que isso pode ter com a Isis.

Não respondo, pois ele tem razão.

Não me sinto culpado, estamos separados. Eu estava bêbado e dormi com uma garota que não sei nem o nome.

No entanto, sei que isso pode magoá-la.

Antes de ir embora, tomo um banho e aparo a barba, demorando-me ao máximo para não ir para a mansão. Mas como não posso ficar aqui para sempre, despeço-me de Max e deixo que ele se entenda com a garota quando ela acordar.

Quando chego em casa, passo pelo quarto de Isis para ver como ela está, mas não deveria ter feito isso. Acabamos brigando e saio puto da vida do quarto. Ela não tem direito de me cobrar nada! Não estamos juntos, que

droga! Por que estou começando a me sentir culpado por ter dormido com aquela garota?

— Leandro, me espera! — Isis grita, chorando, só então me dou conta de que já estamos descendo a escada e que ela não pode fazer isso sozinha.

Viro rapidamente, mas a cena parece acontecer em câmera lenta, Isis indo direto ao chão. Tento impedir que ela caia, mas falho miseravelmente.

— Merda, merda, merda! — vou xingando, enquanto me aproximo dela. Levanto-a com cuidado, mas ela não

consegue manter o pé esquerdo no chão e se apoia em mim.

— Meu Deus, Isis, você está bem?

— Meu pé — ela diz, choramingado.

A culpa me corrói por dentro, enquanto pego-a no colo e a coloco em meu carro. Isis não diz uma palavra durante o caminho, apenas geme de dor.

Não sei se já parei para agradecer ao pai da Isis por morar tão perto do hospital, mas esse fato tem sido muito útil ultimamente. Quando

chegamos ao hospital, a doutora Carol está em atendimento, mas logo surge na emergência para nos atender.

— Ela caiu e o pé esquerdo está doendo — digo assim que ela aparece.

— Raio x agora! — ela diz para a enfermeira.

Eles somem com Isis por quase trinta minutos e não tenho nenhuma notícia. Estou começando a ficar desesperado quando o babaca do Felipe aparece na minha frente.

— Fiquei sabendo que a Isis deu entrada na emergência — diz,

preocupado; que ódio desse cara. Não respondo. — Só quero saber como ela está — ele insiste.

— Isso não é da sua conta, então retire sua insignificância da minha frente e suma de uma vez por todas! — digo, irritado, quase rosnando.

— Não saio daqui enquanto eu não souber dela — ele diz, enfrentando-me.

— Isso é tudo o que você faz, não é? Correr atrás como um hamster na rodinha. Só Deus sabe como você descobriu que ela ia sair do país. Como

sabia que não poderia fazer nada, veio atrás de mim. Me conta, Felipe, você ainda chora por ela como um adolescente toda noite?

Felipe engole em seco, seu rosto ficando vermelho.

Vem, Felipe, vem por que vontade de quebrar sua cara é o que não falta!

— Eu sei por que só precisei procurar as pessoas certas. Isis nunca venderia sua parte sem um motivo muito importante. Eu sei por que, ao contrário de você, eu presto atenção nela — ele

diz, vitorioso.

— Uma pena que ela não presta atenção em você.

— Não foi o que me pareceu há alguns meses.

— Ah, é verdade, me desculpe, isso aconteceu.... No entanto, não entendo por que ela me pede perdão todos os dias, esperando por mim.

Felipe dá um passo à frente e faço o mesmo com meu punho fechado, pronto para socá-lo até acabar com essa merda que ele chama de vida.

— Senhores, controlem-se — a

doutora Carol surge e esqueço do Felipe ao meu lado.

— Como elas estão? — indago, preocupado.

— A bebê está bem, como imaginei. Pelo que Isis me contou, o tombo foi de costas e a bebê está bem protegida. Entretanto, Isis está com uma entorse moderada no tornozelo. A área afetada está dolorida, inchada e com um hematoma.

— Ela caiu? — Felipe pergunta, intrometendo-se em nossa conversa.

A doutora assente e Felipe sai,

deixando-nos a sós.

— Leandro, isso não pode acontecer — ela chama minha atenção. — Isis teve dois abortos, está com deslocamento ovular, o pai faleceu, além de estar passando por um processo de divórcio. Isso é muita informação para uma mulher no estado dela, nenhuma gravidez é perfeita, a vida não é perfeita — ela dá de ombros. — Mas tudo isso é muita carga para uma pessoa só.

Suspiro, envergonhado.

— Vou cuidar de tudo — dou minha palavra e ela assente.

— Não passei nenhum medicamento a não ser para dor, ela vai precisar de muletas até o inchaço sumir completamente.

— Posso vê-la? — pergunto, ansioso.

— Ela está no mesmo quarto do último atendimento — Carol me encara feio e sai em silêncio.

Quando chego próximo ao quarto, ouço Isis conversar com alguém e me aproximo mais para tentar reconhecer quem é.

Felipe.

— Você pode deixá-la em paz, por favor? — digo, entrando no quarto, enfurecido.

Ele me ignora.

— Fique bem, Isis — ele beija sua mão e sai lançando um olhar mortal em minha direção.

Que morra.

— Como se sente? — sento na cadeira ao seu lado e seguro sua mão.

Fico surpreso quando Isis retira sua mão da minha.

— Bem — responde, olhando para a parede.

— Você está me culpando pelo o que aconteceu? — pergunto, apreensivo. Nunca deixaria ela cair de propósito, eu tentei segurá-la, mas não consegui.

— Jamais. — Responde passiva.

— Então por que está distante e monossílaba comigo? — indago, confuso com sua reação.

Isis me fita pela primeira vez desde que entrei e responde com os olhos marejados.

— Nunca vou me perdoar pela dor que causei a você, Leandro, o que fiz foi a maior burrada da minha vida,

sempre vou ser culpada por ter jogado nossa felicidade no lixo. Mas o que aconteceu hoje me mostrou que estou com o foco na pessoa errada no momento — ela seca uma lágrima que escorre por seu rosto. — Corri atrás de você quando sabia que não poderia nem descer a escada sozinha, tudo por que queria seu perdão, quando você já deixou bem claro o que pensa ao meu respeito — um nó se forma em minha garganta.

— Não penso mal a seu respeito, Isis, disse algumas coisas quando estava

nervoso, mas quero que saiba que não fico ofendendo você para outras pessoas — tento me explicar.

— Acredito em você — ela sorri tristemente e isso, como sempre, mata-me.

Nunca suportei vê-la forçando um sorriso em meio à tristeza; seu sorriso é tão alegre e contagiante que ela só deveria usar em momentos de felicidade.

— Mas preciso me concentrar na minha filha agora. Sinto muito, Leandro, de verdade — ela diz, chorosa. — Você

está seguindo em frente e eu deveria fazer o mesmo. Esquecer é o primeiro passo. Por isso, ficarei grata se você voltar para a cobertura,

Algo que eu não esperava.

— Isis, você precisa da minha ajuda — alerto-a.

— Posso contratar alguém para me ajudar, não se preocupe com isso — diz, gentil.

— Eu não vou deixar você sozinha naquela casa, Isis — informo, decidido. — Eu realmente entendo sua posição, mas acho que você deveria

parar de pensar nisso. Vamos combinar uma coisa? — ela assente. — Vamos falar sobre o divorcio só depois que a bebê nascer. Você quer o bem dela tanto quanto eu e, no momento, como você disse, isso é o mais importante.

— Concordo, mas me sentiria melhor se você saísse da mansão.

— Isso não vai acontecer, Isis.

Ela suspira.

— Você pode me deixar sozinha, por favor? — ela pede.

Assinto e saio do quarto completamente arrasado. Esse acidente

clareou os pensamentos de Isis sobre nós; ouvi-la dizer que precisa me esquecer doeu mais do que eu imaginava. Mas não há volta e precisamos aceitar isso.

Capítulo XX

Leandro

Algumas horas depois, Isis recebeu alta e fomos para casa. Ela não conversou comigo durante o caminho, não me encarou e também não me tocou em nenhum momento. Ela estava praticamente me ignorando, se não fosse ao menos educada para responder alguma pergunta que eu fazia.

Quando ela pediu que eu saísse do quarto, senti-me péssimo por causar

essa dor nela. Mas estamos vivendo resultados daquilo que ela fez. Se nosso casamento acabou, a culpa não é minha. Sempre me esforcei para ser o melhor para ela e Isis não deu valor a isso; tenho certeza de que ela nem mesmo pensou em nós quando fez aquela burrice.

Cada dia longe dela é uma tortura; amo essa mulher com todas as forças, mas será que isso é o suficiente para perdoar uma traição e recomeçar? Nunca passei por isso antes e confesso que, aos poucos, a dúvida surge. Mas e

a confiança, onde fica em tudo isso?

Estaciono o carro e saio, abrindo sua porta para pegá-la no colo.

— Você não pegou as muletas no hospital? — ela indaga, confusa.

— Sim, eu as peguei.

— Eu gostaria de usá-las, por favor — pede.

— Eu posso levá-la, Isis, é mais rápido.

— Se está com pressa, pode subir, não precisa me esperar — ela declara sem elevar a voz.

Com todas essas brigas, eu já

estava esquecendo o quanto Isis pode ser cabeça-dura e teimosa.

Suspiro sem responder e pego as muletas na mala do carro, entregando-as a ela, que passa por mim sem dizer nada. Sigo atrás dela, morrendo de medo que ela possa cair novamente, mas ela faz cada movimento com muito cuidado e logo chega ao quarto.

— Estava pensando se não seria melhor você se mudar para um quarto do andar de baixo enquanto estiver de repouso — informo quando ela se deita.

— Também pensei nisso, mas me

sinto bem aqui — ela diz, emocionada.
— É como se meu pai estivesse aqui
comigo.

— Tudo bem — aproximo-me da
cama. — Você precisa de alguma coisa?

— Não, estou bem. Obrigada.

— Vou pedir a Alma para trazer
um lanche para você.

Ela assente.

Procuro por Alma e peço que
leve um lanche no quarto de Isis e vou
para o quarto de hóspedes em que estou
instalado.

Tomo um banho com os

pensamentos a mil. O acidente de Isis me preocupou muito, não posso nem imaginar o que eu faria se algo grave tivesse acontecido. Assim como ela, preciso deixar nossos problemas de lado e me focar somente em nossa bebê. Existe uma criança que ainda nem nasceu no meio de toda essa confusão; ou entramos em paz agora ou nossa filha pode ser prejudicada futuramente, e lógico que nenhum de nós quer isso.

Volto para o quarto dela disposto a amenizar o clima entre nós. Encontro-a vendo um filme.

— Posso me juntar a você? —
pergunto, receoso de sua resposta.

— Acho melhor não, Leandro —
mulher tinhosa do cacete.

— Quero ver um filme, você está
vendo, então vamos ver juntos — sorrio
e sento ao seu lado na cama.

Isis me olha desconfiada.

— Você sabe que não preciso da
sua pena, não?

— E você sabe muito bem sobre
o que penso sobre pena — respondo.

— Um sentimento pobre que
ninguém deveria ter por ninguém — ela

responde, fazendo-me rir.

— Muito bem — sorrio.

— Cala a boca, Leandro — diz, mal-humorada, mas querendo rir.

Coloco o travesseiro em meu colo, mas Isis não chega nem perto de mim. O filme todo a vi nervosa e incomodada com minha presença. Saí do quarto com a desculpa de que estava com dor de cabeça para não ter que incomodá-la mais.

Sempre achei deprimente comer sozinho, por isso fiz questão de fazer companhia para ela nas refeições. Não

posso deixar de lembrar que nosso primeiro encontro foi para um jantar. Notei que Isis, apesar de ser nova, não tinha uma rotina de baladas. Seu jeito doce e delicado me fez perceber que ela preferia as coisas mais calmas e foi assim que ela me conquistou. Em nosso primeiro jantar eu já sabia que ela tinha meu coração.

— Você está bem? — indago, vendo-a comer em silêncio.

— Sim.

— Ah, Isis, para com isso. Não me trata distante assim.

— E como você quer que eu trate, Leandro? Com carinho e atenção? Você deixou claro que nunca vai me perdoar, então para que isso? Só vou criar ilusões, Leandro, e se bem me lembro, meu casamento acabou quando criei ilusões erradas — ela desabafa.

— Podemos ser ao menos amigos, Isis — digo, sincero. — Essa guerra entre nós só vai nos levar por um caminho ruim. Toda vez que brigamos, alguma coisa ruim acontece.

— Não acho que você pensava assim, quando me deixou gritando atrás

de você.

— Realmente não, mas vai me dizer que você nunca mudou de pensamento? Eu estava confuso e...

— Você dormiu com outra mulher? — ela indaga, amarga.

Suspiro antes de responder a verdade.

— Eu estava bêbado, Isis — tento explicar.

— Sai do quarto — diz firme, surpreendendo-me.

— Isis, você...

— Não tenho o direito de ficar

chateada? — diz, aumentando o tom de voz. — Pois saiba que tenho e muito! São os meus sentimentos, raiva, amor, paixão. Você não manda no meu coração. Agora sai do quarto! — ela aponta para a porta.

— Eu não ia dizer isso — digo, levantando-me. — Ia falar que sinto muito, pois sei que isso poderia magoá-la. Tenha uma boa noite.

Fui para meu quarto irritado, mas irritado com minha vida, em como tudo estava tão bem e, depois, uma avalanche de problemas surge do nada.

Deito na cama para dormir, mas minha cabeça está a mil com tantos pensamentos.

Isis aparece na porta do quarto e caminha com sensualidade. Ela sobe na cama e vem engatinhado como uma gata em minha direção. Ela morde os lábios até que para em cima de mim e me beija. Deus, que saudade...

Puxo-a pela cintura, esfregando seu sexo em minha ereção, o desejo latejando dentro de mim. Viro-a com força, colocando-a em meu lugar e deslizo meus lábios por seu pescoço,

tocando seus seios com força, enquanto ela geme. Tiro suas roupas, admirando seu corpo nu, e tiro as minhas roupas logo em seguida. Preciso urgentemente entrar nela. Seguro meu membro com força e paro antes de penetrá-la, esfregando só cabeça; ela geme por antecipação, assim como eu. Estou pronto para tomá-la em meus braços quando meu celular toca.

Acordo, assustado, o momento se esvaindo e a realidade sendo trazido à tona.

— Alô — respondo, mal-

humorado.

— Leandro, liguei mais cedo para aí e me contaram que você estava no hospital com a Isis. O que houve? — Max indaga, preocupado.

Conto a ele tudo o que aconteceu e Max não só não me chama de santo, como também disse que a culpa da Isis cair foi minha. Tentei argumentar, contando que estava tão confuso na hora que só queria sair e esquecer o que houve que não prestei atenção que ela vinha atrás de mim. Mas ele não me defendeu, disse que a culpa foi minha e

que eu deveria consertar meu erro. Encerramos a ligação e voltei a me deitar.

Realmente foi minha culpa ela ter caído.

Levanto e vou ao seu quarto, encontrando-a dormindo profundamente. Sento na beirada na cama e a cubro com o edredom, retiro o cabelo do seu rosto e deixo um beijo em sua testa.

— Eu sinto muito, Isis, me desculpe. Eu deveria ter prestado mais atenção — lamento.

— Não foi sua culpa, Leandro

— ela sussurra baixinho.

Sorrio.

— Achei que estivesse dormindo.

— Eu estava, mas senti seu beijo.

— Eu só queria me desculpar.

— Não foi sua culpa, foi um acidente — diz, sonolenta.

— Dorme, Isis — faço um carinho em seu cabelo.

— Fica aqui comigo — ela pede, surpreendendo-me.

Não respondo, só me junto a ela,

deitando ao seu lado. Isis se aconchega em meu peito, dormindo logo em seguida. Surpreendo-me ao perceber meu sono chegar quase que imediatamente.

Na manhã seguinte, acordei antes de Isis, deixei um bilhete informando-a que precisava ir na clínica verificar algumas coisas, mas que voltava para almoçar com ela.

$$\begin{array}{c} \cdot *' \cdot \\ , \cdot \bullet' , \cdot \bullet *' \cdot) , \cdot \bullet *' \cdot) \\ (, \cdot \bullet' (, \cdot \bullet' \end{array}$$

— Sr. Leandro, seu amigo Max está aqui para vê-lo — Fernanda, a recepcionista da clínica, informa. Assinto e ele entra na sala, jogando charme para ela, que sorri.

Conquistador barato.

— Vim saber como está a Isis.

— Está bem, na medida do possível.

— Você parece culpado, aconteceu alguma coisa? — isso que dá ter um amigo que te conhece melhor do que você mesmo.

— Dormi com ela na noite

passada — conto.

— Você transou com ela?! —
pergunta, surpreso.

Conto exatamente o que
aconteceu e Max escuta atentamente.

— E por que você está se
culpando?

— É complicado.

— Fala, Leandro. Se você não
falar comigo, vai só ficar remoendo isso
aí dentro.

— Eu a amo, você sabe. Mas
não consigo esquecer.

— Você quer perdoá-la, não é?

— indaga em expectativa.

— Quero, mas eu não consigo esquecer — respondo indiretamente.

— Você só precisa de tempo e entender que perdoar não é fraqueza e, sim, uma virtude, meu amigo.

— Eu acho que sim — respondo com os pensamentos nela.

— Você quer almoçar? — diz, mudando de assunto.

— Combinei com Isis que almoçaria com ela, mas sei que ela gostará de ver você.

— Então vamos — deixo tudo

em ordem na clínica e seguimos para a mansão; vou no meu carro e Max no dele.

Quando chegamos, vejo um carro diferente, mas não sei de quem é. Isis está com visita.

— Alma, quem está com a Isis?
— indago quando a encontro na sala.

— O Dr. Felipe — ela diz, inocente.

Sinto na mesma hora meu ritmo cardíaco aumentar com a raiva. Quem esse cara pensa que é para vir aqui?

— Leandro, acalme-se — Max

pede, enquanto corre atrás de mim.

No entanto, a raiva se transforma em um ódio cego quando abro a porta do quarto e encontro Felipe se afastando dos lábios de Isis, que está deitada, fitando-o com os olhos arregalados.

— É assim que você quer meu perdão?! — grito, aproximando-me deles.

— Leandro, eu... — Isis tenta falar, mas começa a gaguejar, nervosa.

— Eu a bei... — não deixo o canalha terminar de falar e acerto meu punho em seu rosto, ele tomba para trás,

mas não cai, tentando me acertar de volta e desvio. Anos de boxe serviram para alguma coisa. Acerto o babaca outra vez, o ódio me consumindo, deixando-me cego.

— Faz alguma coisa, Max! —
ouço Isis gritar.

Com a distração, Felipe consegue acertar um soco de raspão em meu queixo e isso só me enfurece ainda mais. Consigo derrubá-lo e ficar sobre ele, no entanto, antes que eu possa socá-lo até não poder mais, Max me tira de cima dele.

— Chega, Leandro, você vai matar o cara — Max diz baixo.

Respiro com dificuldade. Cego pela raiva, viro-me para Isis, aproximando-me.

— E eu achando que você tinha se arrependido! — grito, enfurecido.

— Leandro... — Max tenta me calar.

— Eu saio e o que você faz?!
Traz seu amante para a casa do seu pai!
Me faz um favor, Isis? — encaro-a, enquanto as lágrimas descem por seu rosto, mas vejo seu olhar duro

direcionado a mim. — Some de uma vez por todas da minha vida! — finalizo, derrotado.

Breno entra e ajuda Felipe a levantar, tirando-o do quarto em seguida.

Isis está sentada na cama em silêncio. Sem dizer nada, ela pega as muletas ao lado da cama. Max vai saindo do quarto, mas é impedido por ela.

— Fique, Max — ele se aproxima dela e a ajuda a se levantar.

Ela se aproxima e para bem

perto do meu rosto.

— Suma você da minha vida de uma vez por todas — diz calmamente e sua ousadia me irrita ainda mais, mas ela continua. — Eu estava cochilando quando acordei sentindo um beijo em meus lábios. Antes que eu pudesse pensar em qualquer coisa, você chegou — ouço Max respirar fundo atrás dela, mas não o encaro. — Pegue suas coisas e saia da casa do meu pai agora — ela diz firme.

— Isis...

— Agora, Leandro! — ela grita.

Encaro-a de volta por alguns segundos e meneio a cabeça em afirmação. Saio do quarto, arrasado, sem saber o que pensar ou falar. Dessa vez eu fiz besteira e não foi das pequenas.

Capítulo XXI

— Isis, você está bem? — Max indaga quando Leandro sai do quarto.

— Estou, obrigada — tento sorrir. — Desculpe por toda essa confusão.

— Você não tem que se desculpar, Isis. O Leandro só estava nervoso, dá uma chance para ele — ele pede pelo amigo.

— Eu gostaria muito de fazer isso, Max, mas Leandro não quer uma chance, ele não quer me perdoar e não quer esquecer. Não posso fazer nada se

ele não quiser primeiro, entende? — digo, sentando-me na cama.

— Como o Felipe entrou aqui?
— ele indaga e senta na poltrona ao lado.

— Eu ficaria grata se você descobrisse isso para mim, mas acredito que Alma o deixou subir. Só não entendo o porquê se ela sabia que eu estava dormindo — suspiro.

— Vou falar com ela.

— Max, você pode se certificar que Leandro está saindo, por favor?

— Vocês me colocam em cada

enrascada.

Ele sorri gentilmente e sai do quarto, indo atrás do amigo.

Quando saí do hospital, estava disposta a esquecer o Leandro. Ele deixou claro que não pretendia me perdoar e, para esquecê-lo, eu precisava ficar longe dele, mas depois do acidente com a escada, ele estava decidido a sermos amigos pelo bem da bebê e cheguei a concordar com ele; eu só precisava me manter neutra.

No entanto, ontem à noite, quando ele veio se desculpar tão

carinhoso, meu coração bateu muito mais forte e não resisti, pedindo para ele ficar comigo. Leandro me surpreendeu ao deitar-se ao meu lado. Acordei com um fio de esperança e fiquei feliz em encontrar seu bilhete informando que almoçaria comigo.

Mas, então, mais uma confusão aconteceu. Estou cansada de tudo isso sinceramente.

Leandro precisa ir embora, eu preciso esquecê-lo e ponto final.

Esse é o fim da nossa história.

Fico na cama por mais algum

tempo, a agonia tomando conta de mim por ficar tanto tempo sem o que fazer. Penso em levantar da cama quando Leandro volta ao quarto.

— Pedi para você sair — digo, tentando ser firme.

— Eu já fiz minha mala, mas gostaria de fazer um pedido antes de ir — ele se aproxima da cama. — Posso vir te visitar? Você e a bebê?

— Ela é sua filha, Leandro.

— Obrigado — ele se aproxima para beijar meu rosto, mas me retraio. — Isis, eu sinto muito — ele diz antes

de sair.

A porta fecha atrás dele e choro, choro com uma criança. As lágrimas descem em monte por meu rosto, a tristeza preenchendo cada pedaço dentro de mim. Levantei com dificuldade e tomei um banho; meu tornozelo latejava de forma absurda, por isso tomei um analgésico e voltei para a cama. Logo depois, Alma veio trazer meu almoço, desculpando-se por ter deixado Felipe subir sem me avisar. Respondi que tudo bem e pedi que isso não se repetisse mais.

Após o almoço, sentei na varanda, tomando um pouco de ar e vi quando o carro do Felipe estacionou. Suspirei.

— Pode mandá-lo subir, Alma — disse quando ela abriu a porta do quarto para avisar da visita.

Alguns segundos depois, Felipe sentou ao meu lado. Não o encarei, mantendo meu olhar direcionado ao jardim e ele fez o mesmo quando falou.

— Voltei para me desculpar.

— O que veio fazer aqui antes?

— pergunto, olhando para ele.

Seu rosto está péssimo, o queixo inchado e hematomas no olho e perto da boca.

— Ele acabou comigo, eu sei — ele diz quase sorrindo.

Não acho graça.

— Vocês são dois idiotas — respondo, mal-humorada.

— Não queria causar aquela confusão, eu só queria ver como você estava, mas quando entrei e a encontrei dormindo, só pensei em um beijo de despedida.

— Você fez mal, Felipe.

— Você teria me dado se eu tivesse pedido?

— De qualquer forma, você não tinha o direito de me beijar sem minha permissão. O que tivemos no passado e nosso erro recente não te dá esse direito.

— Para de chamar o que tivemos de erro.

— E você quer que eu chame de quê? — digo sem entender. — Aventura amorosa? — ele sorri.

— Soa melhor — brinca.

— Idiota.

— Um idiota que te ama, Isis.

— Felipe — advirto-o.

— Ainda temos uma chance, Isis,
basta você escolher.

— Meu coração já tem dono,
Felipe.

— Mas ele não te quer — isso
me magoa.

— Mas isso não é motivo para
iludir você.

Ele vira a cadeira para minha
frente e segura minha mão.

— Eu me contento com o que
você quiser me dar, Isis — seus olhos
estão marejados.

— Não deveria, Felipe —
respondo triste por ele.

Ele suspira.

— Se você o ama tanto assim,
por que o traiu para começar? —
indaga, confuso.

— Você foi um amor louco da
juventude, Felipe. Quando o reencontrei
depois de anos, fiquei abalada e confusa
com sua presença. Naquela noite, foi
como se meus sentimentos por Leandro
tivessem adormecidos; meu pai adoeceu,
você me ajudou. Tudo isso me
confundi, Felipe. Talvez não seja a

explicação quer você quer ouvir e também nem a entenda, mas quando te encontrei, meus sentimentos se tornaram uma confusão. Se isso explica, eu não sei — dou de ombros. — O que realmente sei é que não amo você, Felipe, não mais — aperto sua mão em conforto. — Hoje sinto um carinho por você Felipe, nada mais do que isso.

— Posso viver com isso — ele respira fundo.

Ficamos alguns minutos em silêncio, até que ele informa que vai embora.

— Felipe — chamo-o quando ele abre a porta.

— Sim?

— Você tem uma família maravilhosa, se esforce para ser feliz — ele assente e sai.

Sei que não vai ser fácil, mas espero realmente que ele consiga, alguém nessa história precisa ter um final feliz.

. * ' ')

, . . ' , . . * ' ') , . . * ' ')

(, . . ' (, . . '

Um mês depois...

— Isis, fico muito feliz em informar que você está de alta — a doutora Carol sorri.

— Nossa, nem acredito! — sorrio.

— Tem certeza, doutora? — Leandro indaga para ela ao meu lado.

— Sim, o hematoma no óvulo desapareceu completamente e o tornozelo está novinho em folha — Leandro assente.

— Então, posso levar uma vida normal?

— Pode e deve. Faça o enxoval da bebê e pode voltar a trabalhar se quiser.

— Parece bom demais para ser verdade — brinco.

— Pois então aproveite. Nos vemos no almoço hoje? — Carol indaga, animada.

— Claro, está combinado — sorrio. — Vou esperar por você na sala do meu pai e depois saímos — respondo.

— Combinado — ela sorri.

No dia do acidente da escada,

Carol me viu muito abalada e acabei desabafando com ela sobre minha vida. Desde aquele dia, mantivemos um contato discreto. Em minha última revisão, duas semanas atrás, não tivemos nenhum progresso e combinamos que se na próxima consulta eu estivesse melhor, sairíamos para almoçar.

Espero fazer uma amiga.

Saímos do consultório dela e Leandro pergunta.

— Você pretende voltar a trabalhar?

— Claro! — respondo, animada.

— Deus me livre ficar em casa sem fazer nada, esse mês foi terrível.

Na verdade, esse mês foi terrível por outro motivo. Esquecer Leandro não é uma tarefa fácil. E, para dificultar meu trabalho, ele me visitou todos os dias, sempre sendo carinhoso e prestativo. Quando a bebê se mexeu pela primeira vez, ele estava comigo e nunca o vi tão feliz. Entendi que ele ficou dessa forma por não perder a primeira vez que a bebê se mexeu. Ficamos radiante e emocionados.

— Você quer ir comprar alguma coisa no shopping?

Confiro o relógio.

— Tenho duas horas até o almoço com a Carol.

— Tempo suficiente.

Seguimos para o shopping. Ao chegar, procuramos direto as lojas de crianças.

— Você já decidiu o nome da bebê? — pergunto enquanto escolho alguns macacões rosas. Leandro me fita, sorrindo. — Parece que já escolheu — sorrio.

— Maria Luiza — ele diz com os olhos brilhando.

— Ah, que lindo! Vou ter minha própria Malu.

— Você já colocou apelido na menina — ele tenta parecer bravo, mas não consegue.

— Sou criativa — brinco.

Com Leandro sendo doce e carinhoso, é impossível ficar brava com ele. A briga que tivemos quando Felipe me beijou já foi esquecida, ao menos por mim. Não tenho raiva dele; fiquei magoada no momento e até por uns dias,

mas como guardar um sentimento ruim quando a pessoa só faz te agradar?

Temos sido amigos e nos dado bem, mas tenho sempre muito cuidado para não ultrapassar nenhuma barreira, de não confundir as coisas. Se ele me trata bem, é porque sou mãe da filha dele. Enquanto eu mantiver isso em minha mente, está tudo bem.

— Max nos convidou para jantar hoje — ele diz como quem não quer nada.

— Que legal!

— Você quer ir?

— Claro, Max cozinha muito bem e vai ser um prazer comer algo diferente do que Alma cozinha — sorrio. — Lógico que ela cozinha divinamente, mas vai ser bom diferenciar.

— Passo na sua casa às vinte horas então.

— Está ótimo.

Continuamos as compras e, quando percebemos, já está na hora de voltar. Leandro me leva de volta ao hospital, despede-se com um beijo em meu rosto e vai para sua clínica. Sigo

para a sala do meu pai. No meio do caminho, encontro com Felipe, que me cumprimentar educadamente com um aceno, sem parar de andar.

Ele está tentando se manter longe.

Encontro com Carol antes de entrar na sala.

— Vamos? — digo, animada.

— Na verdade, vim perguntar se podemos comer aqui mesmo. Já até pedi que entregassem, estou com uma paciente em observação e prefiro ficar por perto.

— Claro, vamos esperar na sala até a comida chegar.

— Como sente-se estando livre?
— ela sorri, sentando-se no sofá.

— Nunca amei tanto o fato de ver outras pessoas e sair na rua.

— Fico feliz por você, mas estou vendo um brilho diferente em seus olhos.

— É com Leandro — conto.

— Imaginei — ela sorri. —
Vocês se acertaram?

— Não, mas o fato de estarmos bem, sem brigas, já me deixa em paz.

— Espero que se acertem logo.

— Amanhã vai fazer dois meses que estamos separados.

— Não fique triste, o importante é que estão bem agora.

— Você tem razão.

Continuamos conversando e logo nosso almoço chega. Carol é uma companhia extremamente agradável; ela me contou um pouco sobre sua vida, mas como ela mesma disse, não há muito a contar; ela tem namorado e divide o apartamento com ele, seus pais são do interior de Minas Gerais e ela veio para

São Paulo para estudar e ficou por aqui.

Depois que almoçamos, Carol foi atender seus pacientes e aproveitei para ver alguns documentos do hospital que estavam sob os cuidados de Leandro. Também reabri minha agenda para voltar a atender e depois fui para casa.

Só tive tempo de tomar um banho e me arrumar quando Leandro chegou. Desci a escada com cuidado e o encontrei sorrindo.

— Você está linda — ele beija meu rosto, o que causa um frio na minha

barriga.

— Obrigada — devo estar corando.

Seguimos para o apartamento do Max no carro de Leandro. A viagem é curta e tranquila e sem silêncio constrangedor, que é o melhor.

— Estamos vinte minutos adiantados — Leandro informa.

— Max vai se surpreender já que normalmente sempre nos atrasamos — brinco.

Leandro sorri. Cumprimentamos o porteiro, que já estava ciente de nossa

visita, e pegamos o elevador. Leandro vai tocar a campainha quando a porta é aberta e Max surge beijando uma morena. Fito Leandro, sorrindo, mas sua expressão preocupada me deixa confusa.

Max deixa os lábios da garota assim que percebe que tem espectadores.

Max, a morena e Leandro se encaram de uma forma tão estranha que é nítido que algo está errado.

— Você não me contou que teríamos companhia, amor — a mulher fala sensualmente para Max, mas ela não

para por aí. — Com seu amigo, eu transo novamente, mas sem outra mulher.

Arregalo meus olhos.

Novamente?

Então minha ficha cai. Ela é a mulher que Leandro dormiu e, pelo jeito, ele a dividiu com Max. Meu estômago dói na mesma hora. Viro-me, voltando para o elevador com Leandro gritando meu nome atrás de mim.

— Isis, espera! — ele diz, segurando meu braço.

— Oh, meu deus! Você fez um ménage? — pergunto sem acreditar.

— Eu estava bêbado, Isis — ele tenta explicar, mas a dor em meu peito é tão forte, é como se rasgasse tudo dentro de mim, e não consigo respirar direito. — Isis, fica calma — pede, preocupado.

Saber que ele dormiu com alguém foi uma coisa, mas ver a linda mulher na minha frente e ter certeza de que realmente aconteceu é completamente diferente.

— Isis?

— Foi isso que você sentiu quando descobriu sobre o Felipe? — Coloco a mão em meu peito sentindo

que posso morrer a qualquer momento.

Ele assente sem dizer nada.

— Meu Deus, Leandro... —
sussurro, sentindo essa terrível dor em
meu coração.

São tantos sentimentos; raiva,
ciúmes, amor que fico por um momento
perdida dentro de mim mesma. Quando
nos separamos, sofri com a ausência do
Leandro, mas nunca senti o que estou
sentindo agora. Quando ele dormiu com
ela, não estávamos juntos. Minha razão
sabe disso, mas meu coração não.

— Isis, isso é passado...

— Você já esqueceu o que aconteceu? — pergunto com as lágrimas descendo por meu rosto.

— Cada dia um pouco mais — ele sorri, triste. — Se eu consegui, você também pode — ele diz, sincero.

— O que você quer dizer, Leandro?

— Que se você estiver disposta a esquecer todas as burradas que cometi durante esses dois meses, ficarei muito feliz.

Durante esses três anos de casamentos, vi Leandro triste, mas nunca

o vi chorar. E nesse momento, uma lágrima desce por seu rosto.

— Eu queria ter falado isso em outro momento, ter preparado algo bem romântico para que você não fosse capaz de me dizer não, mas algumas coisas simplesmente acontecem, não é? — ele passa a mão pelo rosto e logo depois seca minhas lágrimas.

Leandro se aproxima e segura meu rosto em suas mãos.

— Me perdoa, Isis, por favor, eu te amo.

— Sou eu que devo pedir

perdão, Leandro.

— Não, você já pediu antes, eu que fui teimoso demais para dizer sim — ele diz com a voz embargada.

— Mas você ainda não esqueceu completamente — encosto minha testa na sua.

— E para ser sincero, Isis, acho que nunca vou, mas sei que posso conviver com isso.

— Você tem certeza, Leandro? — fito seus olhos.

— Assim como tenho certeza que te amo e não posso viver sem você.

— Também amo você.

As lágrimas em nossos rostos se misturam quando Leandro me beija apaixonadamente. Toda a dor que estava sentindo desaparece como magia e o amor que sinto por ele preenche tudo, não deixando nenhuma mágoa ou tristeza para ser lembrada.

— Amo você... Amo você... —
ele sussurra quando deixa meus lábios.

— Com todo amor que há mim,
agora e para sempre.

Capítulo XXII

Eu ainda não consigo acreditar no que aconteceu. Passei o último mês chorando quase todas as noites com a ausência do Leandro, tendo a certeza de que tudo estava acabado entre nós e hoje estou sendo surpreendida.

— Se eu soubesse que era só vocês encontrarem a Ariane para tudo ficar bem, eu teria providenciado esse encontro há muito tempo — Max tenta brincar, mas recebe um olhar mortal do Leandro. — Muito cedo para piadas? — ele dá de ombros, desculpando-se.

— Isis, eu sinto muito, não sabia que ela estaria aqui — Leandro diz para mim e depois fita o amigo.

— Em minha defesa, vocês estão adiantados e ela já estava indo embora — ele ergue as mãos.

— Vocês estão namorando? — indago com medo da resposta.

Max fita Leandro, meio apreensivo.

— Ah, cara, não acredito nisso! — Leandro diz, irritado.

— Ela é gostosa! — ele diz como se isso explicasse tudo.

— E acabou de dizer que transaria comigo na sua frente! — Leandro grita e depois me fita com uma expressão culpada.

— Ela estava irritada por que sabia que eu receberia uns amigos para jantar e não foi convidada — Max tenta defendê-la.

Não quero nem imaginar como será se Max e essa mulher ficarem sério mesmo. Claro que sei que a vida é dele, mas Max é quase um irmão para Leandro e está mais presente em nossa vida do que qualquer outra pessoa e se

esse namoro ficar firme,
consequentemente Ariane vai entrar em
nossas vidas também.

— Não pense muito nisso —
Leandro diz, beijando meu rosto.

Depois do que aconteceu no
corredor, Max colocou a mulher no
elevador e a mandou embora. Graças a
Deus, por que preciso realmente de um
tempo antes de encontrá-la novamente.

O jantar transcorre normalmente.
Max preparou uma massa deliciosa e,
após o jantar, conversamos
principalmente sobre Maria Luiza.

Minha bebê agora tinha um nome e a cada momento ela se torna mais real.

— Vamos indo, querida —
Leandro diz, levantando-se e segura minha mão.

— Max, foi um prazer jantar com você — abraço-o, despedindo-me.

— O prazer foi meu — ele sorri.
Sigo para a porta, enquanto Leandro murmura alguma coisa para ele, que escuta atentamente. Eles se despedem e vamos embora.

Leandro foi o caminho de volta em silêncio. Fiquei pensando se algo

estava errado, mas acabamos de nos acertar, então...

— Está tudo bem? — pergunto, preocupada.

— Está, sim. Me desculpe pelo silêncio, só estou pensando no que aconteceu.

— Tudo bem, ainda estou processando também — vejo Leandro pegar uma rota diferente do caminho para a casa do meu pai.

— Para onde estamos indo?

— Para nossa casa — ele diz, sério. — De onde você nunca deveria

ter saído — sinto a dor em sua voz.

— Oh, Leandro... Eu errei, você precisava de um tempo — digo, tentando amenizar o clima.

— Não, Isis, eu não deveria ter deixado você ir embora. Talvez, se tivéssemos resolvido isso juntos, não teria demorado e teríamos evitado algumas mágoas.

— Concordo com você, mas o que aconteceu já passou — toco sua perna, fazendo um carinho. Ele sorri gentilmente.

Conforme

vamos

nos

aproximando do nosso prédio, um frio na minha barriga parece me congelar por dentro. Depois de dois meses, estou de volta em minha casa. Não consigo nem acreditar. Passamos pela portaria e o Sr. Zé, o porteiro, cumprimenta-me com um sorriso. A cada andar que o elevador passa, fico ainda mais nervosa, até que a porta abre na sala principal e Leandro segura minha mão.

— Bem-vinda de volta — ele sorri.

— Obrigada — sorrio, ainda um pouco assustada com tudo isso.

— É real, Isis — ele afirma.

— Parece difícil de acreditar.

Leandro se aproxima lentamente, segura meu rosto e beija meus lábios apaixonadamente, pressionando seu corpo contra o meu, enquanto nos beijamos; a saudade e o amor que sentimos sendo transmitido através de um único beijo.

— Isso parece real para você?

— ele indaga, rouco, e só consigo assentir.

Leandro me pega no colo e a imagem me faz lembrar de quando nos

casamos e ele me carregou para o quarto em nossa lua de mel. Ele faz o mesmo caminho e me coloca com cuidado na cama, deitando-se por cima de mim, voltando a me beijar. É um beijo calmo, lento, mas sensual a ponto de me fazer perder a respiração. Beijamo-nos com paixão, como se não houvesse um amanhã, sem pressa. Somente ele e eu nesse momento que vai ficar guardado para sempre em minha memória.

Leandro cobriu meu pescoço com beijos ávidos, enquanto suas mãos me libertavam da calça jeans. Ele me

segurou pelas costas e me fez sentar, tirando minha blusa e expondo minha lingerie. Olhando em seus olhos, abria cada botão de sua blusa. Leandro me beijou novamente e voltou a me deitar antes de tirar as calças. Logo estávamos nus e sua excitação era visível. O desejo nos consome como fogo. Leandro tomou meus lábios novamente, saboreando-os devagar, enquanto minhas mãos percorriam seus ombros, suas costas, seus braços e seu bumbum.

— Preciso de você, Isis — sua voz sai um tanto rouca, deixando-me

ainda mais excitada.

Seus lábios cobriram os meus quando ele me penetrou. Suspirei alto, impactada com a sensação de ter Leandro em mim. Leandro se movia com lentidão, adorando meu corpo e beijando meus lábios, enquanto éramos um só. Extasiada com as sensações, com o prazer e com o amor que sinto por Leandro, cheguei ao clímax rapidamente, chamando por seu nome.

— Você é linda, meu amor... tão linda... — ele sussurrou em meu ouvido antes de senti-lo gozar.

Estremecemos juntos, a respiração alterada e até mesmo suados, mas o principal, o que faz meu coração disparar de felicidade, é que este momento está realmente acontecendo.

— Obrigada, Leandro — digo com os olhos marejados.

— Eu que agradeço por você ser gostosa desse jeito, amor — ele brinca, beijando meus lábios e deita ao meu lado ainda respirando com dificuldade.

— Bobo, você sabe do que estou falando — viro-me de lado, ficando de frente para ele, e toco seu peito com um

carinho.

— Eu amo você, Isis, isso deveria ter sido suficiente para perdoá-la na primeira vez que conversamos — ele suspira. — Mas fui teimoso demais e a mágoa tomou conta do meu coração — ele pega minha mão, beijando-a e em seguida continua. — Peço perdão por isso também.

— A gente se ama, Leandro, e isso basta — sorrio com lágrimas descendo por meu rosto.

— Isso basta — ele repete, emocionado.

Aconchego-me em seus braços com os pensamentos em nosso futuro, na nossa família. Meu Deus, como errei, como fui tola em trocar a minha família por uma ilusão, mesmo que por uma noite. Perdi minha felicidade e o homem da minha vida, cheguei ao fundo do poço e me encontrei sem esperanças de salvar meu casamento.

Sei muito bem que tudo isso poderia acabar diferente se Leandro não tivesse um coração bom, se ele não fosse capaz de me perdoar. Traição é algo muito sério, que desestabiliza um

casal, uma vida. Eu fiz isso e só Deus sabe como me arrependo.

Assim como Leandro disse que é capaz de me perdoar, mas que provavelmente vai ser difícil esquecer algum dia, eu sinto o mesmo. Ele me ama, eu o amo, mas isso vai ficar manchado em nossa história, em nosso passado, e eu nunca vou esquecer o que fiz e a dor que causei ao homem que amo.

Ouçõ a respiração do Leandro pesada; ele já dormiu. Fecho meus olhos e descanso nos braços do meu amado.

Leandro

É engraçado como as coisas acontecem em nossas vidas, como os erros que cometemos nos levam a lugares que nunca imaginamos passar. Quando Max me visitou aquele dia na clínica, eu estava muito confuso, queria perdoar a Isis pelo o que aconteceu e seguir em frente, mas eu simplesmente não conseguia.

Quando chegamos e vi aquela cena, Felipe a beijando... Nossa! Simplesmente perdi a cabeça. Não raciocinei antes de falar e me enfureci

sem ouvi-la antes.

Erros.

Uma sequência deles desde que tudo aconteceu, mas isso ficou no passado. Só quero aproveitar agora a companhia da minha esposa e ser feliz ao seu lado.

Duas semanas depois de ela ter voltado para casa, algumas mudanças estão sendo feitas. A primeira foi trazer Alma e Breno para trabalharem conosco. Como Isis não dirige, sinto-me mais seguro sabendo que ela tem alguém disponível para isso. Ana ainda continua

conosco nas faxinas, mas é Alma quem coordena as tarefas da casa.

Pensamos em vender a mansão do pai da Isis, na verdade foi ideia dela. Mas eu sei o quanto aquela casa era especial para o Lorenzo e também para minha esposa, que cresceu nela. Sei o quanto ela ficaria feliz que Maria Luiza crescesse lá também. Ela não quis falar, mas sei que ela tem receios pelo fato de ela ter dormido com ele naquela casa. No entanto, a casa é só uma casa, uma lembrança ruim que deve ser esquecida não pode sobressair as lembranças boas.

Por isso, fui franco com ela. Conversamos, e Isis contou muito envergonhada que aconteceu em seu antigo quarto. Mantive-me firme para não deixar a lembrança ruim nos atrapalhar e consegui. Raiva daquele babaca sempre vou ter, mas não posso deixar que isso atrapalhe minha vida com ela. Por isso, decidimos transformar o quarto em um escritório, mas tenho quase certeza que nunca será usado.

— Amor, chegou isso aqui para você — estou me trocando para sairmos

quando ela aparece no quarto com um envelope.

Abro o envelope e encontro uma ata judicial com a data para comparecermos perante o juiz para o divórcio litigioso.

Observo Isis nervosa, mas ela não diz nada.

— Vou pedir ao advogado para resolver isso — informo-a.

— Obrigada — ela leva a mão ao meu peito e sorri.

Deixo o envelope de lado e abraço-a.

— Você ainda me ama? — faço um carinho em seu rosto.

— Muito mais do que ontem — ela beija meus lábios suavemente.

Abaixo na sua frente e beijo sua barriga.

— Oi, Malu!

Isis começa a rir.

— Até você se rendeu à Malu — ela implica.

— Não tinha como, todos a chamam assim — dou de ombros. — O almoço está confirmando?

— Sim, confirmei mais cedo

com a Carol e o Max.

— Espero que eles não briguem dessa vez — digo, lembrando o jantar que fizemos há dois dias em que convidamos nossos amigos e, por algum motivo, eles se desentenderam, deixando um clima constrangedor no ar.

— Eu também — Isis sorri. — Mas como vamos estar em público, acho que eles se comportam.

— Espero que sim, vamos então? — ela assente e seguimos para o restaurante.

Max realmente está namorando

Ariane, a mulher daquela fatídica noite. Constrangedor, eu sei, mas graças a Deus não tivemos nenhum encontro em comum e prefiro que fique assim. Isis e eu tivemos a ideia de apresentar ele a Carol, já que ela terminou um namoro recentemente, mas não deu muito certo. Hoje é a segunda tentativa.

Isis está ao meu lado, radiante.

A gravidez a deixou com um ar mais leve, ainda mais bonita se é que isso é possível.

Depois de tudo que ela passou no início da gravidez, vê-la

descontraída, trabalhando, criando uma amizade e sendo feliz, deixa-me feliz também. A felicidade dela é a minha; pode ser clichê, mas quando a gente ama, é simples assim.

No restaurante, encontramos nossos amigos e nos juntamos a eles.

— Oi, casal feliz — Max nos cumprimenta.

— Olá! — Isis o abraça e logo depois a Carol. Faço o mesmo e depois nos sentamos.

— Está linda, Isis! — Carol diz ao seu lado.

— Estava pensando nisso agora pouco — revelo.

— Obrigada — ela cora.

Conversamos animadamente.

Isso é uma das coisas boas da vida que às vezes não aproveitamos muito. Estar com amigos, aqueles que estão conosco em todos os momentos, tornando nossa vida muito melhor.

Observo Isis por um segundo e fico feliz por no final termos superado tudo o que passamos.

Afinal de contas, essa é a nossa história...

Fim...

Epílogo

Ser mãe é muito mais do que já imaginei. Aprendi que ser mãe é além do amor que sentimos, além daquilo que ouvimos. É gratificante, exaustivo, mas, acima de tudo, um aprendizado. Há seis meses, Maria Luiza nasceu com três quilos e setecentos, quarenta e cinco centímetros, de parto normal. A cara do pai, Malu é a coisinha mais linda que já vi na minha vida.

Coloco-a no berço com muito

cuidado para não a acordar e me deito, exausta. Malu não dormiu muito bem na noite passada e, como Leandro estava de plantão no hospital, fiquei sozinha com ela. Meu marido é um ótimo pai e divide comigo as noites em claro. Temos aprendido tantas coisas juntos que já estamos adaptados à rotina dos pais.

Não sei depois de quanto tempo ouço Leandro me chamar.

— Isis? — quero abrir os olhos, mas estou tão cansada.

— Humm — murmuro sem abrir os olhos.

Sinto Leandro deitar ao meu lado e me abraçar.

— Ela deu trabalho esta noite?

— sussurra.

Viro na cama, ficando de frente para ele, e sorrio.

— Um pouco.

— Sinto muito, achei que conseguiria sair mais cedo — ele explica.

— Faz parte da maternidade — brinco.

Geralmente revezamos na noite. Enquanto durmo, Leandro fica com ela e

vice-versa. Mas em algumas noites, Leandro precisa ficar de plantão e fico sozinha com Malu, que ainda não aprendeu a dormir a noite toda.

— São dez da manhã, você quer tomar café comigo?

— Eu adoraria — levanto um pouco grogue, lavo meu rosto e encontro com ele na cozinha.

Ele sorri ao me ver.

— Conseguiu cochilar por quanto tempo? — ele me entrega uma xícara de café.

Olho para o relógio no meu

pulso.

— Duas horas e meia — sorrio, cansada.

— Ela vai aprender, fica tranquila — ele puxa uma banqueta e senta ao meu lado em frente à ilha.

— Espero que seja ainda esta semana — brinco. — Como foi no hospital? — emendo.

— Foi um plantão calmo. Encontrei com a Carol quando estava saindo e ela disse que vem mais tarde — ele avisa.

Carol e Max são os padrinhos de

Malu e a escolha foi perfeita. Mesmo sendo um bebê, eles não se importam em pegá-la aos fins de semana para passear. Mesmo entre tapas e beijos, eles se dão bem por Malu, falam que ela precisa conhecer São Paulo desde cedo. Amo essas saídas breves, pois consigo ter tempo para um banho e dar um pouco de atenção ao meu marido.

Estou de licença no hospital, ainda sem data para retorno, mas acredito que vou esperar Malu completar um ano para voltar a trabalhar. Optei por não contratar uma

babá agora, pois queria estar com minha filha e dividir esses momentos com ela.

— Já imagino ela trazendo algum brinquedo novo.

— Pode ter certeza. Daqui a pouco, a Malu vai poder abrir sua própria loja de brinquedos — ele sorri e, como sempre, isso me fascina. — Não me olhe assim, Isis — pede, abaixando o tom de voz.

Pulo da banquetta e paro entre o meio de suas pernas, envolvendo meus braços ao redor do seu pescoço, deslizando a ponta da minha língua por

seus lábios.

Leandro envolve minha cintura avidamente, suas mãos prendem em volta do meu cabelo.

— Você gosta de me deixar sedento por você, não é? — ele sussurra em meu ouvido, mordendo-o levemente em seguida.

— O suficiente para você nunca deixar de me desejar — digo entre gemidos com ele beijando meu pescoço.

— Isso nunca vai acontecer...

Ele anseia por meus lábios e nos beijamos apaixonadamente. Meu

coração bate rapidamente. O amor que sentimos transborda neste pequeno encontro. Leandro diminui a intensidade do nosso beijo aos poucos até finalizá-lo com uma leve mordida em meus lábios.

— Quero te fazer um pedido —
ele diz de repente.

Assinto e Leandro salta da banqueta, ajoelhando-se na minha frente. Confusa, apenas observo.

— Tivemos uma filha e estamos realizando nosso sonho, Isis. Mas antes de qualquer sonho que tivemos juntos,

eu sonhei com você — meus olhos estão marejados nesse momento. — Você, Isis, é meu sonho realizado e há três anos, quando nos casamos, esse sonho se tornou real, amor, e daqui alguns dias, será nosso aniversário de casamento. Nesse último ano, adversidades entraram em nosso caminho, mas nosso amor prevaleceu a todas elas. Por isso, preciso muito saber se você aceita renovar nossos votos? — ele finaliza com a voz embargada, emocionando-me.

Inevitavelmente, ajoelho-me na sua frente, completamente emocionada

com suas palavras.

— Isso é o que mais quero nessa vida, Leandro — consigo dizer entres as lágrimas. Ele me abraça, enquanto sussurramos juntos: “Eu te amo”.

Nosso momento fofo é interrompido pelo choro de Malu.

— Pode deixar que eu a pego — ele beija meu rosto e vai buscá-la no quarto.

Encontro com meus dois amores no caminho para a sala.

— Olha quem é a gostosa que acordou! — seguro sua mão gordinha

sorrindo e Malu faz a festa, esticando-se no colo do pai.

Observo Leandro olhar para a filha com tanto amor que chega a doer o coração.

— Vamos brincar, Malu? — ele pergunta para ela, balançando o chocalho, enquanto vai para o quarto de brinquedos.

Quando nos mudamos para casa do meu pai, Leandro fez questão de separar um cômodo para ser o quartinho de brinquedos da Malu. Claro que ela tem brinquedos espalhados por toda a

casa, mas no quartinho da Malu, como chamamos, tem de tudo.

Entramos no quarto, sentamos no chão e Leandro a coloca entre suas pernas. Pego alguns brinquedos apropriados para sua idade e coloco perto de mim, incentivando-a a engatinhar. Como o chão é forrado com tapete emborrachado, não há risco de ela se machucar.

— Vem, Malu, na mamãe! — ela me fita com aqueles olhinhos escuros e me derreto toda.

Ela fica na posição para

engatinhar, mas só joga o corpo para frente e para trás, enquanto faz barulhinhos com boca.

Desisto e me sento ao lado de Leandro.

— Ela está novinha ainda — ele diz, tentando desfazer minha frustração.

— Te amo — digo, olhando para ele.

— Também te amo — ele sorri e segura meu rosto para me beijar.

Ele toca nossos lábios com paixão e só não nos perdemos no beijo por que ouvimos o gritinho gostoso da

Malu. Quando olhamos para ela, ficamos surpresos ao ver que ela estava indo na direção onde deixei os brinquedos.

— Oh, meu Deus! — grito, pegando o celular, começando a gravar ela engatinhando.

— Ela só não queria plateia — Leandro sorri todo orgulhoso.

Deixamos Malu à vontade, enquanto namorávamos um pouco sentados no chão mesmo. No entanto, como foi seus primeiros movimentos, ela não se aventurou muito, ficando mais

perto de nós.

Leandro nos deixa por alguns minutos para buscar um suco para nós e fico toda boba, olhando Malu interagir com os brinquedos.

Quem diria que um serzinho desse tamanho pudesse mudar tanto a nossa vida. Ela trouxe luz e muito mais felicidade para nosso lar. O que um dia foi dor e tristeza, ficou para trás; lembranças ruins não contam história boa.

Nem sempre todos têm seu final feliz ou o final que queriam, mas a vida

é assim. Quem não luta por seus sonhos sempre será somente um expectador dos sonhos alheios.

Felipe e eu um dia desistimos do que tínhamos juntos, mas hoje eu sei que não era para ser. Entreguei meu coração para Leandro no momento em que me apaixonei, dei-me sem reservas e sou feliz ao lado dele.

Semana passada, estive no hospital com Malu, só para dar uma volta mesmo e acabei encontrando com Felipe. Foi triste ver o brilho nos olhos dele quando me encontrou. Ele ainda

não seguiu em frente, o que não entendo, já que no passado ele conseguiu isso facilmente, mas não fiquei triste por isso; fiquei por que Felipe tem uma família maravilhosa que o ama, mas está sonhando com aquilo que ele perdeu e não lutou anos atrás.

Espero que não seja tarde demais quando Felipe perceber que pode perder sua família. Quando perdi o Leandro, aprendi que isso pode ser muito doloroso e não desejo isso para ele, aliás para ninguém.

— Está pensativa — Leandro me

entrega o suco.

— Pensando na vida... — ele assente.

— Ela é linda — ele diz todo babão.

— Sim, ela é — respondo, amorosa.

Malu vem engatinhado para perto de nós e sorri, dando um dos seus gritinhos quando nos alcança. Leandro a pega no colo e finge que está mordendo seus bracinhos, enquanto ela se acaba em uma gargalhada gostosa de ouvir.

Essa é minha vida.

Esse sempre foi o meu sonho.

Por um momento quase perdi tudo isso, mas eu lutei e fui muito abençoada ao casar com um homem com um coração tão bondoso quanto Leandro tem. Nossos sonhos se tornaram só um e tenho certeza de que é isso que nos torna cada vez mais felizes.

Ah, e claro, o fato de nos amarmos incondicionalmente também.

— Deixa pra pensar na vida depois, Isis — ele diz, sorrindo. — Vem brincar com a gente! — ele segura a mãozinha da Malu e faz ela dar um soco

no ar.

Sorrio.

— Mamãe está a caminho para te socorrer, meu bebê, antes que seu pai te coloque para lutar boxe!

Essa é minha vida, depois de todo sofrimento veio o perdão, a paz e amor. Algumas vezes é assim que se constrói uma história e essa é a nossa.

A nossa história...

“Amor não é amor,
se quando encontra obstáculos se
altera,
ou se vacila no mínimo temor.
Amor é um marco eterno,
dominante,
que encara a tempestade com
bravura;
É astro que norteia a vela
errante,
cujo valor se ignora lá na altura.
Amor não teme o tempo, muito

embora,
seu alfange não poupa a
mocidade;
Amor não se transforma de hora
em hora,
antes se afirma para a
eternidade.”

William Shakespeare

Contatos

Facebook - **L. Symone - Autora**

Wattpad - **@L.Symone**

Grupo facebook – **Romances L. Simone**

Email - autoral.simone@gmail.com

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na amazon. Obrigada!

Outras obras na Amazon



Encontrando um Bilionário —

Savanah cresceu em um orfanato e, ao completar dezoito anos, teve que ir embora. Sem saber como começar sua vida sozinha, acaba optando pelo mais "fácil" e torna-se uma acompanhante de luxo. Após dois anos nesse meio, um acontecimento inesperado a faz pensar em seu futuro.

Ela decide voltar a estudar e começar uma graduação; é a melhor opção no momento. Mas, ao chegar à faculdade, seus planos mudam

novamente, optando mais uma vez pelo mais fácil: conquistar um playboy rico... Afinal, casar com o herdeiro de um poderoso CEO tem suas vantagens.

Savanah só não contava que o irmão mais velho de seu alvo fosse um antigo cliente e tivesse planos de destruir seus “sonhos”. Pode o ódio virar amor? "Um romance onde a mocinha pode não ser tão boazinha".



Encontrando um Amor — Gustavo é um cara que adora curtir a vida, mas isso muda quando ele conhece Savannah, uma linda menina/mulher que o faz deixar toda a vida de festas para trás, tornando-se um homem sério e apaixonado. O que Gustavo não esperava era que a sua doce Savannah estivesse com ele pelos motivos errados e que grandes segredos fossem revelados.

Após morar na Itália por alguns anos, Sophie retornou ao país para ficar, deixando para trás um passado. Sophie e Gustavo têm mais em comum do que pensam e quando se reencontram, nada sai como planejado e agora o futuro deles está em jogo.

Brigas, amor e negação...

Como ser feliz quando deixar o passado para trás se torna uma tarefa extremamente difícil?



Encontrando para Sempre — O que fazer quando o amor da sua vida faz parte da sua família? Eitan e Savannah tiveram seu final feliz e desse amor nasceu Luna. Gustavo e Sophie seguiram o mesmo caminho e Miguel é o fruto desse amor.

Primos, Miguel e Luna cresceram juntos,

um sempre presente na vida do outro.
No entanto as crianças cresceram e
aquele amor de primos passou a não
existir mais, dando lugar a um
sentimento abrasador chamado paixão.

Mas viver esse sentimento pode ser
mais difícil do que eles esperam.

Encontros. Desencontros. Obstáculos.

Luna e Miguel conseguirão viver esse
amor?

≡ Este livro pode ser lido independente
dos outros da série ≡

